



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
INSTITUTO DE ESTUDOS SOCIOAMBIENTAIS
Programa de Pós-Graduação em Geografia

ISABELLA DE FARIA BRETAS

**A FESTA CAÇADA DA RAINHA NO ESTADO DE GOIÁS: UM
DIÁLOGO ENTRE LUGAR E IDENTIDADE**

GOIÂNIA
2015

TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR AS TESES E DISSERTAÇÕES ELETRÔNICAS (TEDE) NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei nº 9610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou *download*, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

1. Identificação do material bibliográfico: **Dissertação** **Tese**

2. Identificação da Tese ou Dissertação

Autor (a):	Isabella de Faria Bretas		
E-mail:	isabella.bretas@gmail.com		
Seu e-mail pode ser disponibilizado na página?	<input checked="" type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não	
Vínculo empregatício do autor	Não possui.		
Agência de fomento:	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior	Sigla: CAPES	
País:	Brasil	UF:	GO CNPJ: 00889834/0001-08
Título:	A FESTA CAÇADA DA RAINHA NO ESTADO DE GOIÁS: UM DIÁLOGO ENTRE LUGAR E IDENTIDADE.		
Palavras-chave:	Lugar. Identidade. Festa. Paisagem.		
Título em outra língua:	THE PARTY QUEEN OF THE HUNT IN STATE OF GOIÁS: A DIALOGUE BETWEEN PLACE AND IDENTITY		
Palavras-chave em outra língua:	Place. Identity. Manifestation. Landscape.		
Área de concentração:	NATUREZA E PRODUÇÃO DO ESPAÇO		
Data defesa: (24/03/2015)			
Programa de Pós-Graduação:	INSTITUTO DE ESTUDOS SOCIOAMBIENTAIS (IESA) Programa de Pós-Graduação em Geografia		
Orientador (a):	Maria Geralda de Almeida		
E-mail:	mgdealmeida@gmail.com		
Co-orientador (a):*			
E-mail:			

*Necessita do CPF quando não constar no SisPG

3. Informações de acesso ao documento:

Concorda com a liberação total do documento SIM NÃO¹

Havendo concordância com a disponibilização eletrônica, torna-se imprescindível o envio do(s) arquivo(s) em formato digital PDF ou DOC da tese ou dissertação.

O sistema da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações garante aos autores, que os arquivos contendo eletronicamente as teses e ou dissertações, antes de sua disponibilização, receberão procedimentos de segurança, criptografia (para não permitir cópia e extração de conteúdo, permitindo apenas impressão fraca) usando o padrão do Acrobat.

Assinatura do (a) autor (a)

Data: ____ / ____ / ____

¹ Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. A extensão deste prazo suscita justificativa junto à coordenação do curso. Os dados do documento não serão disponibilizados durante o período de embargo.

ISABELLA DE FARIA BRETAS

**A FESTA CAÇADA DA RAINHA NO ESTADO DE GOIÁS: UM
DIÁLOGO ENTRE LUGAR E IDENTIDADE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia, do Instituto de Estudos Socioambientais da Universidade Federal de Goiás como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Geografia.

Área de Concentração: Natureza e Produção do Espaço

Linha de Pesquisa: Dinâmica Socioespacial

Orientadora: Prof^aDr^a Maria Geralda de Almeida

GOIÂNIA
2015

Ficha catalográfica elaborada automaticamente
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a), sob orientação do Sibi/UFG.

Bretas, Isabella de Faria
A FESTA CAÇADA DA RAINHA NO ESTADO DE GOIÁS:
[manuscrito] : UM DIÁLOGO ENTRE LUGAR E IDENTIDADE / Isabella
de Faria Bretas. - 2015.
CLXIV, 164 f.: il.

Orientador: Profa. Dra. Maria Geralda de Almeida.
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Goiás, Instituto de
Estudos Socioambientais (Iesa) , Programa de Pós-Graduação em
Geografia, Goiânia, 2015.

Bibliografia. Anexos. Apêndice.

Inclui mapas, fotografias, tabelas, lista de figuras, lista de tabelas.

1. Lugar. 2. Identidade. 3. Festa. 4. Paisagem. I. de Almeida, Maria
Geralda, orient. II. Título.

ISABELLA DE FARIA BRETAS

**A FESTA CAÇADA DA RAINHA NO ESTADO DE GOIÁS: UM
DIÁLOGO ENTRE LUGAR E IDENTIDADE**

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Goiás, como parte dos requisitos necessários para obtenção do título de Mestre, avaliada em ____ / ____ / ____ pela Banca Examinadora constituída pelos seguintes professores:

PROF^a. DR^a. MARIA GERALDA DE ALMEIDA
Orientadora

PROF. DR. ELIZEU RIBEIRO LIRA (UFT)
Membro externo

PROF. DR. EGUIMAR FELÍCIO CHAVEIRO (UFG)
Membro interno

PROF. DR. JOSÉ ANTÔNIO SOUZA DE DEUS (UFMG)
Suplente externo

PROF^a.DR^a. MARY ANNE VIEIRA SILVA (UEG)
Suplente interno

Ao meu Deus que é Amigo e Senhor

de todas as obras da minha vida:

Obrigada! Nós chegamos até aqui!

AGRADECIMENTOS

(Costumo dizer que essa dissertação foi feita em “conjunto” e as palavras não são capazes de expressar o meu agradecimento a todos os que fizeram parte dessa etapa da minha vida.)

Ao meu casal preferido, Ricardo (Pinto Filho) e Gabriela (Couto Barbosa), por causa de vocês eu fiz a prova do mestrado, eu conheci intimamente a Geografia, a minha vida mudou tão positivamente! Obrigada! Do fundo do meu coração! Além disso, sem o Ricardo eu não teria NENHUM mapa e imagens de satélite, (risos)..te amo, primo! Você é amigo, primo, irmão..parte de mim..

Mariana (Viana Pinto), Suellen (Maria Matos de Barros) Cristiane (Machado Faria), minhas amigas, primas, companheiras! Com vocês eu fiz viagens tão produtivas! E divertidas! Eu amo a pesquisa, o campo, o envolvimento com a festa e seus partícipes, e vocês quiseram fazer parte disso. Muito Obrigada!

Aos meus pais, familiares e irmãos (Antonio Carlos Batista Bretas, Livia de Faria, Céres de Faria, Luzia Colichio, Virgilio de Faria Bretas e especialmente Julianna de Faria Bretas), agradeço pelo apoio, carinho, amor, paciência e solidariedade. Esse momento de escrita é complicado e vocês compreenderam (minha mãe então!!! Te amo, mãe!). Jú, os fluxogramas, quadros, impressões e muito mais eu devo a você! Obrigada por tudo! Não só por isso, claro..

Agora é a hora da FAMÍLIA ALMEIDA! À “mãe postiça” de todos nós, Maria Geralda, toda a minha admiração, carinho e amor! Não imaginei que desenvolveria tanto sentimento bom assim no mestrado mas a vida nos surpreende! Agradeço por me aceitar e ser companheira até o fim. Aos meus “irmãos antigos” e queridos que me ajudaram, imensamente, nos momentos de “stress” (risos), Marcos, Rosiane, Lara, Luana, Sara, Jorgeanny, Maísa, Eliseu, Valney, Robinson e aos “novos”, Luiz e Leonardo, o meu agradecimento! Vocês não sabem o quanto são especiais.

Aos professores e alunos, em geral, do Instituto de Estudos Socioambientais e equipe do Laboter que contribuíram com a minha formação de maneira singular. (Ismael, Ana Michelle e tantos outros amigos do Iesa..). Aos técnicos administrativos da Secretaria de Graduação e de Pós-Graduação (Daiane e Yuji) que me ajudaram em tantas questões burocráticas, rs..

Aos contribuintes enquanto banca no Exame de Qualificação: Eguimar Felício Chaveiro e Mary Anne Vieira Silva. Mais do que examinadores, vocês foram colaboradores e amigos. Agradeço muito por isso. À Banca da Dissertação: Elizeu Ribeiro Lira e Eguimar Felício Chaveiro por se disponibilizarem a conhecer minha pesquisa e darem sugestões de melhoria.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Ensino Superior – CAPES, pela concessão da Bolsa de Estudos.

Aos que auxiliaram e foram responsáveis diretos pela presente pesquisa, moradores e grandes amigos de Colinas do Sul, Cavalcante e Monte Alegre de Goiás. Obrigada!!!Eu me estenderia por páginas e páginas se colocasse o nome de todos aqueles com quem tive contato e que auxiliaram de alguma forma. Citarei apenas alguns: Alan Cardeks e José Nilo que, pacientemente, me acompanharam por dias nas minhas pesquisas em Colinas do Sul; Zilda (batuqueira animada!), Seu Zico e tia Dora (que nos acolheram com carinho no pouso dos foliões); à família Coelho de forma geral, em especial ao seu Luiz e Paulo Coelho; Dona Ilza e Seu Miro (que nos hospedaram quando nenhum hotel tinha vaga!). Em Cavalcante, Dona Francisca do Hotel FM (uma fofa!), Alicinha (antiga Diretora de Cultura), Jéssica (antiga rainha), alguns da comunidade Kalunga que gentilmente deram entrevistas (isso não é fácil de acontecer!), aos funcionários da Igreja Matriz pelas informações e acesso a documentos valiosos e tantos outros! Em Monte Alegre de Goiás, agradeço especialmente ao Rosolino Netto (professor e morador do município que se disponibilizou a ajudar na pesquisa em todas as viagens a campo), aos padres José Maria, Luiz Antonio e Joaquim (pelas entrevistas e informações), ao Rogério e seu irmão, que são guarda - reais, ao Josemiro (rei de 2014) e família que além de fotos, informações e entrevistas, nos ofereceram amizade, (almoço, lanche, janta, rs!), à Isamaria (rainha de 2014) e sua filha Ana Paula pela prestatividade fora do comum. Obrigada a vocês! E aos que eu não citei o nome, me desculpem..

Por fim, às amigas externas ao programa mas não menos importantes, Carolina (Soares Souza) e Alice (Maria de Souza) pela amizade, incentivo, desabafos, compartilhamentos! À Alice, em especial, pela paciência e ajuda na formatação!

RESUMO

A Caçada da Rainha é uma festa que ocorre, de maneira mais tradicional, nos municípios de Colinas do Sul, Cavalcante e Monte Alegre de Goiás, todos no Estado de Goiás e faz referência à época do Império Brasileiro. Os participantes se vestem de acordo com suas funções, cujas principais são: rei, rainha, imperador e guarda real. Nessa pesquisa defende-se que a festa, por meio dos laços dos moradores e de seus símbolos, signos e representações que passam a demarcar uma cultura singular da festividade no Estado, caracteriza a presença do lugar e por isso necessita ser identificada e espacializada. Por meio da Geografia Humanista, as manifestações culturais ganham forças caracterizadas pela nova abordagem sobre os sujeitos festivos e seus costumes, discutindo o diferente, as particularidades e modos de representação. Sua importância está centrada na análise dos significados e o objetivo é compreender uma festa tradicional nessa perspectiva. É também investigar como esse ritual atua na transformação do espaço em lugar e na criação de identidades de lugar e dos sujeitos partícipes. Para a realização de tais finalidades a metodologia centrou-se no embasamento teórico, por meio da revisão bibliográfica em livros, artigos de periódicos, revistas e outros; na pesquisa de campo que possibilitou a identificação de símbolos, sentimentos, emoções e sensações dos sujeitos, com realização da pesquisa participante, entrevistas semi-estruturadas, técnicas do Diagnóstico Rural Participativo e da História Oral. A catalogação e a interpretação das entrevistas e dos materiais coletados em campo foram subsidiadas pela Análise do Conteúdo Nesse sentido refletiu-se, também, sobre a dimensão humana e sua ligação com o meio, essencial para identificar a Caçada da Rainha enquanto fator de interação entre sujeito e espaço configurado como lugar. Daí, defendeu-se a possibilidade da festa configurar novas identidades tanto do espaço quanto dos sujeitos, que foram analisadas, também, por meio da observação da paisagem, repleta de símbolos e signos de valores. Esse caráter simbólico, a existência de sentimentos de pertencimento, de familiaridade, de segurança, de afeição, caracterizam o espaço enquanto lugar, em uma perspectiva relacional entre os conceitos de lugar e identidade. Para a conclusão da pesquisa considerou-se analisar a festa da Caçada da Rainha nos três municípios com suas especificidades e características próprias.

Palavras-chave: Lugar. Identidade. Festa. Paisagem.

ABSTRACT

The Hunt of the Queen is a festival that takes place in a more traditional way, in the cities of Colinas do Sul, Cavalcante and Monte Alegre de Goiás, all in the state of Goiás and refers to the time of the Brazilian Empire. Participants dress in accordance with their duties, the main are: king, queen, emperor and royal guard. In this research argues that the party, through ties of residents and their symbols, signs and representations that come to demarcate a unique culture of the festival in the state, featuring the presence of the place and so needs to be identified and spatialized. Through Humanistic Geography, cultural events gain strength characterizes by the new approach to the subject and festive customs, discussing the different, the circumstances and modes of representation. Its importance is focused on the analysis of the meaning and the goal is to understand a traditional festival that perspective. It is also investigating how this acts in the transformation of the space in place and creating instead of identities and participants subject. For the achievement of such goals the methodology focused on the theoretical basis, through the literature review in books, journals, magazines and others; in that enabled the identification of symbols field research, feelings, emotions and sensations of the subjects, with achievement of participatory research, semi-structured interviews, techniques of Participatory Rural Appraisal and Oral History. The cataloging and interpretation of interviews and materials collected in the field were supported by Content Analysis. In this sense was reflected also on the human dimension and its connection with the environment, essential to identify the Hunt of the Queen as a fact on interaction between subject and space set to place. Defended the possibility of the party set up new identities both the space and the subjects, which were analyzed, also through the landscape of observation, full of symbols and signs values. The symbolic character, the existence of feelings of belonging, of familiarity, security affection, featuring space as place, in a relational perspective between the concepts of place and identity. For the conclusion of research considered to analyze the party Hunt of Queen in the three municipalities with its own specificities and characteristics.

Keywords: Place. Identity. Festival. Landscape.

.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Mapa de Localização dos três municípios estudados em que ocorrem a Caçada da Rainha	16
Figura 2: Mapa Falado da Folia do Giro de Baixo	59
Figura 3: Mapa Falado da Folia do Giro de Cima	61
Figura 4: Chegada da Folia no Povoado das Lajes	63
Figura 5: Cavalgada nas ruas de Monte Alegre de Goiás	64
Figura 6: Rei e rainha no município de Cavalcante em 2012	66
Figura 7: Rainha no município de Cavalcante em 2001	66
Figura 8: Fluxograma da Caçada da Rainha em Colinas do Sul	85
Figura 9: Fluxograma da Caçada da Rainha em Cavalcante	87
Figura 10: Fluxograma da Caçada da Rainha em Monte Alegre de Goiás	89
Figura 11 e 12: Rei e Rainha de 2007, em Monte Alegre de Goiás	90
Figura 13: Rei e Rainha de 2014, em Monte Alegre de Goiás	90
Figura 14: Guarda Real de 2008, em Monte Alegre de Goiás	90
Figura 15: Rainha, em Colinas do Sul, sendo levada para ser escondida	93
Figura 16: Paisagem em Colinas do Sul	94
Figura 17: Carros de som automotivo na praça em Colinas do Sul	95
Figura 18: Foliões ao redor da mesa	95
Figura 19: Croqui da festa de Colinas do Sul	97
Figura 20: Grupo de Folia no Povoado de Lajes, em Colinas do Sul	98
Figura 21: Praça em Colinas do Sul ornamentada para a festa	100
Figura 22: Batuqueiras de Colinas do Sul	100
Figura 23: Grupo de Congada em Colinas do Sul	101
Figura 24: Palhaços mascarados, em Colinas do Sul	102
Figura 25: Mapa de localização do município Colinas do Sul	104
Figura 26: Prefeitura de Colinas do Sul	105
Figura 27: Praça Central de Colinas do Sul	105
Figura 28: Praça Matriz ornamentada com o arco das Folias	106
Figura 29: Peões na arena antes da prova do Rodeio Show	107
Figura 30: Mapa do percurso e dos pousos das Folias, em Colinas do Sul	111
Figura 31: Capitão do mastro de Nossa Senhora do Rosário, em Monte Alegre	114

de Goiás

Figura 32: Mapa de Localização da Igreja Sagrado Coração, em Colinas do Sul	115
Figura 33: Imagem de satélite da Praça da Paróquia Sagrado Coração, em Colinas do Sul	116
Figura 34: Imagem de satélite da Praça do Coreto, em Colinas do Sul	116
Figura 35: Mapa de Localização da Igreja Matriz de Sant’Ana, em Cavalcante	117
Figura 36: Imagem de satélite da Praça da Paróquia Sant’Ana, em Cavalcante	117
Figura 37: Mapa de Localização da Igreja Matriz Santo Antônio, em Monte Alegre de Goiás	122
Figura 38: Imagem de satélite da Praça da Igreja Santo Antonio, em Monte Alegre de Goiás	123
Figura 39: Figurinos com os sete dons do Espírito Santo	125
Figura 40: Figurinos com os sete dons do Espírito Santo	125
Figura 41: Instrumento conhecido por “onça”	126
Figura 42: Partícipes da festa tocando a “onça”, em Monte Alegre de Goiás	126
Figura 43: Imperador e Imperatriz na Festa do Divino, em 2004, em Monte Alegre de Goiás	128
Figura 44: Imperatriz e Imperador de 2014, em Monte Alegre de Goiás	128
Figura 45: Rei na carruagem indo buscar a Rainha, em 2014, em Monte Alegre de Goiás	129
Figura 46: Rei, Rainha e Guarda Real em 2006, em Monte Alegre de Goiás	130
Figura 47: Rei e Rainha no Reinado da Cachaça em 2006, em Monte Alegre de Goiás	131
Figura 48: Trio elétrico no Reinado da Cachaça em 2009, em Monte Alegre de Goiás	131
Figura 49: Alferes das duas bandeiras, em Colinas do Sul	137
Figura 50: Devota ajoelhada diante das bandeiras das divindades católicas em 2014, em Colinas do Sul	139
Figura 51: Congos e dançarinas da “Sussa” em 2003, em Monte Alegre de Goiás	140
Figura 52: Devoto na Folia em Colinas do Sul	141
Figura 53: Foliões prestes a passarem pelo arco	142
Figura 54: Foliões passando pelo arco	142

Figura 55: Dançarinas da “Sussa” em Monte Alegre de Goiás	144
Figura 56: Rei e Rainha com suas capas características em 2013, em Colinas do Sul	145
Figura 57: Rei, Rainha e demais cavaleiros em 2014, em Colinas do Sul	146

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Síntese dos Procedimentos Metodológicos adotados	21
Tabela 2: Pousos da Folia do Giro de Baixo	60
Tabela 3: Pousos da Folia do Giro de Cima	62

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Síntese das definições de “lugar” na perspectiva de alguns autores estrangeiros e brasileiros	31
Quadro 2: Síntese das definições de “festa” na perspectiva de alguns autores estrangeiros e brasileiros	73
Quadro 3: Personagens da Caçada da Rainha em cada município e suas funções	83
Quadro 4: Programação do Aniversário da Cidade de Colinas do Sul	109
Quadro 5: Quadro comparativo da Caçada da Rainha em Colinas do Sul, Cavalcante e Monte Alegre de Goiás	147

SUMÁRIO

RESUMO	7
ABSTRACT	8
LISTA DE FIGURAS	9
LISTA DE TABELAS	12
LISTA DE QUADROS	13
CONSIDERAÇÕES INICIAIS	16

CAPÍTULO 1

O LUGAR E A IDENTIDADE NA CIÊNCIA GEOGRÁFICA	25
1.1.O espaço transformando-se em lugar	25
1.1.1. O espaço da área de estudo dotado de valor	32
1.2. O lugar festivo e sua paisagem	36
1.3. Identidade do lugar	41
1.4 As identidades dos sujeitos	48
1.5 O lugar e a identidade nas festas da Caçada da Rainha	55

CAPÍTULO 2

OS SUJEITOS DA FESTA E SUAS REPRESENTAÇÕES IDENTITÁRIAS	68
2.1. A festa enquanto cultura popular	69
2.1.1. Conceitos teóricos sobre festa	70
2.2 O contexto quilombola no Norte Goiano	75
2.3. Os sujeitos da Caçada da Rainha	80
2.3.1. Os sujeitos festivos em Colinas do Sul	83
2.3.2. Os sujeitos festivos em Cavalcante	86
2.3.3. Os sujeitos festivos em Monte Alegre de Goiás	88
2.4. A identidade espacial da Caçada da Rainha em Colinas do Sul	91
2.4.1. Colinas do Sul e sua identidade	103

CAPÍTULO 3

A CAÇADA DA RAINHA: A FESTA, OS SÍMBOLOS, OS RITOS, AS PAISAGENS	112
3.1. A festa da Caçada da Rainha	113
3.1.1. A festa em Colinas do Sul e Cavalcante	115
3.1.2. A festa em Monte Alegre de Goiás	122
3.2. Os símbolos e a paisagem festiva	132
3.2.1. Os rituais, os gestos, os sons, os cheiros	136
CONSIDERAÇÕES FINAIS	148
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	152
APÊNDICE	163

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A festa é algo próprio da cultura, da identidade e da vivência dos homens. Como se sabe, desde a Antiguidade, eles realizam festejos, sejam em agradecimento às divindades pelas boas colheitas, sejam em homenagem a algum santo de devoção.

O cerne da investigação, ora apresentado, é uma modalidade de festa conhecida como Caçada da Rainha e alguns componentes deste universo popular em três municípios do Estado de Goiás: Colinas do Sul, Cavalcante e Monte Alegre de Goiás (Figura 1). A premissa, que as festas constituem uma oportunidade salutar para a análise de uma sociedade, é o pretexto para, problematizar a dinâmica destes festejos, reconhecendo as mudanças e as sociabilidades que “tecem” as relações dos participantes com o lugar onde ocorre a manifestação. Além disso, reconhece-se que as festas estabelecem identidades próprias que emergem devido ao vínculo dos sujeitos com este lugar.

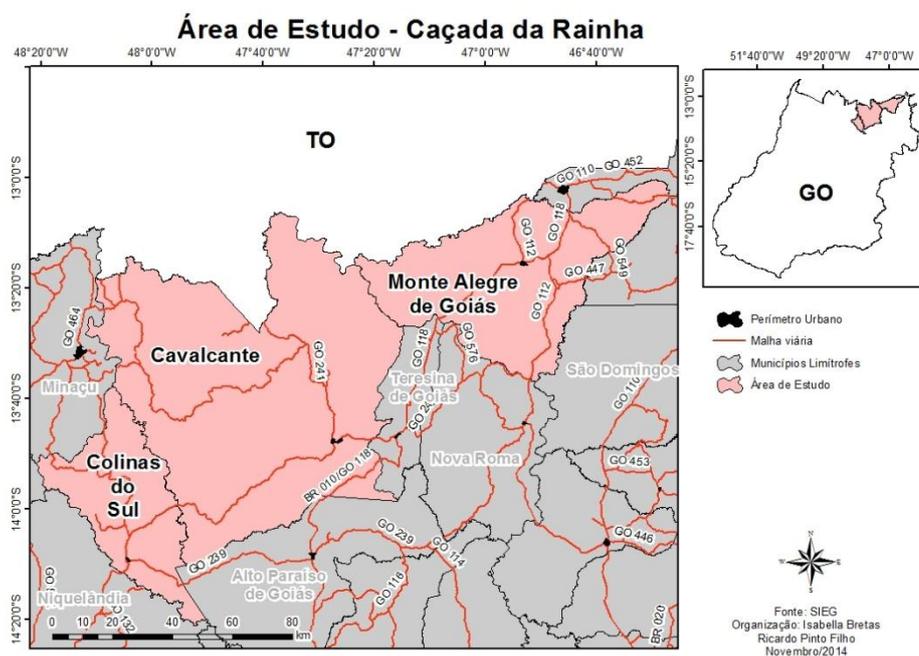


Figura 1: Mapa de Localização dos três municípios estudados em que ocorrem a Caçada da Rainha. (Autores: Isabella de Faria Bretas e Ricardo Pinto Filho. Setembro, 2013)

Em várias cidades do Estado de Goiás acontecem os festejos da Caçada da Rainha¹ e a opção pelos três locais mencionados deve-se a uma maior tradição, pois

¹ Alto Paraíso de Goiás, Barro Alto, entre outras.

são mais antigos quando comparados com os festejos de outras comunidades. Em AltoParáíso de Goiás, por exemplo, a manifestação se iniciou recentemente. No Estado de Tocantins também acontecem eventos ligados a algumas devoções presentes na Caçada da Rainha em Goiás, como homenagem a Nossa Senhora do Rosário e ao Divino Espírito Santo. A opção pelas festas goianas foi a inserção, como pesquisadora, em um Projeto sobre festas denominado “Pró-Cultura: A Dimensão territorial das festas populares e do turismo: estudo comparativo do patrimônio imaterial em Goiás, Ceará e Sergipe”, coordenado pela minha orientadora, além de outros projetos que existem dentro desse eixo temático no Laboratório de Estudos e Pesquisas das Dinâmicas Territoriais, do qual participo no Instituto de Estudos Socioambientais.

Com costumes e tradições herdados dos inúmeros povos que habitam o Brasil, como afro-descendentes, europeus e indígenas, grupos populacionais construíram significativas manifestações religiosas como a Caçada da Rainha cujas especificidades serão apontadas no decorrer da dissertação.

Os objetivos dessa pesquisa, de maneira geral, se pautaram na investigação da existência de sentimentos de pertencimento e de afeição que caracterizam o lugar onde ocorre a festa e também na identificação de símbolos e códigos que representam as identidades tanto dos moradores quanto do lugar e que nos permitem vivenciar a cultura do local. A intenção foi dar respostas aos questionamentos: A Caçada da Rainha é responsável por originais quais identidades ao lugar e aos participantes? Como o lugar se reproduz por meio da festa? Especialmente como se dão as manifestações das diferentes identidades?

Especificamente, também foram objetivos: Estabelecer a relação entre a comunidade Kalunga (remanescentes quilombolas) e a manifestação Caçada da Rainha; refletir a respeito do conceito de lugar e identidade recorrentes nos estudos da Geografia Humanista e, sobre o uso desses termos para explicar o significado da manifestação para seus participantes; caracterizar os elementos existentes durante o festejo e a importância deles no reforço às identidades existentes na manifestação; examinar o caráter étnico da Caçada da Rainha e seu papel de afirmação identitária entre os moradores participantes.

Com base nestes objetivos, a pesquisa insere-se na abordagem da Geografia Cultural, sobretudo em uma perspectiva que valoriza a dimensão simbólica e cultural das práticas festivas. Nesse sentido, os ritos, cores, batuques, símbolos e movimentos passam a ser o foco dos estudos representando uma cultura singular e criando laços identitários responsáveis pela caracterização específica presente nas festas

de cada lugar. As experiências e a percepção daqueles que estão inseridos na manifestação, seja como organizador, participe ou visitante, são fundamentais para atribuir um sentido geográfico a ela.

Com o objeto e objetivos definidos, o próximo passo foi a pesquisa de campo que se tornou a linha mestra deste estudo para conhecer as comunidades. Para tanto, foi de relativa importância conhecer suas histórias, adentrar e vivenciar seus costumes e cotidianos, participar e acompanhar os passos da festa.

O primeiro contato com os moradores desses três municípios ocorreu em julho de 2013, em uma viagem de campo para o estudo do objeto da dissertação. A intenção, que se concretizou, era participarmos da festa nos vários dias em que se estende em Colinas do Sul, com a chegada das folias na Igreja Matriz, celebrações de missas, o falado “batuque da rainha”, levantamento de mastros em homenagem a divindades e santos, entre outros rituais. Em seguida, deu-se a visita a Cavalcante, onde deveria ter sido realizada a Caçada da Rainha com seus diferenciais, mas ela não aconteceu, fato que nos intrigou e, tornou-se um novo interesse e objeto do estudo. Em Monte Alegre de Goiás, terceiro e último local visitado e pesquisado naquele período, atuamos como observadoras participantes da festa, além de entrevistarmos diversas pessoas que eram responsáveis diretas pela organização do evento e apreendermos os variados símbolos e significados existentes naquele momento.

Os trabalhos de campo são indispensáveis para o estudo de uma festa, para apreensão de seu caráter espacial. Essa metodologia auxiliou na interpretação da Caçada da Rainha com base nas construções de lugares e identidades. Como sugere Brandão (2007, p. 11-12), “o trabalho de campo é uma vivência, ou seja, é o estabelecimento de uma relação produtora de conhecimento”.

Para esse autor, existem dois tipos de entrada no campo, a primeira é o levantamento prévio e a segunda é o momento no qual se sabe o que pesquisar. Nessa metodologia de entrada está a observação participante com a permanência no local antes, durante e depois da festa, os registros diretos, o contato com os sujeitos sociais que participam. Para Brandão (2007, p. 15):

Dentro de uma festa de amplitude maior onde tudo que se faz são comportamentos sociais e simbólicos entre categorias de pessoas que a própria situação da festa redime: foliões, promesseiros, devotos, alferes. Embaixadores, dançantes de congo, de moçambique, reis, rainhas, assim por diante; o que as pessoas cantam, dançam; o que as pessoas cerimonialmente trocam entre elas em termos de bens materiais, bens simbólicos, ditos

espirituais e assim por diante. Isso tudo não sai apenas da entrevista, uma coisa é o que as pessoas dizem a respeito disso, outra coisa é aquilo que o antropólogo vê, aquilo que o pesquisador vê acontecendo.

Dessa forma, o pesquisador descreve o que observa, explicando as regras de condutas, as relações entre os sujeitos e destes com o espaço festivo e as relações de trabalho quando houver. As entrevistas foram realizadas com o objetivo de darem condições aos entrevistados para se expressarem e priorizaram pelos partícipes mais antigos que puderam fornecer detalhes sobre as transformações espaciais ocorridas durante os anos. A análise de todo esse material serviu para teorizar sobre o assunto e aprofundar na pesquisa.

Este, também, foi o momento no qual surgiu o olhar crítico acerca do tema escolhido, ao considerar que os olhos possuem papel de mediadores do processo de interpretação e o olhar de cada pesquisador é único:

o olhar quer ver sempre mais do que aquilo que lhe é dado ver. Olhar significa pensar, e pensar é muito mais do que olhar e aceitar passivamente as coisas. Esse olhar pensado exige uma mudança de atitude diante do mundo e do modo pelo qual os fatos são configurados pela cultura. Então, olhar é interpretar e perceber para poder compreender como são as coisas e os objetivos investigados (GHEDIN; FRANCO, 2008, p. 71).

Esta trajetória priorizou a caracterização das três festas nos municípios por meio de um estudo comparativo com base em alguns aspectos seguindo etapas: 1 - dinâmica da festa, 2 - a estrutura, 3 - a movimentação da população em geral, 4 - a existência de cooperativismo na confecção dos enfeites, 5 - as barraquinhas dos comerciantes, 6 - as missas, batuques e shows musicais. A participação ativa possibilitou observar as pessoas e suas “funções” antes e durante o festejo, bem como a presença da religiosidade nos três municípios por meio da adoração a Nossa Senhora do Rosário e por meio também de folias em Colinas do Sul. Nessa ocasião acompanhamos alguns foliões que giravam dentro da cidade e outro grupo que estava em uma das fazendas próximas à sede municipal.

Ainda em 2013, além das disciplinas do mestrado tanto obrigatórias quanto optativas, eu cursava a Especialização em “História Cultural: imaginários, identidades e narrativas” da Universidade Federal de Goiás. Por meio dela, me envolvi ainda mais com o tema da Caçada da Rainha, a diversidade étnica presente na festa e como o fato contribui para a construção das identidades dos grupos que participam e moram nos municípios.

Desde então, assistindo aulas teóricas em duas áreas da ciência humana, cresceu o interesse em aprofundar as pesquisas sobre a festa citada com uma perspectiva que me possibilitasse concluir o curso de Especialização em História e o Mestrado em Geografia. No campo, da Geografia Cultural, as dimensões culturais e o comportamento humano emergem como temáticas de estudo que qualificam e conferem identidade a um lugar, o qual surge por meio dos laços de afetividade das pessoas com aquele ambiente. Cosgrove (1998A) diz que o campo de estudo da Geografia Humana envolve as práticas sociais e culturais do ser humano. Sendo assim, pensar as festas a partir de categorias geográficas amplia as possibilidades de compreensão do universo mítico, de reconhecer e identificar um lugar e um povo por meio de suas representações.

Atualmente, a Geografia tem se dedicado também à memória e ao imaginário, preocupando-se em conhecer aquilo que reside no ambiente simbólico e intangível (ALMEIDA, 2008; CORREA, 2010). Por este motivo foi possível unir História e Geografia nas mesmas análises porque determinadas categorias, atualmente, podem ser utilizadas sob a perspectiva das duas ciências que mais se complementam ao invés de confrontar abordagens.

A segunda viagem, já com uma bagagem teórica mais consistente, foi realizada em abril de 2014, ocasião em que houve a oportunidade de conversar/entrevistar os partícipes de maneira mais tranquila, pois eles não estavam envolvidos ainda, naquele período, com o festejo. Reunimo-nos com grupos de foliões o que acabou se tornando uma atividade de memória coletiva pois um lembrava fatos e os outros os comentavam originando uma história sobre a Folia de Reis na Caçada da Rainha em Colinas do Sul. Em Cavalcante “descobrimos”, por meio de conversas informais e entrevistas, uma alteração na data da festa e a dúvida se ela iria ocorrer em agosto, fato não concretizado. Em Monte Alegre de Goiás conhecemos o antigo pároco que, atualmente, reside em sua fazenda e presenciou o festejo por mais de quarenta anos atuando na sua organização e celebrando missas. Por meio desta entrevista em especial, pois houve muitas outras, foram levantados detalhes relevantes na mudança da “Caçada”, o que ajudaria na consistência da pesquisa.

O terceiro campo foi novamente realizado no mês de julho de 2014, ocasião da ocorrência da festa e mais uma vez aconteceram a observação e a participação dos vários rituais. À noite na fazenda, em Colinas do Sul, ao acompanhar os foliões no último giro, foram registradas imagens fotográficas inéditas, além de entrevistas mais aprofundadas e uma observação que priorizou os detalhes. Em

Cavalcante, novamente a Caçada da Rainha não aconteceu no mês de julho e, portanto, não teve como presenciarmos a ocorrência da festa no município. Em Monte Alegre de Goiás a festa se deu nos dias 18, 19 e 20 de julho e, mais uma vez todos os rituais que a envolvem, como a alvorada do rei e da rainha, a cavalgada, a procura pela rainha, missas, cortejos entre outros, foram observados e registrados.

A pesquisa qualitativa preenche uma lacuna deixada pela pesquisa convencional que não consegue abarcar as informações cognitivas, afetivas, emocionais e simbólicas oriundas da rica experiência entre a pessoa e o lugar. Essa experiência deve ser avaliada sob análise dos desejos, preferências, percepções, atitudes, valores e imagens. Tais informações potencializam as discussões e a tomada de consciência para análise de uma nova conduta na interação entre o homem e o seu mundo vivido.

As pesquisas sobre as manifestações culturais contemplam esses eixos, ao se considerar que algumas práticas festivas criam lugares onde se projetam emoções, sensações e percepções. O espaço festivo pode ser compreendido por outra ótica pois a relação de um nativo, visitante ou turista com este espaço não é a mesma. Os últimos o perceberão com sentimentos aleatórios, de um primeiro impacto, ou seja, um olhar “de fora”. Já aqueles que encontram raízes no município apreendem a essência da festa envolvendo emoções diferenciadas do grupo de visitantes, eles vivem e se sentem parte daquele lugar.

Para o cumprimento satisfatório dos objetivos traçados e, seguindo a linha teórica sobre os conceitos bases trabalhados na pesquisa, os procedimentos metodológicos podem ser observados na tabela a seguir:

Procedimentos Metodológicos	
Revisão bibliográfica	Levantamento e análise do material sobre o tema e conceitos abordados
Trabalhos de Campo	Coleta de dados e materiais nas cidades. Pesquisa participante. Entrevistas e narrativas orais.
Catálogo dos dados coletados	Análise do Conteúdo.
Confronto dos dados com leituras realizadas	Confronto dos dados coletados com as reflexões teóricas desenvolvidas.

Tabela 1: Síntese dos Procedimentos Metodológicos adotados (Elaboração e organização: Isabella de Faria Bretas. Agosto, 2014)

A primeira etapa consistiu na revisão bibliográfica do tema proposto bem como na fundamentação teórico-metodológica além de uma breve inserção da festa na

história dos municípios escolhidos. Realizou-se o levantamento e análise de artigos, livros, dissertações, além de informações relevantes nos sites oficiais de Prefeituras e demais órgãos que tratassem a respeito da temática e também dos conceitos abordados.

Sabe-se da importância do tempo dedicado aos estudos de uma comunidade, que deve ser o mais amplo possível, a fim de que se possa observar e registrar adequadamente as situações, experiências, sensibilidades e linguagens simbólicas percebidas pelo pesquisador. Dessa maneira o trabalho de campo realizou-se com intervalos entre distintos períodos festivos ou não e já comentados anteriormente. A observação participante foi a abordagem metodológica encontrada e escolhida que melhor atingiu os objetivos propostos e, ela é embasada, principalmente, em Brandão (1990, 2007). Por meio desta abordagem o investigador compartilha de modo consistente e sistematizado das atividades do grupo estudado, ou seja, ele se envolve nas atividades, além de compartilhar “interesses e fatos”.

Os instrumentos metodológicos possibilitaram ampliar o conhecimento acerca do lugar festivo e compreender muitos aspectos das práticas festivas responsáveis também por caracterizarem as identidades presentes. O material coletado em pesquisa de campo foi confrontado com as reflexões teóricas, que tem como respaldo a Geografia Cultural, da categoria lugar subsidiada, principalmente, por Tuan (1980, 1983), Almeida (1998, 2003a), Relph (1979) e Buttimer (1982). Tratando do conceito de identidade pode-se citar: Hall (2011), Bauman (2005) e Giddens (2002). Sobre a paisagem, abordada no terceiro capítulo, os principais autores foram: Cosgrove (1978), Andreotti (2013), Claval (2004) e Berque (2004).

Essas leituras exigiram uma reflexão acerca do campo teórico de festas e a sua relação com o espaço e o lugar geográficos – instância necessária para que aconteçam – e, portanto, foi imprescindível a análise de autores como Almeida (2011, 2012), Maia (1999, 2002), Brandão (2009), Di Méo (2012) e; para compreensão dessas manifestações inseridas no conceito de tradição e ritual ainda outros colaboraram: Amaral (2001), Durkheim (1996) e Giddens (1997; 2005).

No que concerne às festas mencionadas, a análise e investigação foram realizadas baseando-se na nova abordagem da Geografia Cultural que propõe novos temas para o estudo desta ciência os quais são divididos por Claval (1997, p. 93): “1 – sensações e percepções; 2 – ótica da comunicação, compreendida como uma criação coletiva e, 3 – apreensão da construção de identidades”.

O contexto destas cerimônias denota diversificados elementos repletos de sentidos e que favorecem à população, seja nativa ou não, construir laços e estabelecer distintas formas de sociabilidades. Nessas festividades existe, principalmente pelos participantes e, em alguns casos, por parte da Igreja, um entusiasmo e desejo em manter as tradições, fator contribuinte para a identidade local.

Um mesmo espaço pode expressar diversos significados e sentimentos, transformando-se em lugar para os que possuem laços afetivos e emocionais com ele. Para Tuan (1983), o espaço é visto como uma abstração, posto que tudo pode e é espaço, pois, para o homem, sem haver proximidade, conhecimento, sentimento ou intimidade quanto a uma extensão do local, será tão somente espaço, marcado pela ausência de vínculos. Ele é o desconhecido, é o não conhecido (ainda). Assim, “o que começa como espaço indiferenciado transforma-se em lugar à medida que o conhecemos melhor e dotamos de valor” (TUAN, 1983, p. 6).

No que se refere à identidade, propôs-se, neste estudo, considerá-la determinada, influenciada e/ou condicionada por fatores como lugar, gênero, história, nacionalidade, crenças religiosas entre outros aspectos. Além disso, a pesquisa abordou a questão da identidade do lugar e não só dos moradores partícipes da festa em questão. Não seria possível tratá-la no singular pois a pesquisa foi realizada em três municípios específicos e cujas características também são fatores expressivos da identidade constituída naquele lugar. O ser humano possui comportamentos, hábitos, ética e moral distintos dependendo de onde ele se encontra e é por este motivo que a festa, assim como o lugar onde ela ocorre, moldam identidades.

As festas como a Caçada da Rainha espetacularizadas em alguns locais com o objetivo de atrair turistas também são motivadoras e produtoras de identidades que influenciam e são influenciadas por esses aspectos, além de darem uma identidade ao lugar onde elas ocorrem.

A festa parece ensejar, além de identidades, uma possibilidade de fortalecimento da consciência histórica, fato que é comprovado ao observarmos como os organizadores e partícipes da “Caçada” se dedicam a reproduzir cenas vivenciadas por seus antepassados, “certamente existe nela uma extraordinária repetição do passado”, tal como assinalado por Ozouf (1974, p. 225). Vivenciar essa festa anualmente significa estabelecer um elo com o lugar entre o tempo pretérito e o presente, e assim reafirmar uma identidade ressignificada.

Por meio do percurso teórico mencionado acima, construiu-se uma proposta de sumário para a dissertação composta por três capítulos.

O primeiro discorre sobre o conceito e as variadas concepções de lugar, categoria de análise empregada, bem como sobre a identidade, tanto do lugar da Caçada da Rainha quanto dos moradores e partícipes da festa, que são diversificadas. Mediante a relação afetiva que existe entre as comunidades e o ambiente onde vivem propõe-se pensar em como o evento colabora, transforma, modifica o lugar e como possibilita identificar as identidades dos festeiros e do lugar.

O segundo capítulo apresenta, brevemente, uma contextualização a respeito de conceitos teóricos sobre “festas” e como eles são admitidos, percebidos e analisados pela Geografia Cultural. Em seguida é realizada uma análise da identidade espacial da Caçada da Rainha em Colinas do Sul e o contexto quilombola no Norte Goiano. O “esconderijo da rainha” também dá origem a um debate em face da questão espacial, em alguns locais, sua relação com a natureza é essencial, já em outros locais não possui relevância.

No terceiro e último capítulo, realizou-se uma “junção” dos conceitos abordados nos capítulos anteriores com a descrição crítica sobre a Caçada da Rainha por meio de uma análise mais aprofundada sobre lugares e identidades percebidos durante o festejo. Os símbolos e as paisagens festivas também serão discutidos e analisados como modo de perceber a relação que existe entre lugar, paisagem e identidade.

Nas considerações finais retomamos as indagações iniciais para identificarmos o que foi possível responder de maneira satisfatória e os objetivos alcançados em conformidade com o referencial teórico proposto. Outros questionamentos que, possivelmente não forem devidamente respondidos, poderão ser fruto ainda de uma futura pesquisa.

Por fim, ousou citar um psicólogo que sintetiza bem o meu sentimento e questionamento a respeito desta dissertação e eu torço para que vocês se apaixonem pela Caçada da Rainha em toda a sua abrangência, tanto quanto eu me apaixonei:

“Quando olho um corpo humano me pergunto: ‘Que história esse corpo me conta? O que essa postura, essa voz, esse ritmo, esses gestos, esse olhar e essa expressão estão querendo me dizer?’” (Pashupati, in: www.alemdapsicologia.com)

CAPÍTULO 1. O LUGAR E A IDENTIDADE NA CIÊNCIA GEOGRÁFICA

Esta dissertação inicia-se com uma análise do espaço como lugar, considerando-se a abordagem da Geografia Cultural, e da identidade do mesmo e dos seus sujeitos. O fato de viver em um espaço já identifica os sujeitos socialmente, reconhecendo-se ali um espaço vivido que se transforma em “lugar” na medida em que incorpora práticas e relações inseparáveis do indivíduo. Essa relação se refere ao modo de ver o mundo, às crenças das pessoas e aos significados subjetivos dos lugares.

Entre conceitos que se aplicam ao espaço vivido admite-se o lugar que surge ao longo do tempo, tendo como elemento principal o sentimento de pertença do indivíduo ou do grupo. A construção da identidade desses lugares baseia-se na relação afetiva e de familiaridade que os habitantes possuem entre eles e também com o espaço de vivência.

Compreender as relações que envolvem o lugar e a comunidade e suas identidades é a preocupação que se instaura neste capítulo para que, a partir desse panorama, se possa efetuar uma discussão mais aprofundada sobre a festa Caçada da Rainha. Para uma melhor compreensão, ele discorre respeito de teorias do espaço transformando-se em lugar; do espaço festivo e sua paisagem e, da identidade dos lugares e dos sujeitos. Por fim, aplica-se a teoria na identidade espacial e do sujeito da Caçada da Rainha.

1.1 . O espaço transformando-se em lugar

Os geógrafos humanistas defendem a necessidade de valorizar a experiência do sujeito ou do grupo na busca da compreensão da sua forma de sentir, das pessoas em relação aos seus lugares.

Analisando os sujeitos e grupos humanos inseridos no contexto da festa Caçada da Rainha identifica-se que eles transformam espaços de convivência em lugares, organizam mundos repletos de símbolos cujos significados atribuem valor ao espaço e aos sujeitos que ali vivem e se relacionam. Os lugares foram compreendidos por meio da captação da essência de fenômenos sociais, inseridos no cotidiano da

comunidade. O espaço como lugar organiza-se e produz-se por meio das práticas sociais e que caracterizam os padrões culturais existentes. Portanto, é possível considerar que essas práticas decorrem da ação e da relação própria dos que vivem as dinâmicas espaciais daquele lugar.

Lugar, marcado por sentimentos e afetividades, valorizado pelas crenças que lhe conferem especificidades por meio das práticas sociais, as quais são definidas por Côrrea (2006, p. 35) como “um conjunto de ações espacialmente localizadas que impactam diretamente sobre o espaço” e resultam “de uma cultura específica, étnica ou religiosa”.

A partir da década de 60, geógrafos marxistas retomaram a noção de espaço e lugar e desde então novas concepções e idéias foram desenvolvidas e debatidas dentro das correntes da ciência geográfica. Lukermann (1964) seria um dos primeiros a discorrer sobre novas abordagens de como a Geografia poderia ser definida:

O ponto culminante do estudo geográfico é a descrição da Terra em ordem geográfica. A chave para tal ordem está no conceito locacional de lugar. Enfatizar o relativo, o cultural, a experiência histórica da humanidade em relação aos atributos físicos da área, é fazer um estudo completo da geografia – o estudo dos lugares (LUKERMANN, 1964, p. 172).

Este autor propõe o estudo das relações dos indivíduos com o lugar, adquirindo, então uma visão mais subjetiva, para ele a questão geográfica seria discutir não como é o mundo mas como nós vemos o mundo. Segundo Tuan (1965) o mundo é um campo de relações estruturado a partir da polaridade entre o eu e o outro, ele é o reino onde a história ocorre, onde encontramos as coisas, os outros e a nós mesmos, e deste ponto de vista deve ser apropriado pela Geografia. Sob esse viés, nesta dissertação, intensifica-se os estudos sobre a subjetividade, a relação do homem com o lugar em que vive, moldando-o por meio dos aspectos simbólicos e culturais.

Com a renovação da ciência mencionada, na década de 60, a Geografia Humanista nasce como resultado de um processo de revisão de conceitos e bases filosóficas da Geografia Cultural e histórica norte-americana. Nesse período, preocupações com o planejamento econômico e territorial na organização dos espaços faziam parte da nova realidade. Segundo Moraes (2003) esse contexto exigia um novo papel para os estudos das ciências humanas, algo que superasse o positivismo clássico que só descrevia e quantificava os fenômenos. Os estudos de Geografia Humanista abordarão a ação humana não separada de seu contexto social ou físico.

Os novos paradigmas propõem outras perspectivas e então surge o enfoque na cultura e nos valores. Para Almeida (1993), os estudos voltados para a subjetividade humana não se restringem a esses aspectos, mas consideram também os sentimentos, a percepção do mundo, a experiência e as crenças do homem. A autora concorda com Buttimer (1992) que apresenta noções ligadas à subjetividade, à percepção, aos significados e aos valores atribuídos ao espaço e então argumenta que o sujeito humano é parte integral do mundo vivido. Elucidando tal perspectiva, do ponto de vista da Geografia Humanista, esse sujeito vive, desloca-se e busca um significado. Dessa forma, o espaço ultrapassa sua condição, ao ser alçado ao patamar de lugar ou mesmo de lar, um universo vivido no qual as coisas e pessoas possuem valor por causa das experiências cotidianas e dos elos que as unem com o ambiente. Essas experiências vividas contemplam a maneira de agir, bem como sentimentos, projeções, angústias, entendimentos e delírios das pessoas em relação aos seus lugares.

Dotado, portanto, de uma expressão existencial e coletiva, o lugar como “somatório das dimensões simbólicas, emocionais, políticas, culturais e biológicas” (BUTTIMER, 1985, p. 228) tornou-se o conceito-chave da ciência geográfica humanista. Tuan (1983) acrescenta que os lugares, assim como os objetos, são núcleos de valor e só podem ser totalmente apreendidos por meio de uma experiência que engloba relações íntimas. O lugar torna-se realidade, portanto, a partir da familiaridade com o espaço, no momento em que é dotado de significado.

Ainda no campo da Geografia Humanista, sua linha de pensamento caracteriza-se principalmente pela valorização das relações de afetividade desenvolvidas pelos indivíduos em relação ao seu ambiente. Para os seguidores dessa corrente, o lugar, é principalmente um produto da experiência humana: “(...) lugar significa mais que o sentido geográfico de localização. Não se refere a objetos e atributos das localizações mas a tipos de experiência e envolvimento com o mundo, a necessidade de raízes e segurança” (RELPH, 1979, p. 25). Eles são carregados de sensações emotivas principalmente porque é possível se sentir seguro e protegido (MELLO, 1990).

Relph (1979, p. 23) para explicar a relação de pertencimento e afetividade com o espaço, toma por base teórica o mundo vivido que:

[...] é simplesmente o mundo de espaços, paisagens e lugares, o qual todos devemos encontrar em nossas vidas diárias [...] os espaços com os quais somos estreitamente familiares, são diferenciados daqueles com os quais temos apenas uma familiaridade passageira.

Lidar com o espaço vivido é utilizar a subjetividade como ponto de partida, é considerar a singularidade e a individualidade dos espaços geográficos, como diz Gomes (1996, p. 320):

A ciência geográfica, definida pelo viés do espaço vivido, não tenta criar leis nem observar as regularidades generalizadoras. Seu ponto de partida é, ao contrário, a singularidade e a individualidade dos espaços estudados. Ela também não procura avançar resultados prospectivos e normativos, como as ciências ditas racionalistas. Seu objetivo principal é fornecer um quadro interpretativo às realidades vividas espacialmente. A objetividade não provém de regras estritas de observação, mas do uso possível das diversas interpretações na compreensão do comportamento social dos atores no espaço.

Dessa forma, o espaço vivido é o que mais se aproxima para analisar o espaço da Caçada da Rainha uma vez que ele é constituído de sentimentos e emoções. Existe uma complementaridade entre emoção e razão, tendo um caráter subjetivo e psíquico que atribui um significado na relação sujeito – lugar. Cada sujeito observa e interpreta o espaço e é com essa ideia que analisou-se o lugar da festa nos três municípios nos quais ela ocorre, levando em consideração o sentimento, a familiaridade e a intimidade que os sujeitos possuem com o lugar.

Para que se torne lugar é necessário se apropriar do espaço intimamente, de maneira que se possa identificá-lo, reconhecê-lo e interpretá-lo por todos os sentidos humanos. São, portanto, os homens os responsáveis por transformar o espaço em lugar. Nessa perspectiva a Geografia Humanista proporciona uma “melhor apreensão das relações que os homens mantêm com seu entorno, de como eles criam lugares, de como atribuem um significado ao espaço e dão um sentido de lugar a ele” (ALMEIDA; VARGAS; MENDES, 2011, p. 24).

Os lugares normalmente não são dotados de limites concretos que possam ser reconhecidos uma vez que são uma construção subjetiva e ao mesmo tempo incorporada às práticas cotidianas das pessoas envolvidas com o lugar. Em oposição às regiões delimitadas para fins de planejamento, reconhecíveis em materiais cartográficos, a maioria dos lugares não é nem nomeada. Dar nome a um lugar é dar seu explícito reconhecimento, isto é, reconhecê-lo conscientemente ao nível da verbalização (TUAN, 1975), fato que não ocorre sempre na realidade. Bachelard (1978, p. 210) afirma que “é a semente que faz a maçã, e ainda assim a miniatura da semente é maior do que a

grandeza da maçã”, o que leva a pensar que, por menores que sejam alguns lugares, ainda assim germinam afeição.

Tuan (1983, p. 71) compartilha com a proposta anterior escreve que o lugar representa um receptáculo de lembranças e permanências carregadas e vivenciadas pelo sujeito; é um arquivo de lembranças afetivas e realizações importantes que inspiram para viver o presente. Para o autor, é importante o tempo para se conhecer ou afeiçoar-se a um lugar. Em certos casos, é necessário um tempo para construir raízes num determinado lugar, porém nada impede que alguém se apaixone por um lugar em um contato rápido ou numa estória sobre ele.

A inclusão do tempo para criar um lugar é necessária mas a sua duração para que o espaço obtenha um significado, um valor, é imprevisível e não pode, também, ser medida. Os sentimentos podem surgir ou desaparecer em segundos ou séculos mas, uma vez que existem não podem ser desprendidos da relação espaço – tempo. Tudo o que existe se situa em um tempo e ocupa um espaço e, sendo estes elementos abstratos, são perceptíveis pelos sentidos.

O propósito foi investigar como o espaço se configura em lugar e como este caracteriza as identidades dos moradores em Colinas do Sul, Cavalcante e Monte Alegre de Goiás. Gonçalves (2007) diz que o lugar tem um significado para o indivíduo que o incorpora à própria identidade. Na construção da identidade, existem dimensões e características do entorno físico, que são incorporadas pelo sujeito por meio da interação com o ambiente. O lugar fornece características às identidades dos sujeitos da mesma maneira que o contrário ocorre simultaneamente. Conhecer o lugar que é fruto da relação afetiva entre sujeito e ambiente, num espaço multicultural e suas características sociais auxilia na compreensão da festa e dos seus rituais.

Pode-se, mais uma vez, falar em relações afetivas e de valor atribuídas ao lugar que faz com que ele “deixe de ser espaço”. Essas relações de afetividade foram essenciais ao analisar como a Caçada da Rainha fornece uma identidade ao lugar e como este também é responsável por caracterizá-la. O lugar da festa expressa a cooperação e o conflito, a permanência e a mudança e a criação e a recriação das dinâmicas que envolvem o acontecimento. Ele permite a convivência, a vizinhança, a interação, o “estar juntos”. Para exemplificar, Almeida (2008) diz que para os estudos em geografia, compreender os lugares é entender as relações humanas e as relações entre os seres humanos e a natureza. Na concepção desta autora, “a análise da ordem simbólica concede uma importância fundamental ao lugar, visto como uma combinação

de elementos a serem decodificados como uma linguagem” (ALMEIDA, 2008B, p. 48-49).

O conceito de espaço, então, passa a ser o de lugar vivenciado, como campo de representações simbólicas. Corrêa (2006, p. 32), o apresenta em simbolismos que expressam “em sinais visíveis não só o projeto vital de toda a sociedade, subsistir, proteger-se, sobreviver, mas também suas aspirações, crenças, o mais íntimo de sua cultura”.

Com base nas abordagens discutidas, segue um quadro com a síntese das concepções explicitadas:

Concepção de Lugar						
Relph (1979)	Tuan (1983)	Buttimer (1985)	Mello (1990)	Gonçalves (2007)	Almeida (2008)	Corrêa (2006)
O lugar se refere a tipos de experiência e envolvimento com o mundo, a necessidade de raízes e segurança (p. 17)	... se pensamos no espaço como algo que permite movimento, então lugar é pausa; cada pausa no movimento torna possível que localização se transforme em lugar (p. 06).	Lugar como somatório das dimensões simbólicas, emocionais, políticas, culturais e biológicas (p. 228).	Os lugares são carregados de sensações emotivas principalmente porque nos sentimos seguros e protegidos (p. 99).	O lugar tem um significado para o indivíduo que o incorpora à própria identidade (p. 76).	Lugar visto como combinação de elementos a serem decodificados como uma linguagem (p.48-49).	Lugar que expressa em sinais visíveis não só o projeto vital de toda sociedade, subsistir, proteger-se, sobreviver, mas também suas aspirações, crenças, o mais íntimo de sua cultura (p.32)

Quadro 1: Síntese das definições de “lugar” na perspectiva de alguns autores estrangeiros e brasileiros (Elaboração e organização: Isabella de Faria Bretas, Março, 2014)

A apresentação do quadro-síntese acima menciona demonstrar análises sobre o assunto lugar. Durante o desenvolvimento da dissertação optou-se por seguir o viés da Geografia Humanista porque ele abrange a subjetividade, os sentimentos e as emoções dos sujeitos, essenciais para se compreender o sentido e o significado da Caçada da Rainha.

1.1.1. O espaço da área de estudo dotado de valor

A categoria espaço, da Geografia, ganha uma dimensão mais notória recentemente ao se estudar festas pois elas configuram uma tradição e marcam este espaço com sua singularidade, dando-lhe significado. A ocorrência da manifestação Caçada da Rainha confere sentido e significado ao espaço, transformando-o em lugar imbuído de sentimentos.

O espaço para Tuan (1983) se opõe ao lugar uma vez que, de acordo com ele, “o espaço é aberto, livre, amplo, vulnerável” e provoca medo, ansiedade, sendo desprovido de “qualquer ligação afetiva”(p. 61). No entanto, um local pode se transformar em lugar em questão de horas e da mesma forma, um lugar pode vir a ser um espaço quando perde seu valor, o sentido e os laços que o ligam ao sujeito. Para o autor, o lugar é marcado por três palavras-chave: percepção, experiência e valores. Os lugares são núcleos de valor e podem ser apreendidos por meio de experiências envolvendo relações íntimas próprias.

Conforme Rodrigues (1999), o lugar é algo que só existe do ponto de vista do sujeito que o vivencia e, nesse caso, dotado de concretude porque é particular, único. Os dois autores propõem a análise das relações que envolvem o homem em seu cotidiano, destacando-se suas características enquanto ser-no-mundo, envolto por sentimentos e sensações.

Nesse contexto, analisar-se-á os municípios aqui referidos enquanto espaços-vividos nos quais a ruralização é característica presente.

Colinas do Sul contém, aproximadamente, 3500 habitantes, de acordo com o último censo do IBGE realizado em 2014 e destes, mil residem no meio rural. É um município relativamente novo, a lei que o elevou a tal categoria data de 30 de dezembro de 1987. O acesso somente é possível por meio de estradas não asfaltadas(GO 239 E GO 132) e isso dificulta o trajeto e o interesse dos visitantes. Colinas do Sul

caracteriza-se por pequenas propriedades rurais, aproximadamente 390, contemplando 45% do total de propriedades do município. Elas estão associadas à criação de gado bovino, principalmente, destinados ao corte. Outra característica é a quantidade de rios, que proporciona oportunidade para a pesca. O município compõe, quase em sua totalidade, uma Área de Preservação Ambiental², 80% segundo o Guia Chapada dos Veadeiros, mas, ainda assim, a agricultura é relevante porque é a atividade mais desempenhada pelos moradores. Sua população ativa, 61,1 % de acordo com o *site* “ReDes” para o desenvolvimento sustentável do governo, divide-se em trabalhadores na zona rural e urbana.

Os moradores de Colinas do Sul dizem sentirem-se pertencentes aquele lugar, pois criaram laços e vínculos afetivos por meio, principalmente, das famílias tradicionais que foram as primeiras a habitarem a região e ainda constituem a maioria do município. A identidade rural é uma característica do local, muitos residem ou trabalham em atividades ligadas ao campo sendo esta uma marca de Colinas. Brandão (1995) auxilia a refletir sobre o assunto, ao dizer que o homem rural em sua propriedade familiar possui vínculos estreitos relacionados ao lugar, ao seu espaço de vivência e à produção. É nesse espaço do seu cotidiano que o sujeito reproduz, por meio do trabalho, sua vida no campo e seus símbolos e, por esta razão, essas representações estão presentes na ocorrência das manifestações culturais como a Caçada da Rainha.

Mesmo os moradores que não possuem ligação direta com o campo, de algum modo exercem atividades consideradas “rurais”, como plantações de hortaliças nos quintais, criação de animais de pequeno porte como galinhas e, em algumas casas no centro da cidade até mesmo cavalos podem ser vistos com frequência amarrados em árvores. Esse modo de vida típico de uma cidade pequena do interior pode ser melhor percebido diariamente e também durante a ocorrência das festas como o Rodeio, em outubro e as festas juninas das escolas no mês de junho, além da principal manifestação que movimenta a cidade, a Caçada da Rainha no mês de julho.

Monte Alegre de Goiás possui praticamente as mesmas características apesar de ser maior (sua área é de 3.119 km² enquanto a de Colinas do Sul é de 1.708 km² segundo dados do IBGE – Cidades, 2014) e de sua história ser mais antiga por se

² As Áreas de Proteção Ambiental (APAs) pertencem ao grupo de unidades de conservação de uso sustentável. São áreas, em geral extensas, com um certo grau de ocupação humana, dotada de atributos abióticos, bióticos, estéticos ou culturais especialmente importantes para a qualidade de vida e o bem-estar das populações humanas. São constituídas por terras públicas ou privadas e seus objetivos básicos são proteger a diversidade biológica, disciplinar o processo de ocupação e assegurar a sustentabilidade do uso dos recursos naturais (fonte: Instituto Estadual de Florestas, in: www.ief.mg.gov.br).

tratar de um município cuja origem é mais remota. De acordo com histórico existente no site do IBGE e com o documento fornecido pela Prefeitura a origem da colonização de Monte Alegre foi a exploração de garimpos no século XVIII.

A região ainda é marcada pela presença dos Kalunga, quilombolas cujos antepassados resistiram à escravidão formando núcleos populacionais principalmente nas serras que circundam este município. Sua formação administrativa atual data de 1953 e possui, aproximadamente, 7.700 habitantes entre os quais, aproximadamente 3.000 habitam a zona rural. Mesmo os residentes no perímetro urbano deslocam-se para trabalharem no meio rural como técnicos em agropecuária e ajudantes nas fazendas.

Em contraste com Colinas do Sul, as festas tradicionais, e em especial a Caçada da Rainha, em Monte Alegre de Goiás, não possuem muitas características ligadas às atividades “rurais”, além disso atingem diretamente os lugares causando transformações espaciais significativas, pois são vistos como cenários para o acontecimento. Durante a ocorrência da festa estudada, vários são os ornamentos que atraem e seduzem as pessoas, desde os decorativos, presentes na praça da Igreja Matriz, até as vestimentas dos participantes. Portanto, se pode falar na existência de uma identidade rural em períodos não festivos sendo que, claramente, o comportamento dos moradores se modifica durante as manifestações culturais. Essa transformação recorrente também evidencia uma identidade própria dos moradores de Monte Alegre de Goiás com o espaço o qual habitam. Ao longo do tempo eles se ligaram a símbolos e imagens idealizados que são colocados na praça durante o festejo e fazem com que ela se constitua num lugar pois possuem vínculos afetivos com todos esses elementos. Isso se evidencia nesta afirmação: “[...] a partir de uma identidade própria criada pelos seus habitantes que o apropriam (lugar), não necessariamente como propriedade, mas como ideologia-cultural manifestada nas relações políticas, sociais, econômicas e culturais” (BRANDÃO, 1988, p. 78).

A festa é caracterizada no ambiente em que prevalece o luxo nas vestimentas, nas decorações, no modo de se comportar e é também conhecida no município como Festa de Nossa Senhora do Rosário. Apesar desse luxo, a presença dos Kalunga, que possuem uma vida com características diferentes das mencionadas, é essencial para a ocorrência da manifestação, com as dançarinas da “Sussa” e os congos.

Cavalcante possui um histórico similar ao de Monte Alegre. Teixeira Neto (2009) e Gomes (1983) remetem a origem desta região por meio da penetração de garimpeiros em busca de minas de ouro e também por esta razão a antiga existência de

quilombos nas redondezas não é surpreendente para os pesquisadores. O município está localizado ao norte da Chapada dos Veadeiros e abriga parte da comunidade Kalunga, dentro do Sítio Histórico e Patrimônio Cultural Kalunga, principalmente no Povoado Engenho e no Vão do Moleque. Almeida (2010, p. 114) citados mais específicos e diz que “a maior parte do Sítio, isto é, 71%, insere-se em Cavalcante, mas ocupa apenas 26% da área total do município”, enquanto, segundo a mesma autora, Monte Alegre de Goiás engloba 13% do Sítio.

Em Cavalcante existe um número grande de festejos e comemorações como a Festa de São Sebastião, Santo Antônio, São João, entre outras e a Caçada da Rainha, apesar de enfrentar alguns problemas nos últimos anos, ainda figura-se como uma das principais manifestações do lugar. Tal fato se deve pela tradição e pela presença dos Kalunga que são convidados para representarem, como em Monte Alegre, a “Sussa” e os congos.

A renda no município bem como os empregos giram em torno, principalmente, de atividades ligadas ao comércio e ao turismo por se tratar de uma área que possui muita riqueza natural além dos Kalunga que atraem visitantes interessados em conhecer um estilo de vida peculiar. Segundo a Secretaria de Turismo de Cavalcante, que possui site oficial, a atividade turística é crescente e vários são os pontos enumerados como visitados pelos turistas. Isso se deve pelo fato, também, de o município ser pertencente a Chapada dos Veadeiros, região que atrai milhares de turistas anualmente segundo dados do Seplan – Secretaria de Estado de Gestão e Planejamento.

Durante a Caçada da Rainha, em Colinas do Sul e Cavalcante, características rurais podem ser vistas pela presença de animais como cavalos com o desfile dos cavaleiros pela cidade e da rainha que, em determinados momentos, também monta. Além disso, a decoração é voltada para um ambiente rural, com barracas feitas de palha ou com folhas de palmeiras.

O lugar, em Cavalcante, tendo a concepção de Tuan (1983), discutida anteriormente, está, aparentemente, descaracterizado, talvez pelo crescente número de turistas e eventos, na opinião dos moradores. O vínculo e os laços de afetividade não mais se consolidam como acontecia antigamente e as últimas festas ocorreram somente por causa da Igreja ou de órgãos públicos que tomaram a frente da organização. A Caçada da Rainha deixou de ser realizada neste município há dois anos, contribuindo, ainda mais, para uma não continuidade dos símbolos e rituais tradicionais.

Consequentemente identificar e perceber as identidades presentes durante o festejo foi uma tarefa difícil de ser realizada mas as tentativas resultaram em alguns frutos.

Deve-se esclarecer que o estudo será de determinados lugares situados no espaço urbano uma vez que a Caçada da Rainha, em Monte Alegre de Goiás e Cavalcante, tem seus rituais principais ocorrendo no perímetro urbano. No que se refere a Colinas do Sul, o espaço é também rural porque a rainha é escondida “na mata” cerradeira e as folias que antecedem a festa também pousam e se deslocam para as fazendas.

1.2. O lugar festivo e a sua paisagem

No espaço festivo manifestam-se diferentes relações provocadas pela festa e é nesse sentido que a abordagem geográfica humanista atua, ao valorizar o lugar das tradições e da cultura, e compreender os elementos que compõem essa paisagem. Almeida (2013, p. 418) discorre sobre a Geografia Humanista:

Já no âmbito de uma geografia sensível, esta assume a cultura como criação de símbolos atribuídos aos lugares e aos espaços, às paisagens e ao patrimônio. A produção de símbolos e significados é considerada como a manifestação mais alta do homem. O comportamento humano se manifesta criando símbolos que são, essencialmente, o produto de reações do homem face aos contextos com os quais eles se defrontam.

A festa é responsável pela criação de símbolos na medida em que promove comportamentos e intensifica práticas culturais. Tais símbolos conferem significado ao espaço em que se encontram e são, também, expressões das identidades presentes na festa. Dessa forma, ao analisar a Caçada da Rainha, o seu espaço festivo e a composição de sua paisagem entende-se o sentido da festa para os grupos que participam anualmente, pois ela, acima de tudo, lhes confere valor.

A festa está impregnada, portanto, de valores culturais das comunidades como as crenças coletivas e as representações que também caracterizam a paisagem. Di Méo (2012) caracteriza a festa como um código sociocultural impresso no espaço geográfico e apresenta essa caracterização como fenômeno social, temporário, presente no tempo e no espaço de todo grupo identificado.

As festas modificam o espaço e conferem novas responsabilidades às formas espaciais porque se apropriam temporariamente daquela organização estrutural para acontecerem. Em relação à nova disposição espacial, Maia (1999, p. 204) chama a atenção:

Grande parte das festas, no seu momento de ocorrência, simplesmente fornece novas funções às formas espaciais prévias que dispõem para a sua realização. (Ponto central e entorno): ruas, praças, terrenos baldios, estádios de futebol transformam-se em palcos para o evento.

Essas novas funções estabelecidas ao espaço são vistas nas três representações da festa Caçada da Rainha, nos três municípios. A praça da Igreja transforma-se para receber o ritual da chegada das Folias em Colinas do Sul. Em Cavalcante são erguidas barracas para vendas de comidas e bebidas e, em Monte Alegre, um palco é montado com fins de dar visibilidade ao evento e aos partícipes que o utilizam para discursarem e assistirem às missas e demais solenidades religiosas.

Nos três municípios, as ruas são interditadas para que a “guarda real” possa desfilar montada em seus cavalos, a carruagem dos reis consiga chegar à Igreja, as “susseiras” e os congos possam dançar e cantar e as demais pessoas da comunidade consigam acompanhar essa série de rituais. As bandeiras nas quais estão as imagens dos santos homenageados e os mastros erguidos também passam por esses caminhos que, durante a Caçada da Rainha possuem essa finalidade, serem trajetos para a realização dos rituais. D’Abadia (2010, p. 60) ao falar sobre a mudança na função da forma espacial preexistente reforça que:

Nessa categoria, estão as festas religiosas centralizadas em igrejas, templos e terreiros, as exposições e as festas de migrantes. Outras são aquelas que, mesmo sendo temporárias, passam a exigir estrategicamente formas permanentes para a sua realização, como o carnaval, por exemplo.

Nesse caso a festa é o elemento estruturador daquele espaço que, não raro, é o local onde se originou o povoado antes deste se tornar município. Ali se constitui uma paisagem que configura tempos históricos por meio dos elementos edificadas como as Igrejas e casas paroquiais. A festa é, portanto, dinâmica, ritualística, geradora de identidades dos sujeitos e dos espaços aos quais se apropria configurando-lhe novas funções e, então, novas identidades. Estar na festa de alguma maneira representa uma ligação com aquele espaço e com aquela comunidade que produz construções simbólicas que caracterizam também a paisagem.

A festa da Caçada da Rainha cumpre a função de manter na memória do grupo social o processo de constituição do espaço e do tempo daquele lugar. Os negros presentes na Congada e na “Sussa”, manifestações da religiosidade afro-brasileira, criam lugares ao consagrar espaços. Eles fazem uso da memória que permite a construção de lugares por meio das sociabilidades e das lembranças entre aqueles que dançam. Nesse caso, o corpo é que dá forma ao espaço ao atuar em performances específicas daquele povo e, conseqüentemente, instaura o seu lugar festivo.

Em uma festa como a Caçada da Rainha não é possível pensar o espaço festivo sem o comércio que estimula o consumo na festa, principalmente de comidas e bebidas. Nos três municípios tal fato é recorrente nesta festa. Outra situação é a distribuição de comidas aos participantes, o que se constitui como parte do ritual festivo e é uma espécie de obrigatoriedade por parte dos festeiros. A fartura é a característica marcante nesse momento, transformando o espaço festivo em lugar de alimentação e socialização entre todos os grupos.

Em Colinas do Sul, nos vários dias em que se estende a festa, são fornecidos almoços e jantares dos quais qualquer pessoa presente é convidada a participar. A mesa é colocada na praça da Igreja e todos podem se servir à vontade. Em Cavalcante e Monte Alegre os festeiros e ajudantes distribuem recipientes com farofas e refrigerantes aos que estão no local.

Essa relação entre comida e festa está vinculada ao cristianismo, cuja história D’Abadia (2010, p. 63) conta:

Os relatos bíblicos dão uma mostra da vida de Jesus e de seu envolvimento nas festas. O primeiro milagre público relatado deu-se em uma festa de casamento, em que faltou a bebida e ocorreu a transformação de água em vinho. Seu último momento com os discípulos ocorreu em uma festa religiosa, a Páscoa, que, dentre outros rituais, constava de uma refeição especial e simbólica para o povo judeu. A espacialização das festas no cristianismo está ligada a rituais que envolvem preparativos diversos e são manifestadas no espaço.

A festa está ligada a rituais que pertencem ao cotidiano das pessoas como este exemplificado que se refere ao momento das refeições e, portanto, pode ser compreendida como parte do espaço da vida, da manutenção dos hábitos, dos costumes, das rotinas. Ao se analisar um espaço e suas paisagens sob esse viés, ou seja, em seus aspectos culturais, muito se pode compreender de suas identidades estando, portanto, os conceitos de espaço, paisagem e identidade muito próximos e ligados uns aos outros.

Nessa perspectiva a autora citada contribui novamente ao dizer que “o cotidiano permite o aparecimento da cultura como aquilo que confere existência ao ser social, a existência prescinde de relações, as quais constituem identidades” (D’ABADIA, 2010, p. 19).

As festas são vistas também como paisagens constituídas por símbolos os quais promovem o afloramento de emoções e sentimentos nos sujeitos que se sentem pertencentes aquele ambiente festivo. As relações entre os Kalunga e os moradores da zona urbana fazem parte da paisagem festiva da Caçada da Rainha conferindo-lhe uma singularidade ao promover o encontro e a convivência harmoniosa de vários grupos em um mesmo espaço que, possivelmente, se configura como lugar por diferentes razões para esses sujeitos. As representações da religião, da fé e da identidade de cada grupo estão presentes no espaço e na paisagem festivos que se caracterizam por essa diversidade de histórias, origens e músicas.

A Caçada da Rainha é uma manifestação cultural que se expressa por meio das suas representações simbólicas na paisagem. Ela expressa os sentimentos sociais e revela a estrutura espacial que é composta pela formação de lugares cuja “paisagem é a materialidade, mas é ela que permite à sociedade a concretude de suas representações simbólicas” (LUCHIARI, 2001, p. 13-14). No período da festa, constitui-se uma paisagem diferenciada, suporte para as representações simbólicas ordenadas no espaço e que permitem interpretações sobre os sujeitos, suas crenças, seus valores e suas identidades. Por exemplo, as praças nas quais ocorrem os rituais como o batuque, a chegada e a saída da rainha, são todas fechadas com fitas em cores representativas e ornamentadas com mastros, bandeiras e demais enfeites. Paisagem esta, somente possível de ser visualizada, no período festivo.

Para Cosgrove (1998) a paisagem pode ser lida e interpretada de várias maneiras porque “todas as paisagens são simbólicas” e, portanto, reproduzem normas culturais e de conduta e valores dos grupos inseridos na sociedade. Na Caçada da Rainha mesmo os grupos isolados socialmente, como os Kalunga em Cavalcante e Monte Alegre, deixam suas marcas ao fazerem parte da paisagem festiva não sendo esta, portanto, constituída apenas com elementos da cultura dominante como em outras festas. É possível visualizá-los cantando, dançando de uma maneira a qual somente os Kalunga se apresentam na festa. Eles também se vestem de forma diferenciada e seguem sempre em filas ou grupos, nunca se separando de seus demais.

Com essa “produção” da paisagem, as festas configuram novos espaços, novos lugares e promovem a identidade de sujeitos sociais, relacionada com a atitude

deles para com a festa, sua fidelidade e participação e ligação com os lugares festivos. Claval, (2008, p. 340)³ discorreu sobre a ligação entre paisagem e identidade:

Ela é uma construção simbólica e permite a manifestação da identidade pelos monumentos, pela estetização, com as preferências por tipos de características rurais, pelos cuidados na preservação de determinadas características, sejam naturais ou culturais.

A paisagem suscita inúmeras reações na alma humana, podendo ser estas positivas e/ou negativas, fato que está ligado intimamente à constituição também do lugar e das identidades. Corrêa (2005, p. 148) entende a festa como algo que “permite descobrir signos espaciais que estabelecem um vínculo a partir de uma identidade existente entre o grupo social que festeja e o espaço”.

Nessa perspectiva pode-se dizer que a paisagem e o lugar festivo expressam necessidades e desejos, esperanças, sentimentos, valores, sensações e familiaridade por meio de símbolos, relações, movimento. Durante a Caçada da Rainha, no momento das folias, pais e filhos e demais familiares se reúnem e convivem o dia todo por dez dias, aproximadamente. Nesse período, dançam e cantam juntos, trocam experiências, contam histórias de seus antepassados, dão suporte no manuseio de determinados instrumentos musicais cujos filhos são aprendizes e criam trechos de músicas. Dessa forma eles demonstram seus sentimentos e valores, relatam seus anseios e desejos. Nas vestimentas, também é possível perceber as trocas entre familiares porque muitos foliões jovens usam o chapéu e a gravata que foram do avô ou do pai. Os objetos, portanto, possuem significado íntimo e valor para cada partícipe. Cada um conta um pouco sobre como aquele símbolo é importante para a sua família.

Da mesma maneira ocorre com os outros grupos, como as batuqueiras que transmitem às crianças seus costumes e movimentos durante a dança: “Não são todas [as crianças] que conseguem fazer esse movimento bonito que a gente faz não. Tem algumas que possuem um diferencial, já dá pra ver logo cedo” (Z.M. batuqueira Kalunga entrevistada em abril de 2014, em Colinas do Sul). Suas vestimentas também possuem cores representativas e muitas utilizam as mesmas desde a sua primeira participação na Caçada da Rainha. Com o grupo de congo não é diferente, seus membros também se apresentam de maneira peculiar, cantando e dançando de forma única. Seus costumes são repassados para os mais jovens e muitos são da mesma

³ Palestra proferida no Instituto de Estudos Socio-Ambientais da Universidade Federal de Goiás em decorrência do I Seminário de Pesquisa e Pós-Graduação em Geografia, em 31 de março de 2008.

família, ou são irmãos, primos, cunhados, etc. Portanto, com esses dois conceitos, paisagem e lugar festivos, é possível analisar as identidades dos partícipes, o significado que a festa possui para aquela comunidade e as interações sociais.

O vínculo existente entre espaço e paisagem festivos e como esses se constituem como elementos identitários foi esclarecido, a seguir, a discussão aprofundará na identidade do lugar como fruto da manifestação Caçada da Rainha.

1.3. Identidade do lugar

O processo de identidade de um lugar seria, para Relph (1976), uma combinação de observação, ou seja, de contato direto com o lugar e de expectativas estabelecidas antes deste contato. Desse modo seria a expressão da adaptação, da assimilação, da acomodação e da socialização do conhecimento. Isso implica em um conhecimento detalhado do lugar e na constituição de raízes, de um centro de significados que se torne insubstituível.

A Geografia Humanista valoriza o ser humano e revaloriza os conceitos de paisagem e lugar destacando a existência dos sujeitos e seu sentimento de pertencimento a um espaço. O lugar, então, assume uma “personalidade” de acordo com a história e valores de cada sujeito. Assim, as identidades do lugar, como foram descritas por Relph (1976) possuem como característica comum a de que: “[...] não podem ser entendidas simplesmente em termos de padrões físicos e de traços observáveis, nem só como produtos de atitudes, mas como uma condição indissociável destes” (RELPH, 1976, p. 59).

Os lugares adquirem identidade e significado por meio da intencionalidade dos sujeitos e da relação existente entre essas intenções e os atributos do lugar, ou seja, o cenário físico e as atividades ali desenvolvidas. Tuan (1983, p. 159) mais uma vez contribui com suas concepções ao dizer que é necessário conhecer “a qualidade e a intensidade da experiência” do sujeito com o ambiente para o conhecimento da identidade do lugar e, desta forma, introduz o conceito de topofilia que tem sua aplicação na análise da afetividade pelo lugar.

O processo de construção das identidades, de acordo com Claval (2003, p. 92) implica na “interiorização de valores”, portanto, à luz dessa reflexão é possível concluir que a identidade de um lugar não pode ser desassociada das raízes dos que o

habitam. Almeida (2008) complementa dizendo que “é pela cultura que essas populações fazem sua mediação com o mundo, constroem um modo de vida particular e se ‘enraizam’” (p. 317). Com base nos dois autores, entende-se a contribuição do estudo da Caçada da Rainha, como uma manifestação cultural, para identificação da identidade do lugar, o que ele representa para cada grupo e sujeito partícipe da festa. O olhar das “batuqueiras” para o lugar, dos festeiros, dos congos e também dos turistas, cada qual repleto de um significado distinto, muitas vezes envolvendo emoção, muitas vezes constituindo-se numa relação espacial, sem qualquer envolvimento ou afetividade.

Almeida (2008, p. 318) diz ainda que, conclusivamente, “muitos laços de identidade se manifestam na convivência com o lugar, todavia, os significados desses laços não são marcados pela unicidade e sim pela multiplicidade de percepções”. São as representações coletivas, sociais e culturais que conferem sentido ao lugar e por meio delas pode-se identificar o viés emocional ali envolvido do homem com relação ao seu ambiente, a sua terra.

A reflexão a respeito das práticas representativas que ocorrem durante a manifestação cultural Caçada da Rainha permite absorver a intenção dos sujeitos em conferir uma identidade aquele lugar.

Para a constituição de uma identidade a esse lugar considera-se a influência externa que ele sofre mas emoções ali envolvidas por parte dos sujeitos que lhe conferem sentido e significado próprios são a razão pelas quais o espaço torna-se um lugar representativo para o grupo. A identidade não pode ser desvinculada do comportamento dos sujeitos.

Para Buttimer (1982), a identidade cultural dos sujeitos está intrinsecamente relacionada à identidade com o lugar. As dimensões culturais, emocionais, políticas e biológicas permitem ao grupo possuir redes de interações com o lugar. A identidade de um lugar depende tanto das experiências intersubjetivas como das aparências e, mesmo diante das transformações inevitáveis, para o indivíduo e para a comunidade, a sensação de que algumas características consideradas essenciais permanecem, reforçam a identidade com o lugar.

Por meio dos fundamentos de Relph (1976), a identidade deveria ser considerada a partir de quatro pontos: 1) Seus componentes constituintes; 2) Suas formas e níveis de externidade e internidade da identidade com o lugar; 3) Das ligações das imagens de lugares com sua identidade; e 4) Dos modos pelos quais as identidades se desenvolvem, são mantidas e se modificam.

Levando em consideração os quatro pontos exemplificados compreende-se a razão pela qual os habitantes de Colinas do Sul, Cavalcante e principalmente Monte Alegre de Goiás se dizem sentir pertencentes e se identificarem com a Caçada da Rainha mesmo após transformações significativas ocorridas na manifestação. A maioria percebe e narra as mudanças, em especial os mais antigos que participaram ainda da festa realizada pela geração dos pais e avós e, também, a maioria diz preferir o “evento de antes”. Apesar disso, não deixam de participar ativamente da festa e não cogitam a hipótese do desaparecimento dela nos municípios, com exceção de Cavalcante que, como já foi apresentado, a festa não ocorre nos dois últimos anos.

A identidade, o sentimento de pertencimento e o acúmulo de tempos e histórias individuais constituem o lugar que guarda em si o seu significado atribuído pelos sujeitos e as dimensões do movimento da história, apreendido pela memória, por meio dos sentidos. Os lugares guardam e são núcleos de valor e, portanto, não podem ser compreendidos sem serem ‘vivenciados’ uma vez que só são lugares por grupos que assim o identificam.

Nessa perspectiva não é possível dissociar a identidade do sujeito com o local no qual ele reside. Segundo uma das abordagens de Santos (1996, p. 65), “o sentimento de pertencimento a um determinado lugar constrói uma introspecção de valores que condiciona o modo de vida dos indivíduos”. Em alguns ambientes rurais visitados como, por exemplo, os pousos das folias em Colinas do Sul, a terra constitui-se relevante na relação entre os sujeitos e o lugar, por ser o principal meio de trabalho deles. Essa afirmação pode ser exemplificada com o trecho de uma das músicas cantadas e composta pelos foliões: “vou-me embora desta terra só pra ver se eu faço falta porque, pra mim, ela vai fazer demais”. Possivelmente, ela não reflete o sentimento de todo o grupo mas é cantada e tocada por ele.

A interação com o grupo, interfere nessa identidade construída mas acredita-se na perspectiva de Proshansky et al. (1983) que conceituaram a identidade de lugar como uma subestrutura da identidade pessoal constituída por cognições sobre o mundo físico em que a individualidade habita. Tais cognições representam memórias, valores, sentimentos, atitudes, significados e concepções de comportamento os quais estão relacionados com a variedade e complexidade dos lugares físicos que definem a existência cotidiana de cada ser humano.

Essa concepção traz à luz o fato de que a relação com o grupo dentro de um mesmo espaço constrói, inclusive, identidades coletivas mas se o foco é no sujeito

enquanto ser individual é porque em um mesmo grupo existem sentimentos e apropriações diferentes em relação ao mesmo lugar. Por exemplo, no grupo das batuqueiras tem aquelas que possuem um sentimento de pertença pelo lugar, por terem nascido ali. Ao mesmo tempo, existem aquelas que se apresentam por gostarem da dança e do movimento e não porque se sentem parte do espaço e lugar festivos. O mesmo ocorre com outros grupos, como os congos, os foliões apesar de serem bem raros os que não se sentem parte do lugar, os guardas reais, entre outros. Cada um se apropria do lugar de forma diferenciada, dependendo, portanto, de modelos culturais, sociais, estilo de vida, entre outros.

As singularidades e as especificidades dos grupos, sejam eles de foliões, batuqueiras ou congos, serão analisadas, no decorrer desse estudo, com o propósito de identificar de que maneira essas identidades individuais e coletivas promovem uma “identidade-de-lugar” durante a Caçada da Rainha.

Para a existência de uma identidade de lugar, considera-se a relação do sujeito com os espaços e lugares sendo que essa relação constitui o mecanismo de significação do próprio sujeito em interação com paisagens e lugares. Ou seja, ao conferir significado e sentido ao espaço, além de transformá-lo em lugar, também passa a reconhecer a si mesmo.

O lugar tem um significado para o indivíduo que o apropria à sua identidade. Na construção dessa identidade, existem dimensões e características do entorno físico, que são incorporadas pelo sujeito por meio da interação com o ambiente. A identidade do lugar é um componente específico do próprio “eu” do sujeito, forjado em um complexo de idéias conscientes e inconscientes, sentimentos, valores, objetivos, preferências, habilidades e tendências (GONÇALVES, 2007).

A Psicologia auxilia, pois estuda o significado do espaço e a compreensão dos processos psicossociais existentes entre as relações e interações dos sujeitos, grupos e comunidade. A partir do seu sentimento, “o ser humano aprende a colocar em prática os valores fundamentais do convívio: gentileza, respeito, consideração, cooperação e solidariedade” (MALDONADO, 2003, p. 19) que estão relacionados à identidade do próprio sujeito e à identidade que ele atribui ao lugar, por reconhecê-lo como parte de sua história. Pela apropriação do espaço, o sujeito insere-se no processo de socialização uma vez que se reconhece como parte da realidade que o circunda. A Psicologia contribui para analisar como os sujeitos da Caçada da Rainha se identificam com a festa e como estão identificados no lugar em que ela ocorre. Os

valores e costumes transmitidos por gerações entre os grupos de foliões, congos e batuqueiras ou “Sussa”, os seus símbolos e a maneira que os inserem nos lugares festivos. A identificação com a realidade é fundamental para que ocorra o processo de apropriação do lugar, como Gonçalves (2007, p. 29) explica:

Os processos de apropriação são complexos e se dividem em dois aspectos fundamentais: comportamentais de ação-transformação e de identidade de lugar simbólica – identidade do sujeito com o espaço, na qual se incluem os processos afetivos, cognitivos e interativos.

A Psicologia ambiental contribui com os diversos profissionais, geralmente geógrafos, que lidam com o espaço tendo como referência a sensibilidade. Esta ciência aborda algumas variáveis que, muitas vezes, não são tão aparentes à percepção, à análise e à interpretação do espaço. “A maneira como o homem lê o ambiente e como percebe o significado que o ambiente produz nele é que permitirá a transformação da pura percepção numa linguagem pessoal” (CARPIGIANI, 2010, p. 42). A Psicologia ambiental, de acordo com Moser (1998), estuda o sujeito em seu contexto, tendo como tema central as inter-relações – e não somente as relações – entre a pessoa e o meio ambiente físico e social. As dimensões culturais e sociais estão sempre presentes na definição dos ambientes, mediando a percepção, a avaliação e as atitudes do sujeito ou do grupo frente ao ambiente e à realidade em que se encontra. Cada um, obviamente, percebe e possui atitudes distintas em relação ao seu espaço físico e social e, portanto, configuram-lhe identidades diversas.

Diante do exposto, compreende-se aqui, a Psicologia fenomenológica tal como tem sido praticada a partir de um enfoque humanista, considerando a experiência humana enquanto realidade vivida subjetivamente. Quando a fenomenologia estuda a imaginação, a percepção, a linguagem e a relação humana, ela se volta para os mesmos objetos considerados pela Psicologia. A fenomenologia não é Psicologia mas sim uma reflexão sobre a realidade da qual ela também se ocupa. Por este motivo, considerou-se, fundamental, a junção da abordagem psicológica aqui explicitada com o método utilizado durante a realização da pesquisa.

Os estudos de percepção, na Geografia, têm considerado a perspectiva no conceito do espaço geográfico. De acordo com Oliveira (1979) o conhecimento do espaço não se prende exclusivamente ao geométrico, físico ou cinemático: liga-se também ao psicológico. Dessa forma, reconhece-se que a Psicologia oferece subsídios para um maior entendimento dos sujeitos com os espaços que habitam e organizam em

decorrência das festas, encarando essas relações como um fenômeno social e geográfico. A autora diz ainda:

A percepção deve ser encarada como fase da ação exercida pelo sujeito sobre os lugares, pois as atividades não se apresentam justapostas, mas no encadeamento de umas às outras. Assim sendo, o fenômeno perceptivo, não pode ser estudado isoladamente, nem pode ser apartado da vida das pessoas(OLIVEIRA, 1979, p 74).

Oliveira considera a contribuição dos aspectos cognitivos ao identificar a conduta e as atitudes dos sujeitos na organização dos seus espaços geográficos, podendo atribuir-lhes caráter de lugar e uma identidade de lugar. Esses estudos têm feito uma relação entre a perspectiva psicológica e o espaço geográfico, uma vez que o sujeito integra seu ambiente e o modifica, caracterizando-o. Segundo a autora, os espaços apresentam “cores e nuances de luzes e sombras, e muitas vezes, de penumbra. Todavia, o espaço geográfico é composto de espaços reais e irreais” (OLIVEIRA, 1979, p. 89). Nessa perspectiva procurou-se analisar os significados, atribuídos pelos grupos dos municípios que participam da Caçada da Rainha, das representações, dos símbolos e dos espaços que se encontram inseridos no momento da festa, a partir de uma perspectiva psicológica e geográfica sob o viés da experiência do sujeito.

Outra geógrafa que traz contribuições acerca dos estudos sobre percepção com perspectivas da Psicologia é Torres (2009, p. 58-59) que faz uma ponte entre as duas ciências para auxiliar na compreensão da interação dos sujeitos com o ambiente:

Ambas, Geografia e Psicologia, se ocupam de pesquisar o homem em sua relação com o meio, privilegiando a primeira uma perspectiva espaço-temporal em sua análise, enquanto a segunda procura compreender a psique humana e a partir desta, como o sujeito interage com o meio. Assim, tanto uma quanto a outra, se ocupa das manifestações intersubjetivas de uma dada sociedade, mantendo suas respectivas especificidades.

Assim, considerando-se as relações referidas acima, entende-se que a identidade atribuída ao lugar está relacionada com a interação do sujeito com seu meio, que diz respeito às suas emoções e sentimentos.

Os moradores dos três municípios e partícipes da festa relatam sua história de vida, seus lugares preferenciais cuja relação estabelecida é de intimidade, a afetividade que tem com esse lugar, mostrando que, quando um sujeito se identifica com o lugar, se apropria e coloca nele objetos com os quais se identifica também A formação da identidade de lugar é decorrente da apropriação do espaço. Essa, por sua

vez, é compreendida como o sentimento de “possuir” um espaço por uso habitual ou por identificação, o que engloba relações sociais, psíquicas e culturais. “Um sujeito, ao apropriar-se de um lugar, com o tempo, deixa sua marca e, ao transformá-lo, inicia um processo de reapropriação com o ambiente” (GONÇALVES, 2007, p. 28-29).

Lugar e identidade estão intrinsecamente ligados. Na visão de Sansot (1996), o sujeito se apropria daquilo com o que se identifica. Alguém sempre vai se identificar com algo, portanto, conclui-se que “este algo” conduz a emoções fortes e o que conduz a emoções fortes é necessariamente um símbolo ou objeto composto de valor. O lugar é percebido como um símbolo que representa o sujeito e, a partir de então já existe, necessariamente, uma identidade do lugar.

O lugar da Caçada da Rainha ganha identidade ao se mostrar carregado de emoções e sentimentos, os quais podem ser vistos nos enfeites decorativos que ornamentam o município no período festivo, no cuidado que os moradores e partícipes possuem com os símbolos religiosos. Todos esses elementos vão transmitindo ao lugar marcas, características e identidades próprias daqueles que organizam e vivem a festa. Identidade de lugar, para Lobo (2006, p. 3) é, “uma estrutura complexa constituída por atitudes, valores, crenças e significados referentes à relação psicológica que estabelecemos com os espaços físicos”.

Nos municípios os moradores, exceto os Kalunga que moram afastados do centro urbano, residem muito próximos uns dos outros, o que favorece a colaboração e a relação entre eles. De uma forma ou de outra, eles presenciaram o progresso quando ainda eram vilas e povoados e foram elevados a categoria de município. Por esta razão, possuem laços com elementos que compõem a natureza que ainda é uma característica presente nesses municípios, seja por meio do trabalho com agricultura, a residência perto das matas que circundam o local ou o uso dos animais como cavalos para realizar serviços mesmo dentro do centro urbano.

Esse estilo de vida é o unificador das relações dos moradores, sendo comum a reunião de grupos na casa uns dos outros ou na Igreja para assistirem às missas e celebrarem novenas. O sentido de identidade de lugar envolve a percepção, se apresenta carregado de satisfação, reminiscência e felicidade, como um somatório das dimensões simbólicas ao encarar as experiências e aspirações humanas.

O lugar de maior apego e significado durante a ocorrência da Caçada da Rainha, de acordo com os entrevistados nas três localidades, é a praça na qual está localizada a Igreja Matriz porque “lá é onde tudo acontece, é onde a rainha chega com o

rei, onde todo mundo dança, onde as susseiras dançam..” (N.M.S, entrevistada em julho de 2013 em Monte Alegre de Goiás). Os partícipes se identificam com os rituais celebrados na praça, desde a homenagem a Nossa Senhora e ao Divino, à presença dos personagens como os reis, os guardas reais, os congos e as dançarinas da “Sussa”. A festa representa a comunidade e sem ela é como se os municípios fossem descaracterizados porque são conhecidos nas localidades vizinhas como lugares onde acontece a Caçada da Rainha.

Os partícipes que representam os negros escravizados também expressam suas identidades sociais e pessoais e conferem ao lugar sentidos próprios, ao dançarem de uma maneira cujos passos somente eles sabem, vestirem-se de maneira característica, cantarem, tocarem instrumentos e se movimentarem pelas ruas da cidade. Todas essas ações são indispensáveis para a ocorrência da festa sendo que ela, portanto, depende necessariamente da vontade de participação dos Kalunga em Monte Alegre e Cavalcante.

O enraizamento de sentimentos, a assimilação e a conseqüente incorporação da cultura local contribuem para a formação de identidade de lugar e, por isso, acredita-se tanto na importância do estudo da Caçada da Rainha para compreender a realidade e o sentido da festa para os partícipes e moradores.

1.4. As identidades dos sujeitos

A proposta aqui é estender a discussão de “identidade-de-lugar” inserindo o sujeito festivo em uma abordagem ampla. Vertentes de outras disciplinas, como da Sociologia, da Psicologia, da História, da Antropologia e da Filosofia, podem auxiliar no entendimento.

A identidade pode ser entendida como o conjunto de caracteres próprios e exclusivos com os quais se pode diferenciar pessoas, grupos e organizações uns dos outros, quer diante do conjunto das diversidades, quer ante seus semelhantes.

Dando continuidade a esta discussão, a identidade, se configura como determinante, pois o sujeito tem papel ativo tanto na construção de um contexto a partir de sua inserção, quanto na apropriação do espaço vivido. Sob essa perspectiva, é possível compreender a identidade pessoal e, ao mesmo tempo, identidade social, superando a ideia de uma oposição ou distância entre elas. Strey (1998, p. 161) explica:

[...] os sistemas identificatórios são subdivididos, e a identidade passa a ser qualificada como identidade pessoal (atributos específicos do indivíduo) e/ou identidade social (atributos que assinalam a pertença a grupos ou categorias); essa última ainda recebe predicativos mais específicos como identidade étnica, religiosa, profissional, etc.

Seguindo essa abordagem, a identidade pode ser exemplificada como a cultura do local ou do morador, seus costumes, saberes e tradições, ou seja, são singularidades pertencentes a um único indivíduo, a um grupo ou a um local, que denomina-se lugar. Massey (1994) acredita que apesar de um lugar possuir características próprias ele não tem uma identidade coesa, um sentido partilhado por todos, pois as pessoas não são iguais e assim como elas tem identidades múltiplas, também os lugares tem identidades diferenciadas. O termo identidade para a autora é entendido como “uma especificidade resultante de uma história longa, internalizada” (MASSEY, 1994, p. 184).

É por meio das expressões culturais que se dá a construção individual e coletiva das identidades, contribuindo, dessa forma, para o surgimento do individualismo, característica marcante do sujeito moderno. Devido a este “novo” sujeito e à sociedade capitalista atual, com sua ideologia neoliberal e seus mercados internos e externos, considera-se as palavras do sociólogo Hall (2006): “a época moderna fez surgir uma forma nova e decisiva de individualismo, no centro do qual ergue-se uma nova concepção de sujeito individual e sua identidade” (p.24). Não existe uma única identidade local, mas uma pluralidade, e narrativas que circulam em diferentes espaços.

A abordagem de-colonial vai mais além na discussão, para Deleuze e Guattari (2006) o mundo moderno é visto como palco de crise, de reviravoltas, porque novas questões são caracterizadas e novos problemas são formulados. Eles referem-se à perda da identidade nesse mundo moderno: “Nele, o homem não sobrevive a Deus, nem a identidade do sujeito sobrevive à identidade da substância” (p. 15). A modernidade marca um novo padrão de racionalidade que passa pelo universo físico e pela moral, configurando novos valores e perspectivas de vida e de compreensão de mundo. O que se destaca nessa abordagem é que o tempo moderno é fomentador do sujeito, que se torna relevante por sua consciência pensante e que, por meio da sua razão, pode representar e estabelecer ordem à realidade. Essas modificações determinam um tipo de subjetividade fincada na identidade, na unidade, em um “eu” conhecedor e instaurador

da verdade pura. A subjetividade está em composição contínua e não fixada que leva à padronização do indivíduo, ela interage, sofre variações, produz sentidos:

(...) na heterogeneidade dos componentes que concorrem para a produção de subjetividade, já que encontramos aí: 1- componentes semiológicos que se manifestam através da família, da educação, do meio ambiente, da religião, da arte, do esporte; 2-elementos fabricados pela indústria das mídias, do cinema, etc; 3-dimensões semiológicas significantes colocando em jogo máquinas informacionais de signos, funcionando paralelamente ou independentemente, pelo fato de produzirem e veicularem significações e denotações que escapam então às axiomáticas propriamente linguísticas. (GUATTARI, 1992, p. 14).

Na perspectiva da citação a subjetividade é, de maneira constante, influenciada pelo meio e, conseqüentemente, também o influencia à medida que se apropria de elementos e os introduz na realidade.

Na era atual, com a tecnologia avançada e a facilidade proveniente dos meios de locomoção bem como de comunicação em massa, existe a possibilidade de outras interações e conexões com culturas diversas, linguagens e formas de vida. Portanto, essa subjetividade não pode ser vista por partes separadas, por unidades, por dualidades, como se alguém pudesse saber o que se é. Essa perspectiva rompe com todas as normas e regras capazes de apreender processos fixos e cristalizados; a subjetividade identitária pensada por Deleuze (2006) e Guattari (1992) não está submetida a idealizações e essencialidades.

Esses pensadores, então, desfazem do sujeito e sugerem uma impessoalidade por entenderem que a subjetividade não é fixa, portanto, é necessário o enfrentamento com o estranho, com o de fora. Deve-se desvendar os agenciamentos que formam, que controlam o sujeito, e construir novos mundos, novos espaços de vida, novas formas de ver e pensar o mundo, que alarga a singularidade.

O sujeito metafísico, engendrado pela verdade, pela unificação de si, pelo pensamento da coerência e da identidade não existe e nunca existiu, ele sugere novos modos de criação, de subjetivação, para além da lógica da semelhança, do igual e do padrão. Essa perspectiva de-colonial auxilia nesta pesquisa, uma vez que a intenção não é rotular ou “etiquetar” os sujeitos e seus grupos estudados. Entende-se que a identidade está constantemente mudando devido às relações, aos choques culturais, ao espaço festivo que influencia e é influenciado por fatores externos, aos valores sociais que são diversos. No entanto, procura-se transmitir características dos sujeitos e dos espaços

festivos que interessam por estarem ligados à festa que é o objeto dessa pesquisa e que possibilitam entender as relações das comunidades em questão.

Diante das diferentes perspectivas pode-se conhecer as principais abordagens existentes para confrontá-las, caso necessário, com a que se pretende utilizar. Acredita-se, não na identidade enquanto conceito enraizado e já formado, mas sim na necessidade do sujeito de pertencer a um determinado grupo e, é este sentimento, que qualifica e permite que se fale em identidade. Nesse sentido, a abordagem decolonial contribui com novas ideias de se pensar o mundo e os sujeitos.

Devido a variedade de povos que participam da Caçada da Rainha pode-se falar também em um conceito de “identidade híbrida” porque ela pode ser produzida por uma mistura de culturas diferentes que não tem apenas uma raiz. Na festa em questão é possível identificar elementos da cultura dominante, que é a do branco e elementos da cultura afro, como as danças, cantorias e símbolos dos Kalunga.

A identidade possui, também, um senso de continuidade pois, apesar de mutável, enraíza o sujeito dentro de um círculo social, o que faz com que ele tenha uma continuidade em sua conduta. Faz com que os saberes sejam passados para os novos integrantes do grupo. Nessa perspectiva, a identidade está ligada a uma construção individual do conceito de si mas leva em conta o meio externo, o “outro” e é nesse contato que o indivíduo se reconhece e também passa por uma espécie de aprovação alheia. Machado (2003, s/p), fala que “construir a própria identidade é, portanto, permanente desafio no sentido de encontrar o equilíbrio entre aquilo que se é e o que os outros esperam que nós sejamos”.

Nesse contexto, as gerações mais novas, em determinados momentos, se sentem pressionadas a seguirem o caminho de toda a família somente pelo fato de que é isso o que se espera delas. Para pertencer ao grupo de seus parentes os caminhos trilhados devem ser os mesmos e, dessa forma, as tradições são repassadas e os costumes apreendidos pelos mais novos.

Para Machado (2003, s/p) há uma complementaridade entre a identidade e a cultura, pois a segunda influencia amplamente a primeira, na medida em que a cultura abarca o “repertório simbólico e de valores com os quais os indivíduos constroem as representações acerca dos fenômenos. Nesse sentido, o significado da organização é construído pelos seus integrantes a partir dos parâmetros culturais que eles dominam”.

Identidade seria o sentimento do ser, o auto-reconhecimento, fruto de uma história individual mas ao mesmo tempo afetada consideravelmente pelo olhar do outro. A identidade é mutável e uma mesma pessoa pode ter várias identidades na medida em que ocupa “papéis” na sociedade ou em grupos distintos. Já a identificação, é um conceito próximo, porém distinto do anterior, e envolve o reconhecimento de si pelos outros e o reconhecimento de si em alguém ou algo como um objeto ou um “lugar”.

Enfim, sabe-se que o conceito de identidade possui uma variedade de vertentes, correntes, pensadores e exemplificações. A ideia é focar na identidade enquanto construção social representada em símbolos nas manifestações culturais e em como ela constantemente influencia e é influenciada inserida no contexto de um grupo específico.

Acredita-se que a afirmação das identidades, por meio de representações, posiciona os sujeitos dentro de um grupo, dando sentido aquilo que são ou que podem ser. A necessidade de pertencer a algo, ou estar inserido em um contexto social faz com que essa(s) identidade(s) construídas constituam fontes de significados para os próprios sujeitos e servem também para orientar seus comportamentos.

Pela apropriação do espaço, o ser humano insere-se no processo de socialização a partir do momento em que se percebe sujeito em comunhão com a realidade que o circunda. Ao apropriar-se de um espaço transformando-o em um lugar, ele produz sua subjetividade e constrói a sua identidade, criando vínculos como mostra os autores:

O apego ao lugar é um dos fatores fundamentais para o desenvolvimento da identidade pessoal, ou seja, há lugares que tem um grande valor simbólico para o sujeito. A identificação com o local promove a capacidade de se vincular afetivamente a este, promovendo o apego ao lugar (LIMA; BOMFIM, 2009, p. 445).

Na Geografia e em outras ciências, o conceito de lugar está ligado aos espaços que são familiares aos sujeitos e, deste modo, constituem uma identidade própria e conferem uma identidade à pessoa. O lugar lembra as experiências e aspirações do ser humano, sendo assim fundamental para a sua identidade:

Quando criamos uma identidade com o lugar em que vivemos; ele é algo para nós, nossa memória guarda sobre ele percepções e vivências com as quais nos identificamos. Portanto, estabelecemos com o lugar uma relação de afetividade” (TERRA, 2005, p. 5).

Os moradores dos municípios de Colinas do Sul, Cavalcante e Monte Alegre de Goiás, criam identidades com os lugares de ocorrência da festa Caçada da Rainha pois acabam se ligando a símbolos, imagens e aspectos culturais presentes neles. Existe o processo de construção de uma identidade própria. Os espaços onde são realizadas festas, encontros e manifestações se transformam em um lugar único e só “seu”, na sua forma de apropriação. Pode-se dizer que a criação da identidade das pessoas começa, nesse momento, a surgir a partir das expectativas que são colocadas, seja no lugar que habitam, seja na festa que participam. Ela é construída a partir do cotidiano, dos laços de amizade, dos acontecimentos em comum como as festas, dos sentimentos de familiaridade e pertencimento de cada morador com o seu lugar. No entanto, um mesmo sujeito pode carregar, dentro de si, uma multiplicidade de identidades devido à participação em diferentes grupos sociais.

É por meio de ações coletivas desenvolvidas e pela vivência de experiências comuns que se dá a construção de novas identidades, como diz Oliveira (2011, p. 165-166):

Portanto, a construção dessas novas identidades acontece num espaço coletivo de reflexões, organizações e mobilizações, além de favorecer a descoberta de que caminhar junto pode ser mais eficaz ou recompensador, do que sozinho ou isolado.

É a partir dessa experiência que o indivíduo é amoldado ao seu grupo – mediante gestos, ritos, atitudes, comportamentos e signos – para que possa ser aceito e reconhecido pelo grupo e para que se possa atuar nesse grupo. A adesão ao grupo requer, no entanto, que o indivíduo pense, aja e sinta-se como um integrante, para que as suas ações sejam compatíveis com a sua participação no grupo.

Com a intenção de fortalecer o debate proposto, dialoga-se com o conceito de identidade discutido por Escobar (2010) que demonstra que as redefinições da vida e da cultura dependem da relação com os recursos naturais, ou seja, a organização dos grupos identitários relaciona-se com os espaços em que habitam. Segundo o autor, “No podemos ser sino tenemos el espacio para vivir de acuerdo a lo que pensamos y queremos como forma de vida” (ESCOBAR, 2010, p. 251). Não há de um lado a identidade e de outro o sujeito e o espaço, a identidade nessa perspectiva é espacialmente constituída. Para os moradores dos três municípios estudados, durante a Caçada da Rainha os recursos naturais, árvores, água e animais, por exemplo,

ultrapassam o significado real e passam a se constituir como símbolos que são características essenciais da festa.

Os cavalos, por exemplo, que em algumas ocasiões puxam carroças levando os reis, são considerados parte de um passado no qual só utilizavam animais como meio de transporte. As matas ao redor dos municípios são emblemáticas porque justificam a presença dos negros escravos, que eram explorados para encontrarem pedras preciosas, nos leitos dos rios e nas minas que também constituem parte da paisagem natural. As matas também justificam a presença dos Kalunga, tidos como descendentes de quilombolas que fugiram e se esconderam em locais de difícil acesso, como as serras. Dessa forma, a identidade do lugar desempenha papel central na organização festiva porque os sujeitos se reconhecem nela o que contribui para a continuidade tanto da festa quanto de seus elementos principais.

A identidade é, então, elemento aglutinador dos moradores mas tal fato não envolve os interesses da Igreja que nem sempre estão em concordância com os da comunidade em geral. Por isso, enquanto componente da cultura, da memória e dos saberes locais, os entrevistados enfatizaram que era necessário prosseguir com a Caçada da Rainha porque esta já faz parte da história do município e do povo. A constituição das identidades é compreendida, sem perder de vista os fatos históricos que permearam a vida dos povos diferentes que habitam os municípios. O mesmo conceito também é visto como elemento unificador de ações a partir do momento em que os sujeitos buscam o mesmo fim que é o acontecimento da Caçada da Rainha. Há um enraizamento dos sujeitos nos espaços onde vivem e trabalham, os quais estão relacionados com a agricultura e criação de animais como os cavalos, sendo esta uma característica da identidade dessas comunidades também.

Obviamente nem todos os grupos se caracterizam por possuírem muitos elementos que remetem ao ambiente rural, como é o caso dos reis e rainhas em Monte Alegre, cuja marca principal é o luxo presente nas vestimentas. Ainda assim, utilizam-se de carroças, puxadas por cavalos para serem deslocados até a praça da Igreja. Essas características foram frutos de mudanças que ocorreram na Caçada da Rainha porque, nas primeiras festas, os relatos contam que aconteciam todas nas fazendas com trajes mais simples e maior fartura nos alimentos.

Diante de mudanças, o impacto é percebido no espaço e nos sujeitos que, entre transformações e permanências, rugosidades e inovações nas práticas culturais vão se re-adaptando e criando novos saberes-fazeres, novas identidades. A pesquisa

procurou explicar isso, “as vidas que vivem e os mundos que criam para viver e compartilhar natural-e-culturalmente as suas vidas” (BRANDÃO, 2009, p. 16).

1.5. O lugar e a identidade nas festas da Caçada da Rainha

Levando em conta as questões de ordem simbólica e cultural e o sentimento de pertencimento que Almeida (2005, p. 109) destaca como “[...] resultado de uma apropriação simbólico-expressiva do espaço, sendo portador de significados e relações simbólicas” conclui-se que a identidade cultural dá sentido e significado ao espaço-lugar. Conclui-se, portanto, que os laços de identidade se manifestam na convivência com o lugar. Considerando-se que esses laços são marcados pela multiplicidade de sentidos, as identidades podem, também, ser diversas.

Goffman (1988) constatou que a identidade pode ser analisada como reflexo de um conjunto de subjetividades e elaborou a classificação de três tipos: 1) identidade social, 2) identidade pessoal e 3) identidade de ego. A primeira contempla as exigências e características que a sociedade espera do sujeito e pode ser encontrada na festa analisada porque muitos são reconhecidos devido ao grupo ao qual fazem parte como os foliões ou os guardas reais, por exemplo. A segunda relaciona-se com as características pessoais do sujeito, o que o caracteriza como único no meio social. Já a terceira é uma combinação do que o sujeito pensa de si com processos sociais do grupo ao qual pertence.

O espaço festivo veicula significações e ressignifica identidades e papéis sociais. Nesse sentido não é possível restringir todas as identidades existentes e os diversos tipos de “códigos culturais” presentes em cada lugar da festa, responsáveis por representarem os sujeitos. A identidade Kalunga, por exemplo, está presente na Caçada da Rainha em Cavalcante e Monte Alegre, e se caracteriza no processo de autorreconhecimento étnico e nas representações sociais. A identidade regional é vista principalmente em Colinas do Sul, pois os sujeitos se reconhecem enquanto habitantes do município e pertencentes aquele ambiente.

Castells (2000) estuda os tipos de identidades relacionados ao contexto específico do surgimento da sociedade e examina os processos fundamentais para a construção da identidade coletiva. O autor discorre sobre o nacionalismo, a identidade étnica, o fundamentalismo religioso e a identidade territorial. Considerando essa

perspectiva, a identidade étnica e territorial seriam as que melhores se adequariam ao contexto da Caçada da Rainha devido à presença Kalunga e de relações que caracterizam um território.

Ainda sobre os tipos de identidade, como diria o historiador francês Le Goff (2003): “A memória é um elemento essencial do que se costuma chamar identidade individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje, (...)” (p. 469). Analisar, portanto, lembranças, trazendo à tona acontecimentos e características do passado possibilitou delinear algumas concepções de como seriam constituídas as identidades dos três locais e dos variados grupos que fazem parte da manifestação cultural.

Atualmente, por meio da História e da Geografia Cultural ampliou-se a área das fontes a serem consideradas em um estudo sobre identidade. O documento que a história tradicional reduzia a textos e a resquícios arqueológicos, hoje abrange a palavra dita, o gesto, a expressão corporal, o modo de ser/realizar determinada atitude, os saberes populares entre outros. Este “texto” não escrito será considerado para compreender em que a festa Caçada da Rainha colabora para formação das identidades de grupos étnicos além da identidade do lugar apropriado por cada um deles e a relação com a história local.

No Norte Goiano, região onde estão localizados os três municípios referência para o presente estudo é possível visualizar boa parte do Cerrado conservado. O local caracteriza-se pela proximidade com o Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros e pelo predomínio das formas serranas, com relevo formado por vales e chapadas, o que dificulta a expansão agrícola. Nas elevações em direção ao Vale do Rio Paranã, há o domínio de formações florestais e a terra nas encostas e vales é considerada propícia para o plantio de roçados (ALMEIDA, 2005). É nesse ambiente que se encontram comunidades Kalunga, especificamente em Cavalcante, Monte Alegre de Goiás e Teresina de Goiás.

A formação da cultura e identidade norte goianienses estão, nesse sentido, intimamente ligadas aos negros, escravizados e levados à região para trabalharem, e aos primeiros exploradores do local que foram os bandeirantes, fatos encontrados nos escritos de Palacín (1994) e Bertran (2000). Além de desbravar, explorar e povoar novas terras, os colonizadores tinham também uma justificativa ideológica: a expansão da fé cristã.

A história do norte goiano foi marcada desde o início de seu povoamento, pela exploração do ouro e, quando a fase aurífera entrou em declínio, os arraiais criados por conta desta atividade foram aos poucos abandonados. A decadência do ouro afetou a sociedade goiana, sobretudo na forma de ruralização e regresso a uma economia de subsistência, característica existente ainda nos dias atuais.

Os três municípios, nos quais ocorrem a Caçada da Rainha, se constituem em espaços onde as comunidades locais desenvolvem práticas socioculturais que definem suas identidades além de estabelecerem vínculos com o lugar por meio de um autorreconhecimento e um reconhecimento de si no grupo. É por meio da representação social, dos modos de vida, dos comportamentos, dos saberes e da rotina diária que se identifica a consciência de pertencimento dos moradores. Todos os dias as pessoas realizam as mesmas atividades laborais, encontram conhecidos, conversam, trocam experiências e repassam conhecimentos aos mais jovens, como a lida na terra por exemplo. Em conversas estes moradores dizem não ter vontade de mudar a rotina ou de sair daquele lugar, principalmente os moradores mais velhos que possuem vínculos e raízes nos municípios a que pertencem.

Em Colinas do Sul há a tradição das Folias, antes do dia da Caçada da Rainha em si, que constituem, de acordo com um dos organizadores da manifestação e os foliões, em grupos que convidam os moradores da zona rural a participarem da festa que se iniciará em alguns dias. Com símbolos próprios como bandeiras, imagens, roupas, músicas, esses festeiros fazem a devoção à Nossa Senhora do Rosário e ao Divino Espírito Santo durante dez dias. Como o número de pousos é grande, devido aos fiéis que moram na zona rural fazerem questão de receberem em suas casas as bandeiras com as divindades representadas, acreditando em uma possível benção para suas moradias, a Folia se divide em dois grandes grupos, o Giro de Cima e o Giro de Baixo. Cada qual percorre um trajeto e as duas pousam em nove locais diferentes, sendo, dez dias de giro, encerrados com o arremate na Igreja Sagrado Coração de Jesus em Colinas do Sul.

Mostrar o caminho da folia aos iniciantes, principalmente por aqueles que realizam todo o trajeto a cavalo, muitas vezes longo entre um pouso e outro é motivo de orgulho por parte dos festeiros. É como se o sacrifício maior na caminhada fosse bem-visto pelas divindades homenageadas ou até obtivesse um reconhecimento maior por parte do próprio grupo, dentro do qual muitos festeiros não percorrem o caminho todo a cavalo e utilizam veículos motorizados. Foliões e festeiros

confeccionaram mapas falados (Figuras 2 e 3) e identificaram todos os pousos com certa facilidade demonstrando a familiaridade que possuem com aquele assunto e com aquela região.

No Mapa Falado do Giro de Baixo (Figura 2) os organizadores enfatizaram, além dos pousos, elementos que lhes são familiares como Lago Serra da Mesa, a Serra que circunda aquele espaço e a GO 132 que é o acesso mais fácil para as fazendas. Por meio desta análise é possível compreender que os elementos naturais que compõem a paisagem daquele ambiente não passam despercebidos ou ignorados pelos foliões, ao contrário, ao começarem o esboço, eles fizeram questão de destacá-los. Além disso as distâncias “calculadas de cabeça” entre os pousos tiveram como base referencial tais elementos: “Aqui ó, ta vendo? Aqui é o Lago Serra da Mesa, todo mundo conhece, e a Fazenda Mato Verde fica aqui bem pertinho, num tem jeito de errar ou confundir não” (J.N. entrevistado em abril de 2014 em Colinas do Sul).

A explicação do trajeto percorrido pela Folia baseou-se nesses elementos para que fosse possível comprovar o caminho correto: “essa Serra é essa Serra aí que a gente vê aí tudo, ela fica entre a Fazenda Mato Verde e a Seringueira, então é assim, passou a Seringueira, viu a Serra, é porque ta certo o caminho” (J.N, entrevistado em abril de 2014 em colinas do Sul). “É, é assim que a gente orienta né, os foliões que ainda num sabe o caminho, os mais novos” (M.R, entrevistado em abril de 2014 em Colinas do Sul).

Existe um grau de interação social entre todos os partícipes da folia (sejam foliões ou apenas espectadores). Essa relação quase fraternal, mesmo entre pessoas não pertencentes à mesma família, se prolonga para o espaço urbano de Colinas do Sul durante a Caçada da Rainha fazendo com que a impressão transmitida seja a de um município constituído por uma grande família.

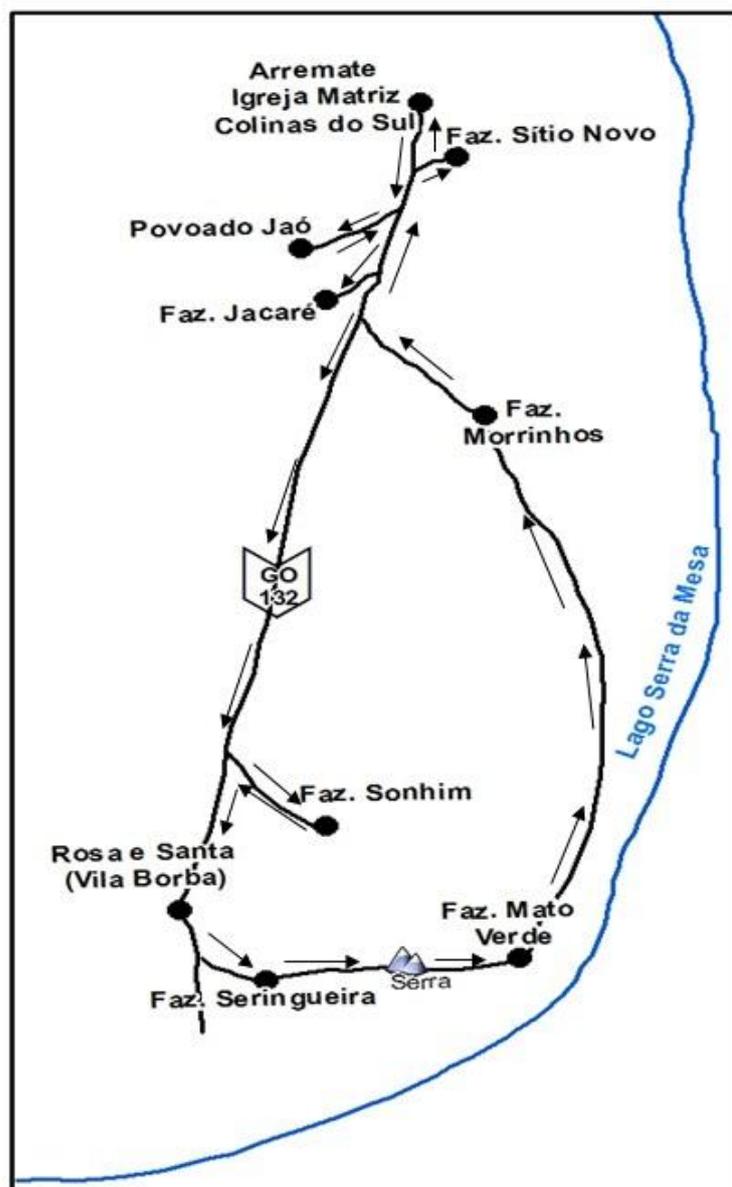


Figura 2: Mapa falado da Folia do "Giro de Baixo" produzido por: Alan Cardeks e José Nilo, em abril de 2014 (Adaptado por: Isabella de Faria Bretas e Ricardo de Faria Pinto Filho. Julho, 2014)

ORDEM DOS POUSOS DA “FOLIA DO GIRO DE BAIXO” NO MUNICÍPIO DE COLINAS DO SUL.

Alvorada	Colinas do Sul
1º pouso	Residência do senhor Tagiba – Local: Povoado Jaó
2º pouso	Residência do senhor Paulo Coelho – Local: Fazenda Jacaré
3º pouso	Residência do senhor Zé César – Local: Fazenda Sonhim
4º pouso	Residência da senhora Rosa – Local: Distrito Vila Borba
5º pouso	Residência da senhora Santa – Local: Distrito Vila Borba
6º pouso	Residência do senhor André – Local: Fazenda Seringueira
7º pouso	Residência do senhor Paulino – Local: Fazenda Mato Verde
8º pouso	Residência do senhor Cristiano – Local: Fazenda Morrinhos
9º pouso	Residência do senhor Divarcena – Local: Fazenda Sítio Novo
Arremate	Padre Wagner – Local: Igreja Matriz

Tabela 2: Pousos da Folia do Giro de Baixo. (Elaboração e organização: Isabella de Faria Bretas. Julho, 2014)

O Mapa Falado do Giro de Cima (Figura 3), além de destacar os pousos realizados pelos foliões, possui elementos também com o intuito de localização e para facilitar o entendimento espacial. O município de Alto Paraíso está colocado no mapa para que seja possível entender o sentido que a Folia percorre, além dele tem as rodovias GO239 e GO 132 que também facilitam o acesso às fazendas por meio de automóveis.

O Rio Preto aparece em destaque e os foliões falam sobre ele: “vai seguindo a margem do rio, tem bem uns 5 pousos que dá pra encontrar só seguindo o rio porque é tudo mais ou menos perto dele. Tem outros que não, mas esses são fáceis de achar também” (M.R, entrevistado em abril de 2013 em Colinas do Sul).

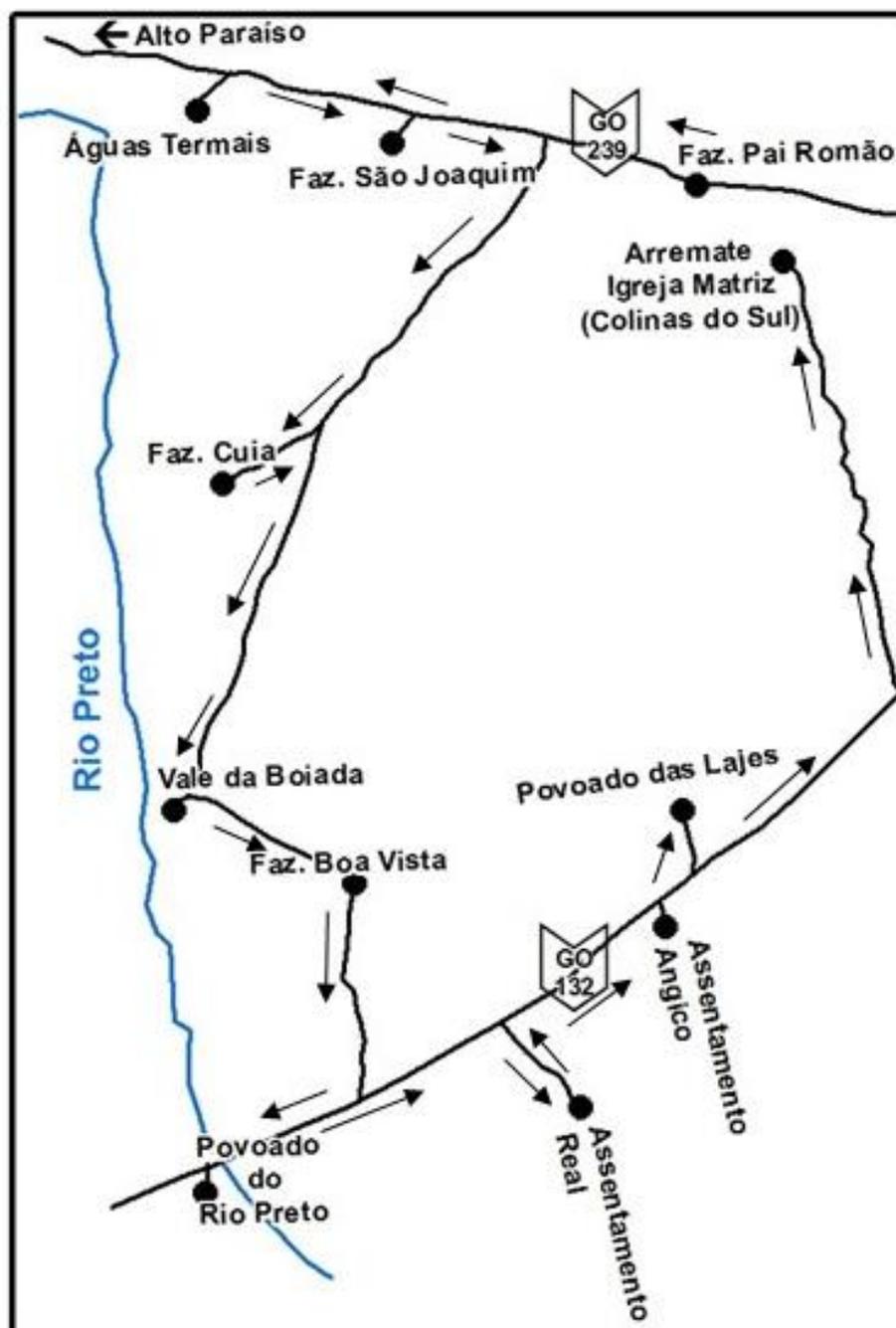


Figura 3: Mapa falado da Folia do "Giro de Cima" produzido por: Alan Cardeks e José Nilo, em abril de 2014 (Adaptado por: Isabella de Faria Bretas e Ricardo de Faria Pinto Filho. Julho, 2014)

ORDEM DOS POUSOS DA “FOLIA DO GIRO DE CIMA” NO MUNICÍPIO DE COLINAS DO SUL.

Alvorada	Colinas do Sul
1º pouso	Residência da senhora Paixão – Local: Fazenda São Joaquim
2º pouso	Residência do senhor Dó – Local: Fazenda Águas Termais
3º pouso	Residência do senhor Nucha – Local: Fazenda Cuia
4º pouso	Residência dos Filhos de Ataíde – Local: Fazenda Vale da Boiada
5º pouso	Residência dos Filhos de Zequita – Local: Fazenda Boa Vista
6º pouso	Residência do senhor Carlim – Local: Povoado do Rio Preto
7º pouso	Residência do senhor Mazim – Local: Assentamento Real
8º pouso	Residência do senhor Zico – Local: Povoado das Lajes
9º pouso	Residência do senhor Arcelino – Local: Assentamento Angico
Arremate	Padre Wagner – Local: Igreja Matriz

Tabela 3: Pousos da Folia do Giro de Cima. (Elaboração e organização: Isabella de Faria Bretas. Julho, 2014)

As relações sociais que se criam nesses lugares não se devem à proximidade física, até porque, como é notável nos mapas falados, algumas residências são distantes umas das outras na zona rural e alguns trajetos só podem ser percorridos a cavalo, o que dificulta o acesso. Mas o sentimento de pertencimento coletivo e os laços de amizade e, principalmente, os de parentesco são o que parece unir as pessoas em um mesmo grupo. Praticamente todas conhecem a história da região, sabem quem foram os primeiros habitantes e onde tudo começou, sabem também a religião de cada um e compõem uma maioria católica cuja devoção principal, nesse período, é à Nossa Senhora do Rosário e ao Divino Pai Eterno. A ocorrência da Folia no município de Colinas é um meio de preservar a identidade religiosa e territorial daqueles indivíduos e daqueles lugares por onde a todo o momento eles cantam referindo-se, além das divindades, a terra: “... e leva o seu joelho ao chão, sobre a terra, e pede a ela proteção.”

Ainda nos ritos da Folia (Figura 4) os grupos realizam o que chamam “Bendito da Mesa”, que consiste numa reza cantada ao redor da mesa de refeição, agradecendo o alimento ali presente e o “Periquitinho Bonitinho”, uma espécie de dança cujos passos são característicos da catira mas misturam-se com outros movimentos e as músicas possuem um ritmo diferenciado. Todos podem participar dançando, desde que estejam utilizando chapéus que, como explicaram, é “um sinal de respeito”, seja aos donos da casa, aos santos envolvidos ou a terra.

Depois do jantar e das danças, em determinado momento, no 9º pouso em 2014 surgiu a figura do folião mais antigo do município, o senhor Luiz Coelho que, com a voz muito alta e firme elogiou a união do grupo e se desculpou por não poder mais acompanhar a Folia em todo o seu trajeto por questões de saúde decorrentes da idade avançada. Ele cobrou a presença da “rainha” e do “rei” nos pousos, mesmo que eles não possam presenciar toda a Folia, devem estar nos pousos jantando, festejando com os foliões e convidando a população em geral para participarem da festa. Por isso as figuras do rei e da rainha são tão importantes, é mais um incentivo para que os moradores da zona rural se desloquem para vê-los e festejem homenageando as divindades representadas.



Figura 4: Chegada da Folia no Povoado Lajes com cenário rural (Autoria: Isabella de Faria Bretas. Julho, 2014)

Esses moradores expressam, de várias maneiras, como sua identidade se estabelece na relação que eles tem com o lugar e o sentimento de pertencimento dá-se em virtude da região ser a mesma habitada por seus pais, avós, bisavós e quase todos possuírem um laço familiar comum. Evidências disso são possíveis encontrar nas conversas ao dizerem que aquele foi o local onde o pai residiu ou trabalhou, que eles

conhecem desde pequenos e ao relatarem suas experiências e as histórias que escutaram de seus antepassados. A relação dessas comunidades com o Cerrado ocorre na utilização dos recursos naturais como áreas de roçado, quintais e criação de gado, além do ambiente cerradeiro ser parte constituinte da tradicional Caçada da Rainha. A rainha é “escondida no meio do mato pelos mascarados e quem quiser vai procurar por ela, mas só dá pra ir se for de cavalo”, explica A. C. (entrevistado em julho de 2013 em Colinas do Sul).

A professora e batuqueira Z.M. diz: “ah! Aqui a gente já conhece tudo né, já conhece todo mundo.. Não dá pra sair daqui não, nem do movimento de cidade grande a gente gosta” (entrevistada em julho de 2014 em Colinas do Sul). O espaço transformado em lugar se concretiza nesta fala, sendo identificado um sentimento de segurança e conforto e uma sensação de algo conhecido pelas pessoas. Assim, “o anseio por identidade vem do desejo de segurança” (BAUMAN, 2005, p. 35).

Em Monte Alegre de Goiás, apesar dos partícipes da festa não entrarem em contato direto com a mata durante a ocorrência do festejo, esse sentimento de pertencimento e de identificação com o lugar e seus símbolos também existe. Alguns elementos são tipicamente rurais como o uso dos animais em alguns rituais da festa, por exemplo, no momento da cavalgada (Figura 5), e no momento de buscar a rainha em casa e, o ambiente montanhoso, por si só já configura a presença da natureza no espaço festivo.



Figura 5: Cavalgada nas ruas de Monte Alegre de Goiás, antes de “encontrarem” a rainha (Autoria: Isabella de Faria Bretas, Julho, 2014)

No espaço urbano de Monte Alegre a distância entre as casas é mínima, são todas uma ao lado da outra, contribuindo para o surgimento de laços entre os

moradores do município. Como visitante, é possível sentir um clima de familiaridade em um lugar onde todos se conhecem. Durante o período da ocorrência da Caçada da Rainha, a maioria dos moradores coloca bancos em frente às casas e fica conversando durante o dia inteiro, até presenciarem os rituais da cavalaria, do encontro com a rainha e da ida do rei e da rainha até a igreja. O luxo é a característica mais marcante do festejo. A maioria dos elementos e símbolos presentes na festa é de responsabilidade do rei e da rainha atuais, seja a decoração, as vestimentas deles e dos outros partícipes como a cavalaria, o congo e a “Sussa”, a comida distribuída em três dias de festejo, o palco para as celebrações religiosas já que não cabem todos na parte interna da Igreja, enfim, tudo é sinônimo de gasto.

A festa é algo essencial para a identidade dos moradores de Monte Alegre de Goiás e ela ocorre há mais de 200 anos, de acordo com o histórico produzido por residentes do município, sendo, portanto, parte da história do surgimento da região.

Monte Alegre é circundado por serras e matas, e a metade, praticamente, dos moradores, cerca de 3.000 pessoas, habita a zona rurale se desloca ao centro urbano por estradas não asfaltadas, pelas quais, no decorrer do dia passam veículos, pessoas a pé ou a cavalo. Esta é uma especificidade espacial e uma particularidade cultural que expressa o modo de vida dos moradores ligados a atividades de roçado e criação de animais que convivem também no espaço urbano. A própria rainha deste ano reside “na fazenda” como ela explicitou mas vai à cidade toda a semana, participa das cerimônias religiosas na Igreja Matriz de Santo Antônio, das festas do município, e visita os familiares e amigos que moram no centro urbano. Para a festa da Caçada da Rainha, se hospedou na casa da mãe que, apesar de ir muitas vezes até a fazenda, fixou-se na cidade, em um local muito próximo à Igreja.

Cavalcante possui o que se pode chamar de “ruralidade da festa” mas não é tão acentuada como em Colinas do Sul. Por alguns anos a rainha era levada até a mata cerradeira para ser escondida mas já nas últimas manifestações era um ponto específico em que todos sabiam onde ela se encontrava sendo, portanto, uma espécie de “esconderijo simbólico”, apenas para que as características não se perdessem. Dessa forma, não existia a verdadeira “caça” como no município de Colinas. Em algumas festas, a rainha também foi “escondida” em casas no espaço urbano como em Monte Alegre de Goiás. Cavalcante possui características que são reformuladas anualmente, devido a não regularidade da Caçada da Rainha (Figura 6 e 7).



Figura 6: Rei e Rainha no município de Cavalcante em 2012 (Fonte: Arquivo pessoal dos moradores)



Figura 7: Rainha em Cavalcante, em 2001 (Fonte: Arquivo pessoal dos moradores)

A festa em questão é criadora de identidades. Ao mesmo tempo, o lugar também contribui para a formação das identidades pois, segundo Relph (1979) é uma necessidade básica dos sujeitos o estabelecimento de uma relação profunda com os lugares, pois sem tais relações, a existência humana, embora possível, fica desprovida de grande parte de seu significado. Nessa perspectiva, o lugar é um centro de significações que constitui tanto a identidade dos sujeitos como indivíduos, quanto

como membros de uma comunidade, associando-se, desta forma, ao conceito de lar (home place), pensamento manifestado por Tuan (1980).

Esse lugar é caracterizado pela vivência rotineira que une o urbano e o rural e pela continuidade cotidiana com a Caçada da Rainha. É onde as pessoas compartilham experiências e vivências.

Diante das reflexões sobre o espaço vividas em três comunidades pode-se dizer que ele está repleto de símbolos que o configuram como lugar no qual moradores se reúnem e constituem um grupo com os sentimentos de pertencimento, de familiaridade e afetividade.

CAPÍTULO 2. OS SUJEITOS DA FESTA E SUAS REPRESENTAÇÕES IDENTITÁRIAS

A discussão sobre espaço-lugar e identidade da Caçada da Rainha no primeiro capítulo deve ser complementada com a necessária contextualização dos sujeitos festivos partícipes da festa em questão. A festa é, do ponto de vista da Geografia, uma oportunidade essencial para compreender o espaço e a relação da sociedade com ele, caracterizando sujeitos distintos.

Nesse sentido, o presente capítulo, inicialmente, aborda a festa enquanto manifestação da cultura popular bem como seus conceitos teóricos, por meio da análise sobre alguns autores que discutem o tema. O contexto quilombola no norte goiano também foi objeto de estudo com a finalidade de compreender sua história e a inserção dos Kalunga nos municípios estudados e na Caçada da Rainha. As três cidades são caracterizadas por terem populações Kalunga residindo próximo ou dentro dos territórios municipais. Compreender o contexto quilombola na região do norte goiano auxiliará na interpretação da Caçada da Rainha enquanto manifestação festiva com resquícios da cultura negra. A presença desse povo é característica indispensável para a ocorrência da festa mesmo em Colinas do Sul que não possui comunidades Kalunga.

Os sujeitos da Caçada da Rainha em cada um dos municípios foram exemplificados assim como seus papéis e funções dentro da festa. Com o objetivo de fornecer maior clareza aos que desconhecem tais sujeitos são apresentados fluxogramas que apontam diretamente essas informações.

A identidade espacial da Caçada da Rainha em Colinas do Sul foi detalhada, pois é onde possui caráter mais popular, envolvendo a participação de toda a comunidade. Nesse momento, todos os rituais são expostos e alguns registros fotográficos dão mostras desses acontecimentos. A identidade do mesmo município também foi objeto de análise da dissertação.

A festa estudada ocorre em uma dinâmica impregnada de representações ritualísticas, inserida no universo do catolicismo popular com a presença de características da cultura negra. Essas especificidades conferem sentido ao espaço festivo e atribuem sentimentos de pertença aos participantes e, portanto, serão explicitadas no final deste capítulo.

2.1. A festa enquanto cultura popular

“As culturas não são desiguais, não há uma hierarquia. Não há culturas rústicas ou empobrecidas. Elas são culturas diferenciadas, a relação entre elas é uma relação entre diferenças”(BRANDÃO, 2007, s/p)

Compreender como a cultura interage com a natureza, ou como as populações, por intermédio da civilização, modificam o meio, constituiu desde o início da ciência geográfica moderna objetivo também da Geografia na linha Humanista. Toda a sua atenção se centra nas relações emocionais e simbólicas que se estabelecem entre o sujeito, que pensa e sente, e o espaço geográfico no qual se move. Converter o espaço em lugar, como já foi mostrado anteriormente por meio das idéias de Tuan (1980; 1983), constitui um processo de natureza eminentemente cultural, já que consiste na atribuição de valores ao espaço que o tornam portador de sentido.

Desse modo aceita-se a ideia de que é a própria consciência do sujeito como indivíduo que o faz se reconhecer no espaço geográfico e, logo, identificar nele lugares: “Reconhecer-se supõe uma apropriação do espaço pelos sentidos”, recorda Claval (1995, p. 158). A cultura passou a ser vista como variável pertinente para a compreensão dos mais diversos aspectos da realidade e a marcar presença em diferentes domínios da investigação geográfica.

A cultura de um povo é construída ao longo do tempo e concebida como:

modos, formas e processos de atuação dos homens na história, onde ela se constrói. Está em constante modificação, mas, ao mesmo tempo é continuamente influenciada por valores que se sedimentam em tradições e são transmitidos de uma geração para outra” (GOHN, 2005, p. 98).

Essa transmissão de “saberes e conhecimentos” excede a simples repetição de palavras e ações, ela reflete também as emoções, o sentimento de pertencimento, ou seja, a identidade do transmissor e da manifestação. Woodward (2009, p. 18-19) diz que “a cultura molda a identidade ao dar sentido à experiência e ao tornar possível optar, entre as várias identidades possíveis, por um modo específico de subjetividade”. Dessa forma a festa enquanto cultura popular consolida as várias relações existentes entre os grupos e suas respectivas identidades. Assim, observa-se que os atores sociais reproduzem suas identidades por meio das manifestações nas

festas reproduzidas na cidade, nos símbolos como as bandeiras religiosas de devoção e na “espetacularização” do festejo.

Em meio a tantas formas de se pensar o termo “cultura” acredita-se numa junção de pontos em comum identificados e abordados por várias ciências humanas. É o modo como o sujeito se relaciona com o espaço vivido e com os outros seres naquele ambiente, seja cotidianamente, seja em momentos festivos específicos. Os símbolos produzidos e apropriados por ele e por seu grupo, repletos de significados para aquela comunidade é uma das formas de expressão cultural.

2.1.1. Conceitos teóricos sobre festa

“A festa produz ou reafirma uma identidade” (DI MÉO, 2012, p.24)

É nas festas que a comunidade se revitaliza, se recria, se encontra e se vê como um todo, sendo, portanto, elemento básico para compreender o simbolismo e a mentalidade popular.

A festa é, do ponto de vista da Geografia, uma oportunidade essencial para compreender o laço dos sujeitos com o espaço porque ela permite “perceber os signos espacializados pelos quais os grupos sociais se identificam a contextos geográficos específicos que fortificam sua singularidade” (DI MÉO, 2012, p.27). Nesse sentido, a Caçada da Rainha, com seus símbolos e signos representa uma fonte para a análise dos sujeitos que compõem o espaço festivo e a relação entre eles.

Amaral (2001) considera que as festas pressupõem sociedade mais ou menos homogênea e constituem espaço propício para a construção de identidade, para a reafirmação de valores comuns, ou para a elaboração de novos valores. A Caçada da Rainha é, de fato, uma expressão cultural, de organização popular, mas cuja liderança, durante os festejos, em algumas localidades, é responsabilidade da Igreja Católica.

Segundo Pessoa (2007), a festa é um momento de aprendizagem, é o texto escrito pela memória, constituída pelos valores, é transmissão oral do conhecimento. Festa é, então, momento de aprendizado e fortalecimento dos laços sociais. É uma maneira de “ler” determinada comunidade, durante um conjunto de ações que vai desde a promoção da alegria e prazer até transmissões de costumes e saberes,

por exemplo, nos momentos de cantoria e dança. A afirmação é destacada quando os partícipes mais antigos assumem gestos seguidos pelos mais novos e aprendizes.

Para Brandão (1990), as festividades esboçam a constituição do sentido da vida e da ordem do mundo, estaultimavivenciada mediante festejos e símbolos. É um momento de troca de afeto, símbolos, significados, identidades, estimas, é um “conviver com o outro” por meio do canto, da dança, da dramatização. Sob esse aspecto, Maia (1999) ressalta que a festa é uma concepção de mundo.

Outro autor que auxilia no entendimento do assunto é Guarinello (2001, p. 972) ao dizer que a festa é:

uma produção do cotidiano, uma ação coletiva, que se dá num tempo e lugar definido e especial, implicando a concentração de afetos e emoções em torno de um objeto que é celebrado e comemorado e cujo produto principal é a simbolização da unidade dos participantes na esfera de uma determinada identidade. Festa é um ponto de confluência das ações sociais cujo fim é a própria reunião ativa de seus participantes.

Por meio dessa leitura, a festa é valorizada como uma exaltação de relações cotidianas na qual se observa sujeitos interagindo, formando práticas espaciais e definindo paisagens, territórios e lugares. Assim, a Caçada da Rainha é considerada uma situação social na qual os sujeitos que habitam o espaço onde ela ocorre, se encontram e produzem a festa na/da cidade. Nesta mesma vertente, Mariano (2009, p. 3) afirma que “a festa faz parte do cotidiano, não se separa dele porque está inserida num ciclo de reprodução da vida”. O que, de certa forma, contradiz a leitura de Bakhtin (1987) e outros autores que apontam a festa como separada do cotidiano, do trabalho e do ócio, ou seja, é uma ruptura, uma “quebra” na rotina diária.

Na perspectiva da festa como produção de uma sociedade, entende-se que ela, além de produzir o lugar festivo, também é responsável pelas representações que identificam determinados grupos. Almeida (2011, p. 2) auxilia:

a festa testemunha as crenças coletivas, as representações do sagrado, próprias de uma comunidade ou da maioria de seus membros. A festa possui a capacidade de produzir símbolos territoriais. São simbolismos festivos que identificam e qualificam os lugares, os sítios, os monumentos, as paisagens, os povoados, entre outros. A festa relaciona-se com a alteridade e é cultivante dos particularismos. As festas são dotadas de valores singulares tanto para aqueles que a celebram, que representam um testemunho, um registro espiritual, moral quanto para quem a compartilha, uma sociedade ou parte dela.

Portanto, as festas são importantes elementos da cultura de determinados povos e, por meio delas, podem expor sua história, sua identidade, seus modos de vida, crenças e valores. Elas normalmente são expressões da coletividade, da cultura e ainda são responsáveis pela construção de sociabilidades entre os indivíduos.

Diante da discussão o conceito de festa pluraliza-se e algumas abordagens estão agregadas no quadro abaixo para reinterpretá-las à luz da proposta apresentada.

Concepção de Festa							
Brandão (1989)	Maia (1999)	Rita Amaral (2001)	Guarinello (2001)	Pessoa (2007)	Mariano (2009)	Almeida (2011)	Di Méo (2012)
Constituição do sentido da vida e da ordem do mundo (p. 7)	É uma concepção de mundo (p. 196).	Espaço propício para a construção de identidade (p. 17)	É uma produção do cotidiano (p. 972).	Momento de aprendizagem, é o texto escrito pela memória (p. 253)	Faz parte do cotidiano, não se separa dele porque está inserida num ciclo de reprodução da vida (p. 3)	É testemunha das crenças coletivas, das representações do sagrado (p. 2)	Permite perceber os signos espacializados pelos quais os grupos sociais se identificam (p. 27)

Quadro 2: Síntese das definições de “festa” na perspectiva de alguns autores estrangeiros e brasileiros. (Elaboração e organização: Isabella de Faria Bretas. Agosto, 2014)

A apresentação do quadro-síntese tenciona demonstrar as concepções sobre festas e contextualizá-las na presente discussão.

A festa em si sugere, com suas complexidades, inúmeras divisões como as duas faces: do profano e do sagrado, o espaço promotor de identidade mas também de alteridade e, a continuidade ou a ruptura com o cotidiano. Entre os autores analisados há um consenso no sentido de que a festa constrói ou produz, seja a identidade, seja o cotidiano, ou representações. Ainda a vinculam ao sentido e reprodução da vida e do mundo.

Tentar separar as festas profanas das religiosas, atualmente, não é fácil, uma vez que muitas possuem as duas características e não se enquadram somente em uma dessas concepções. O caráter profano é perceptível nos elementos, símbolos, momentos, homenagens que não são religiosos. Está ligado às atividades populares de uma festa, como o comércio, as músicas, o parque de diversões, o intenso consumo de bebidas alcoólicas entre outras. A linha que separa o sagrado e o profano em uma festividade é muito tênue como diz Brandão (2001, p. 37):

Ora, em sua variação de formas e alternativas o catolicismo parece ser, dentre todas as religiões mais visíveis do Brasil, aquela que combina o maior número de formas diferentes de celebrações, podendo fazê-las, inclusive, sucederem-se umas às outras, do que resulta a própria festa católica. Assim, uma Festa do Divino Espírito Santo, a folia precatória de antes dos festejos, a novena, as procissões, a grande missa do domingo e os folguedos, como os ternos de moçambiques e as cavalhadas. Apesar dos esforços da Igreja para separar uma parte propriamente religiosa das outras, folclóricas ou das francamente profanas, para o devoto popular o sentido da festa não é outra coisa senão a sucessão cerimonial de todas estas situações, dentro e fora do âmbito restrito dos ritos da Igreja.

Portanto, hoje, é quase impossível encontrar uma festa religiosa que não tenha o seu caráter profano, uma vez que todas possuem exatamente o elemento festivo simbolizado por músicas, comércios e diversões de vários tipos. A Caçada da Rainha, nos três municípios está vinculada a aspectos religiosos pois homenageia a Nossa Senhora e outras divindades. Ainda assim, os momentos considerados “profanos” acontecem em maior número e de maneira prolongada, como os shows musicais, o comércio, as bebidas consumidas, e outros.

Do ponto de vista geográfico, a festa, considerada religiosa ou profana, é uma oportunidade de compreender a relação dos sujeitos com seus lugares por meio de suas representatividades que caracterizam identidades. Ela permite “perceber os signos

especializados pelos quais os grupos sociais se identificam a contextos geográficos específicos que fortificam sua singularidade” (DI MÉO, 2012, p.27).

Nessa perspectiva a Caçada da Rainha é vista enquanto produtora de identidades, de símbolos, signos e representações. Por meio dela é possível compreender os laços entre sujeitos e por meio das ações destes os fatos que compõem suas memórias e os identificam. As marcas da tradição são expressas mediante as emoções e sensações ou seja, de maneira subjetiva.

Um aspecto que merece destaque são os espaços apropriados necessários à sua realização. Cada momento da festa é pensado e realizado em um determinado espaço, por exemplo, a procissão no dia do levantamento do mastro é realizada nas ruas da comunidade, as missas no interior da igreja, a chegada da Folia, na praça principal da cidade. Esta organização social referente ao espaço utilizado para a realização da festa e suas funcionalidades é comentada por Maia (1999, p. 204):

[...] grande parte das festas, no seu momento de ocorrência, simplesmente fornece nova função às formas espaciais prévias que dispõem para sua realização (ponto central): ruas, praças, etc. Mas, tão logo cesse o período ou momento extraordinário, tais formas retomam a sua função habitual.

A festa constitui, portanto, espaço de reunião de diferenças e, por isso, é geradora de identidades e caracteriza lugares, no momento em que desperta sentimentos e emoções.

2.2 O contexto quilombola no Norte Goiano

As comunidades negras do Norte Goiano são reconhecidas como comunidades quilombolas e possuem como característica principal a organização de seus membros no ambiente rural. Constituem-se como grupos cuja organização social, política, econômica e cultural se estabelece na relação com a terra em que vivem por dezenas ou centenas de anos, em razão de processos socioeconômicos decorrentes da escravidão e perpassados pela questão agrária no Brasil (GUSMÃO, 2011).

Em 1974, Silva, cujo estudo aborda a história do negro em Goiás e sua influência na cultura goiana, ressaltou a existência de inúmeros quilombos no território em questão e escreveu um breve relato sobre as características observadas por ele desses grupos:

As cidades mais velhas do norte e nordeste goiano, (...) conservam nos municípios muitas vilas e aglomerados humanos constituídos quase que exclusivamente de pretos. E a maioria é formada de uns negros bastante tímidos, mesmo até ariscos. Sabe-se que, quando vêm ao comércio, é um “Deus nos acuda”. (...) andam espantados como se fossem bois de boiada, retratando que vivem – ainda em péssima condição social-cultural, higiênica e de alimentação. (...) São por lá os chamados negros Calunga, podendo-se dizer que vivem enfiados e anônimos no Chamado “Vão das Almas” em Cavalcanti (SILVA, 1974, p. 78).

Tais características ainda são observadas nos dias atuais e, os entrevistados que fazem parte do povo Kalunga, comentaram sobre o fato de sua comunidade ser “arredia”, principalmente em Monte Alegre de Goiás, local onde estão mais isolados do que em Cavalcante. Este fator é relevante ao atentar para o fato de que, ainda assim, esses negros participam anualmente da festa Caçada da Rainha nos referidos municípios.

Esses grupos se formaram por meio de ocupações de terras devolutas após a abolição, a partir de lotes comprados por negros libertos ou ainda devido às fugas dos escravos que eram comuns nesse período. Nessas terras de uso comum, esses grupos rememoram a conquista dos seus fundadores, vivem a solidariedade nas relações entre si, obtém o seu sustento, mantém e reconfiguram as tradições culturais herdadas (ALMEIDA, 2003; BAIOCCHI, 2006, GUSMÃO, 2001; MOURA, 1997 e RATTS, 2000).

Ressalta-se que a definição de comunidade quilombola, concebida nessa dissertação, ultrapassa as dimensões sociais e a quantidade populacional. Como Almeida (2003, p. 119) reitera, o sentido de comunidade tem significados simbólicos:

É uma comunidade e, como tal, passa a ser uma unidade viva, um lócus de produção material e simbólica. Institui-se como um sistema político, econômico, de parentesco e religioso que margeia ou pode ser alternativo à sociedade abrangente.

A atividade mineratória impôs o seu povoamento de configuração urbana no que hoje se constitui como o Estado de Goiás, de forma descontínua e ocasional, tendo como principal habitante o escravo negro trabalhador das minas, conforme dito em capítulo anterior. Dessa forma a sociedade escravista predominava em Goiás causando rebeldia dos escravos e conflito social. Silva (2005, p. 77), é mais extremista ao analisar as violências sofridas pelos povos negros no Brasil Central dizendo que o escravo “já chegava da África desestruturado de sua tribo. A bem dizer, destribalizado,

perdendo assim a religião, a língua, a arte, os costumes, inclusive a alma e o nome”. Essa é também a justificativa do autor para o isolamento característico dos Kalunga em Goiás ainda hoje:

Eram verdadeiras confederações de escravos rebelados, localizados especialmente em áreas de fronteiras, inclusive de províncias estrangeiras onde também se refugiavam; enquanto outros permaneceram aparentemente isolados até os nossos dias, distinguindo-se como exemplo a comunidade negra de Calunga (SILVA, 2005,p. 10).

A ideia de isolamento irá aparecer também nos trabalhos de Soares (1993, p. 36) que trata essa característica como status diferenciado da identidade do grupo e que persiste mesmo diante das conquistas dos Kalunga em âmbito social, político e econômico:

Eles têm um mundo próprio. São uns povos formados por comunidades isoladas, onde têm status de cidadãos, utilizando-se de normas impostas pelo direito natural e decorrente dos costumes vivenciados há mais de dois séculos.

A afirmação de que o escravo perdeu todas as suas características não é aqui aceita porque a própria festa da Caçada da Rainha é prova contrária disso, pois possui elementos específicos da cultura negra, como as danças da “Sussa” e do congo. Embora não se negue o histórico violento do processo de adaptação social e cultural do escravo no Estado de Goiás, não é possível concordar que tivessem perdido tudo, como sugere o trecho de Silva (2005).

A diversidade de formas de ocupação e permanência das comunidades rurais negras em terras por elas ocupadas exige entender suas realidades a partir da relação que cada grupo mantinha com a terra. Relação esta que configura em laços espaciais porque o espaço vivido não representa somente moradia, ele está repleto de sentimentos de resistências, de fortalecimento de cultura, de enraizamento. É o lugar onde constroem e afirmam suas identidades constantemente e, principalmente, onde sentem segurança. Nesse sentido Soares (1993, p. 45) diz que “O quilombo Kalunga não foi destruído. Permaneceu. Prosperou. Criaram-se comunidades isoladas na região, permanecendo naquele ambiente camponês as mesmas tradições dos quilombos”.

Apesar da ideia de isolamento, existem evidências da mobilidade desses povos como as migrações entre as comunidades e as relações de trabalho estabelecidas dentro dos centros urbanos. Paula (2003, p. 47) reitera o equívoco dessa abordagem:

A visão do quilombo, enquanto uma instituição de resistência, onde em alguns casos o isolamento representava uma das estratégias de sobrevivência, parece ter se mantido no decorrer da história, visto que na atualidade, raramente é possível encontrar artigos de jornal ou revista e até mesmo, trabalhos de natureza acadêmica que tratam a respeito de agrupamentos negros rurais, que não relacionem o elemento isolamento a estes grupos.

No trabalho de Real (1996), natural da cidade de Monte Alegre de Goiás o isolamento é apresentado apenas enquanto característica física, já que para o autor os chamados Kalunga mantém contato com grupos externos desde a década de 1940, período que marca o fenômeno de ocupação econômica da Região Centro-Oeste, conhecido como “Marcha para o Oeste”. O autor menciona também que este fato aliado à precária condição de vida no campo impulsionou deslocamentos de várias pessoas do Grupo Kalunga para as cidades, fato que, possivelmente, justifica a presença deles no município de Colinas do Sul, por exemplo. Mesmo diante de um certo isolamento geográfico, os quilombolas mantêm uma expressiva mobilidade espacial, capaz de propiciar contatos entre o grupo e o meio urbano, modificando e acrescentando costumes de variadas naturezas, como indica Real (1996, p. 2):

Dois fatos me chamaram a atenção nesta visita[ocorrida em 1981] primeiro, eles já vestiam calça jeans e camiseta em substituição as roupas de algodão que eles mesmos teciam, ouviam música e dançavam forró ao som do rádio-gravador em lugar da súa e do som do tambor de couro. Percebi naquele instante que o isolamento geográfico não impedia o acesso aos bens culturais do mundo dito civilizado

Uma nova abordagem é feita por Almeida (2010, p. 119) que vai dizer que, em uma visão “ressignificada” o quilombo:

não é apenas uma tipologia de dimensões, atividades econômicas, localização geográfica, quantidade de membros e sítios de artefatos de importância histórica. É uma comunidade e, como tal, passa a ser uma unidade viva, um *locus* de produção material e simbólica.

Nesse sentido não é possível reduzir, nos estudos atuais, o quilombo baseado em ideias enraizadas de isolamento, fugas ou definições históricas. Cada grupo possui suas especificidades e estas devem ser consideradas, como diz Carvalho (2006, p.1), “é preciso considerar a diversidade histórica e a especificidade de cada grupo”. O mesmo autor manifesta-se criticamente a uma visão estática de quilombo e insiste no seu aspecto relacional e contemporâneo contrapondo a ideia de isolamento ainda nos dias atuais.

Hoje, os trabalhos mais recentes focam na falta de condições dignas nas atividadesde campo daquela região, nas práticas turísticas que são facilmente encontradas em quantidades expressivas e na exposição da riqueza natural que a Chapada dos Veadeiros oferece. Há uma tendência em transformar o Kalunga de Cavalcante em atração turística local devido à facilidade de acesso ao EngenhoII, sua condição como remanescente de quilombo e agrupamento “isolado”. Essa perspectiva é possível ser vislumbrada em sites midiáticos como o exemplo a seguir:

Mas o que levaria alguém a percorrer 100 km além de Alto Paraíso para chegar a Cavalcante? Anote aí: em primeiro lugar as mais de 150 cachoeiras de águas cristalinas da região. Em segundo a tranquilidade de um lugar pouco conhecido e que preserva ainda o ritmo de uma cidade interiorana, com suas festas e tradições que remontam ao século XVIII. Ou seu rico artesanato, ou suas águas quentes – e quando digo quente, é quente de não se conseguir ficar embaixo de seu jato – ou por abrigar em seu território o quilombo mais importante do Brasil, o Sítio Histórico Kalunga. Mas tem e oferece muito mais que isso...

A área Kalunga, situada no nordeste do município, com mais de 230 mil hectares de cerrado protegido, é a maior comunidade remanescente de quilombo do Brasil, com cerca de 4.000 cidadãos que só tiveram contato com a “civilização” há menos de 30 anos - um povo mágico de forte sangue negro (disponível em <http://www.dicasdacapital.com.br/materia/1517/cavalcante-de-goias>).

Diante do exposto, o fator “isolamento”, na atualidade, se configura mais como um mito, elemento para atração de turistas, uma vez que os Kalunga tiverame têm contatos com os centros urbanos e, uma prova disto é a própria presença deles na festa Caçada da Rainha em Cavalcante e em Monte Alegre de Goiás.

Moura (1997, p. 42-43) relata, sobre os Kalunga, que “os negros dessas comunidades valorizam as tradições culturais dos antepassados, religiosas ou não, recriando-as no presente”. As tradições e os costumes das comunidades negras rurais são reconstruídos, constantemente, na relação com as gerações mais novas e também pelo contato com as populações vizinhas que, como mencionado anteriormente, existe nos tempos atuais. Com a possibilidade de lutarem pela posse de terras juridicamente, tais grupos afirmam suas identidades de remanescentes de quilombos, visto que estas se tornam instrumentos de luta e garantia de direitos (ALMEIDA, 1996).

As questões referentes às comunidades rurais negras em geral, no que diz respeito aos conflitos em torno da posse da terra e à afirmação de uma identidade enquanto remanescentes de quilombos, perpassam a realidade de grande parte dos grupos conhecidos e/ou reconhecidos a partir de 1988. O estar na terra, nela vivendo, produzindo o sustento do grupo representa mais do que um direito para os Kalunga, é

também uma apropriação simbólica de importante significado para as comunidades que vivem nessas terras imersas nos costumes, tradições e nas manifestações culturais de cada grupo rural negro. Nesse sentido, compreender a espacialidade daqueles tidos como quilombolas é mais do que localização geográfica, é adentrar o universo Kalunga e entender que a sua relação com a terra representa todo o passado histórico de seus ancestrais. O vínculo com o espaço natural é de familiaridade, representa raiz. Lima (2014, p. 19) sobre esse tema diz: “O sentimento de pertença territorial decorre também de outro sentimento, o da identidade religiosa”. As tradições culturais e costumes desse grupo estão ligados à religiosidade e são parte de um processo permanente de criação e reelaboração uma vez que são influenciados pelos contatos, cada dia mais vigentes, entre Kalunga e a população residente no centro urbano.

Por fim, a história do Estado de Goiás deve ser registrada ou compreendida considerando o processo de povoamento e os agentes ligados a ele, entre os quais estão os negros escravizados. A diversidade de povos, colonizadores, indígenas e negros caracterizou os municípios que possuem uma cultura mesclada entre os costumes de todos eles. A identidade também deve ser analisada considerando-se a formação do povo goiano e, especificamente o norte de Goiás cuja maior relevância é a população quilombola que influencia e sofre influências das manifestações culturais.

O fundamento para a existência da Caçada da Rainha é a presença dos Kalunga representando os negros escravizados e, então, durante sua ocorrência, é possível notar características das diversas culturas harmonizando-se em um mesmo espaço.

2.3 Os sujeitos da Caçada da Rainha

O sujeito sociológico que se enquadra no viés dessa dissertação é aquele subordinado à interação entre o sujeito (interior) e a sociedade (exterior). Nesse sentido, ele só pode ser compreendido a partir da relação do indivíduo e sua cultura, fazendo com que sua identidade não seja fixa, definida por uma essência mas sim criada constantemente como já foi discutido. Para Hall (2011, p. 11) o sujeito “é formado e modificado num diálogo contínuo com os mundos culturais ‘exteriores’ e as identidades que esses mundos oferecem”. Dessa forma a constituição do sujeito está mediada pelas relações com as pessoas, os valores, os sentidos, os símbolos, as culturas; sendo que o

sujeito vai se constituindo à medida que internaliza valores e significados que permeiam o social.

O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um 'eu' coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações vão sendo deslocadas (HALL, 2011, p.12).

Essa ideia desconstrói a teoria do sujeito racional com noções de verdades inquestionáveis e absolutas, na medida em que coloca o homem como ser em constante processo de formação. Isso implica na superação da abordagem do sujeito que teria um núcleo interior que emergia no seu nascimento e com ele se desenvolvia, ainda que permanecendo essencialmente o mesmo – contínuo ou idêntico a ele – ao longo da existência do indivíduo.

Na Caçada da Rainha, a linguagem, o movimento, o cântico e outras representações participam no processo de identificação porque definem a identidade do sujeito quando ele se relaciona com o outro. Fato que é mutável porque em períodos não-festivos os sujeitos já não podem mais ser identificados como foram durante a festa. A identidade está relacionada com o meio, o que lhe confere a capacidade de variáveis articulações.

Ao afirmar que a identidade é móvel, indica-se a possibilidade da utilização do termo *identificação* ou a expressão *processo identitário* para compreender de maneira mais significativa as representações que formam (e transformam) as culturas, os sujeitos e os espaços. O sujeito nessa perspectiva é constituído por representações as quais são mutáveis, as culturas se mesclam e as certezas se desfazem. Esse sujeito é encarado não na esfera do individual mas como um ser social, constitutivamente disperso, fragmentado, múltiplo, assim como suas identidades. Ele é marcado por rupturas e deslocamentos e sua identidade muda a depender da forma como o sujeito é interpelado ou representado. É nesse sentido que se configuram os sujeitos festivos da Caçada da Rainha.

O rei e a rainha enquanto sujeitos que assumem esses papéis temporariamente, remetem à autoridade, a respeito, cujas responsabilidades junto à comunidade são próprias e específicas. São caracterizados como sujeitos festeiros, que possuem a obrigação maior em promover a Caçada da Rainha, levantando recursos financeiros, organizando o espaço festivo e auxiliando os outros “personagens” que compõem a festa, na vestimenta ou em qualquer outra necessidade.

Os guardas reais desfilam pelas ruas como responsáveis pelo deslocamento dos reis até seus “esconderijos”; ou de volta a Igreja para os rituais religiosos. Estão sempre montados a cavalo, uniformizados e portando espadas ou bandeiras. Alguns dos cavaleiros possuem a obrigação também de protegerem o mastro da Nossa Senhora do Rosário e do Divino durante todo o ano, até o primeiro dia da Caçada da Rainha.

As batuqueiras ou “Sussas” representam as negras escravizadas e devem cantar e dançar de maneira típica. Usam uniformes que consistem em blusas e saias rodadas e, geralmente, também um lenço na cabeça. Assim como elas, existe o grupo dos congos, que representam o negro escravizado e também devem cantar e dançar uniformizados.

Os organizadores fiéis da Igreja são sujeitos responsáveis pela constituição da estrutura física dos espaços. Eles ornamentam as praças, levantam o palco, quando necessário, enfeitam o interior e o exterior da Igreja, além de auxiliarem o padre no momento da celebração das missas e novenas. Eles constituem a parte mais envolvida da Caçada da Rainha, tendo em vista que é uma manifestação que ocorre com o consentimento da Igreja Católica.

De maneira geral, esses são os principais sujeitos envolvidos na festa mas é necessário ressaltar que cada município possui suas especificidades, bem como outros sujeitos, que serão detalhados abaixo.

Para exemplificar os sujeitos e as funções que exercem, segue o Quadro 3:

	COLINAS DO SUL	CAVALCANTE	MONTE ALEGRE DE GOIAS
FIÉIS DA IGREJA	Rituais religiosos	Organizadora de todo o evento.	Organizadora de todo o evento.
REI E RAINHA	Festeiros	Festeiros/Fiéis da Igreja.	Festeiros/Fiéis da Igreja.
MASCARADOS	Escondem a rainha na mata.	_____	_____
GUARDA REAL	Acompanham a rainha (depois de encontrada) até a Igreja.	“Escondem” a rainha e a levam de volta para a Igreja.	Vão ao encontro do rei e da rainha para levá-los até a Igreja.
BATUQUEIRAS/SUSSA	Dançam enquanto a rainha é procurada.	Dançam quando a rainha é encontrada.	Dançam enquanto a rainha é levada para a Igreja.
CONGOS	Buscam a rainha em casa e a levam para a Igreja.	Dançam quando a rainha é encontrada.	Acompanham a guarda real cantando e dançando.
FOLIÕES	Passam na zona rural convidando a população para a festa.	_____	_____

Quadro 3: Personagens da Caçada da Rainha em cada município e suas funções. (Elaboração e organização: Isabella de Faria Bretas. Janeiro, 2014)

2.3.1. Os sujeitos festivos em Colinas do Sul

O município em questão destaca-se, no período festivo da Caçada da Rainha, por ter como principais sujeitos organizadores da festa os moradores da comunidade. É possível vê-los decorando o local e atuando nas principais atividades que envolvem o festejo como a confecção dos uniformes e a divulgação dos rituais que se estendem ao longo de quatro dias.

A rainha e o rei são diretamente responsáveis pelo que acontece durante o período, desde os giros das folias, nos quais devem estar presente em alguns momentos tidos como principais, até os shows de artistas consagrados que atraem o público dos municípios vizinhos. Nesse sentido, a “Caçada” é uma festa tipicamente de caráter popular porque sem a atuação dos chamados “festeiros” ela não ocorre e os órgãos públicos configuram um estímulo secundário, nem sempre essencial. Financeiramente auxiliam na contratação dos artistas e no levantamento do palco mas a

comunidade é, de fato, a grande responsável pelo acontecimento. Ao se unirem em um só objetivo, os sujeitos se ajudam mutuamente com doações de alimentos para o almoço e jantares dos foliões e dos reis, na confecção de roupas para eles próprios representarem seus papéis na festa e, na organização de forma geral.

A Igreja atua no que se refere aos rituais religiosos como levantamentos de mastros e celebrações de missas para a rainha e para o rei mas não é essencial. Os moradores são os responsáveis diretos pela ocorrência da festa da “Caçada”, não existindo intervenção de associações ou participação relevante de secretarias ou órgãos ligados ao governo. O fato é que estes somente “ditam as regras” mas quem organiza são os moradores, os mesmos que atuam e participam da festa.

Os sujeitos da folia são moradores foliões há muitos anos, geralmente pertencem a famílias tradicionais cujo costume já é repassado por gerações e se identificam, no período, como “foliões da rainha”. Possuem determinadas responsabilidades como os alferes das bandeiras e dificilmente isto muda de um ano para o outro, ou seja, suas funções são permanentes. Juntamente com outros organizadores não foliões decidem anualmente o trajeto a ser percorrido por cada uma das duas folias. A participação da comunidade em Colinas do Sul tanto nas folias quanto em outros rituais é o que caracteriza a Caçada da Rainha.

Para a melhor compreensão das atividades durante a festa foi elaborado um fluxograma (Figura 8) que exemplificará a ordem dos acontecimentos:

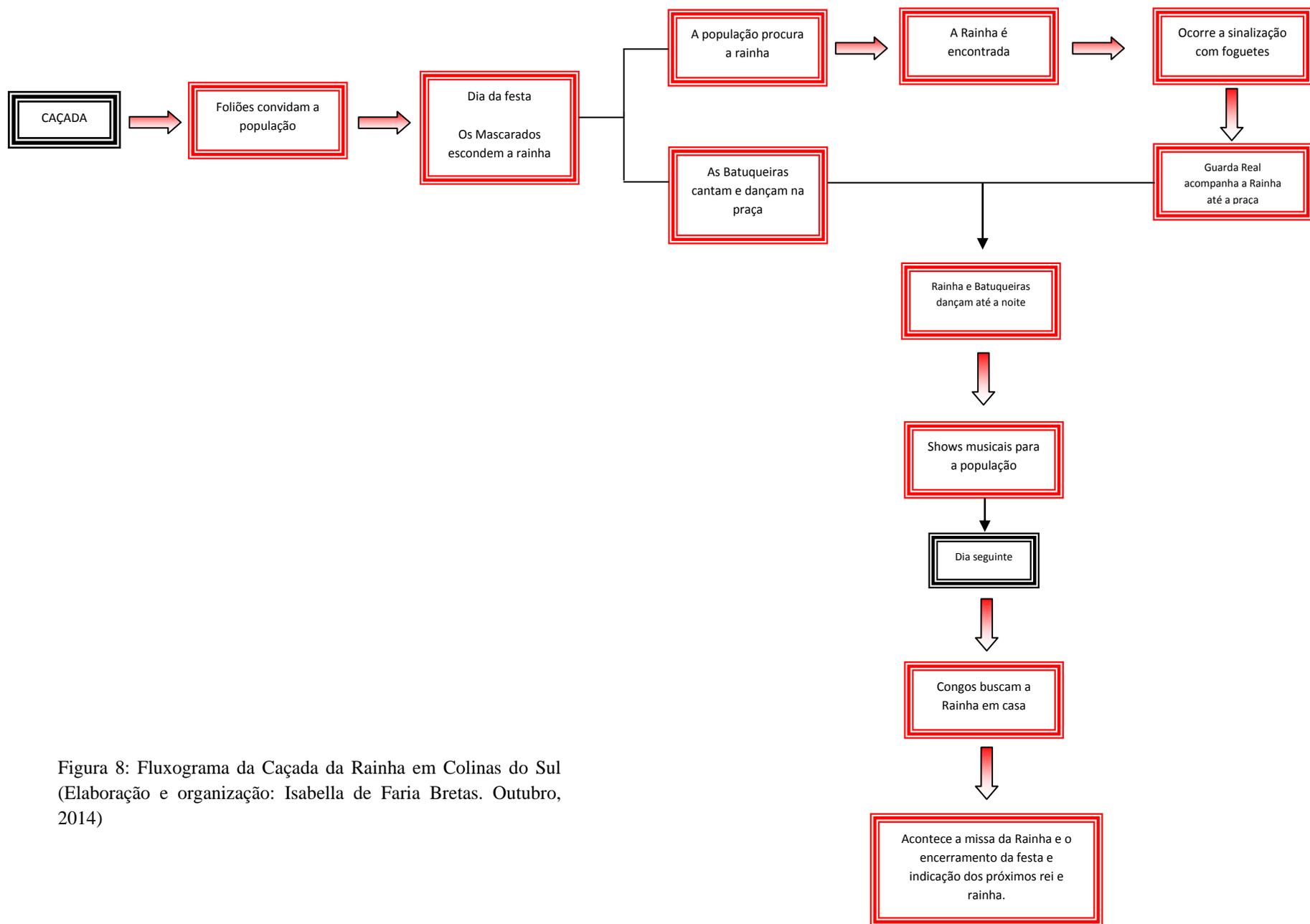


Figura 8: Fluxograma da Caçada da Rainha em Colinas do Sul (Elaboração e organização: Isabella de Faria Bretas. Outubro, 2014)

2.3.2 Os sujeitos festivos em Cavalcante

Em Cavalcante os sujeitos festivos que representam papel de destaque são, atualmente, ligados à Igreja Católica. Diferente dos outros dois municípios estudados, o pároco coordena os rituais da Caçada da Rainha e, pessoas não ligadas ao catolicismo não podem ser escolhidas como reis ou rainhas.

Os grupos atuantes durante do período festivo nem sempre são formados por moradores do local o que descaracteriza a festa enquanto popular e criadora de vínculos entre a comunidade. Muitos sujeitos de localidades vizinhas são convidados para serem os “congos”, foliões, e músicos que tocam a “Sussa” para as dançarinas se apresentarem.

Como a Igreja não deu continuidade a esta festa, havendo falhas em sua ocorrência por alguns anos, atualmente não encontra lideranças entre os moradores. Eles não estão dispostos a participarem ou então não existem mais grupos específicos, como os de folias. Uma das rainhas entrevistadas disse que no ano de seu “reinado” foi necessário contratar participantes dos municípios vizinhos para que fossem atuar na festa tocando instrumentos, além dos Kalunga.

A atuação da Igreja favorece para que os seus sujeitos não criem raízes, não possuam sentimento de pertença e, por este fato, quase nunca são os mesmos grupos que se apresentam, caracterizando a festa enquanto “momento passageiro”. Diferente do que é encontrado no site oficial do município que divulga o evento como um dos mais tradicionais, na realidade o que se encontra são sujeitos desinteressados e desapegados à manifestação Caçada da Rainha. Possivelmente, por este motivo, ela já deixou de ocorrer por vários anos porque não encontra adeptos suficientes para incentivarem sua permanência.

Segue o fluxograma (Figura 9) que exemplifica os acontecimentos da festa no município de Cavalcante:

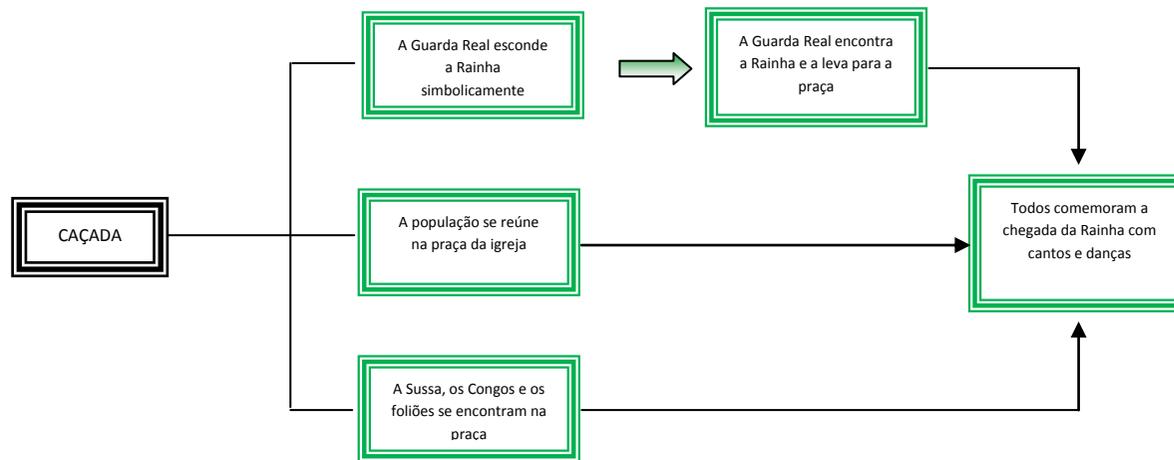


Figura 9: Fluxograma da Caçada da Rainha em Cavalcante (Elaboração e organização: Isabella de Faria Bretas. Outubro, 2014)

2.3.3 Os sujeitos festivos em Monte Alegre de Goiás

A festa nesse município, segundo a tradição Católica, completou 276 anos em 2014. Em Monte Alegre de Goiás a Igreja tem muita influência sobre a Caçada da Rainha e os seus sujeitos festivos se caracterizam por, além de serem religiosos, possuírem vínculos comunitários fortes entre eles. As suas características e as suas identidades que são extremamente ligadas à religião se misturam com os sentimentos enraizados de pertencerem ao município e de ser a Caçada da Rainha, um acontecimento que também fornece identidade ao lugar.

Os moradores católicos se ocupam ao longo de todo o ano, com os afazeres que envolvem o festejo como, por exemplo, o capitão do mastro que “guarda” diariamente o símbolo e se sente honrado com o fato. Além disso, o rei e rainha escolhidos atuam recolhendo doações e comparecendo aos demais eventos religiosos como forma de atraírem as pessoas católicas da comunidade. Eles possuem vínculos afetivos com o espaço e com os moradores e entendem a Caçada da Rainha como forma de estreitar laços com seus vizinhos e amigos da Igreja.

Acredita-se que a festa deste município em questão seja uma “mistura” dos outros dois exemplificados anteriormente porque possui caráter popular, uma vez que conta com a participação ativa dos fiéis para sua ocorrência mas, não deixa de ser um evento para a “apresentação social”. Não é à toa que ela se caracteriza como uma das mais luxuosas de toda a região, com seus trajes e ornamentos caríssimos, na opinião popular, e com sua visibilidade divulgada pela vizinhança.

Segue o fluxograma exemplificativo (Figura 10) a respeito da Caçada da Rainha e as atividades que a envolvem, posteriormente as figuras que demonstram a luxuosidade característica da festa (Figuras 11, 12, 13 e 14).

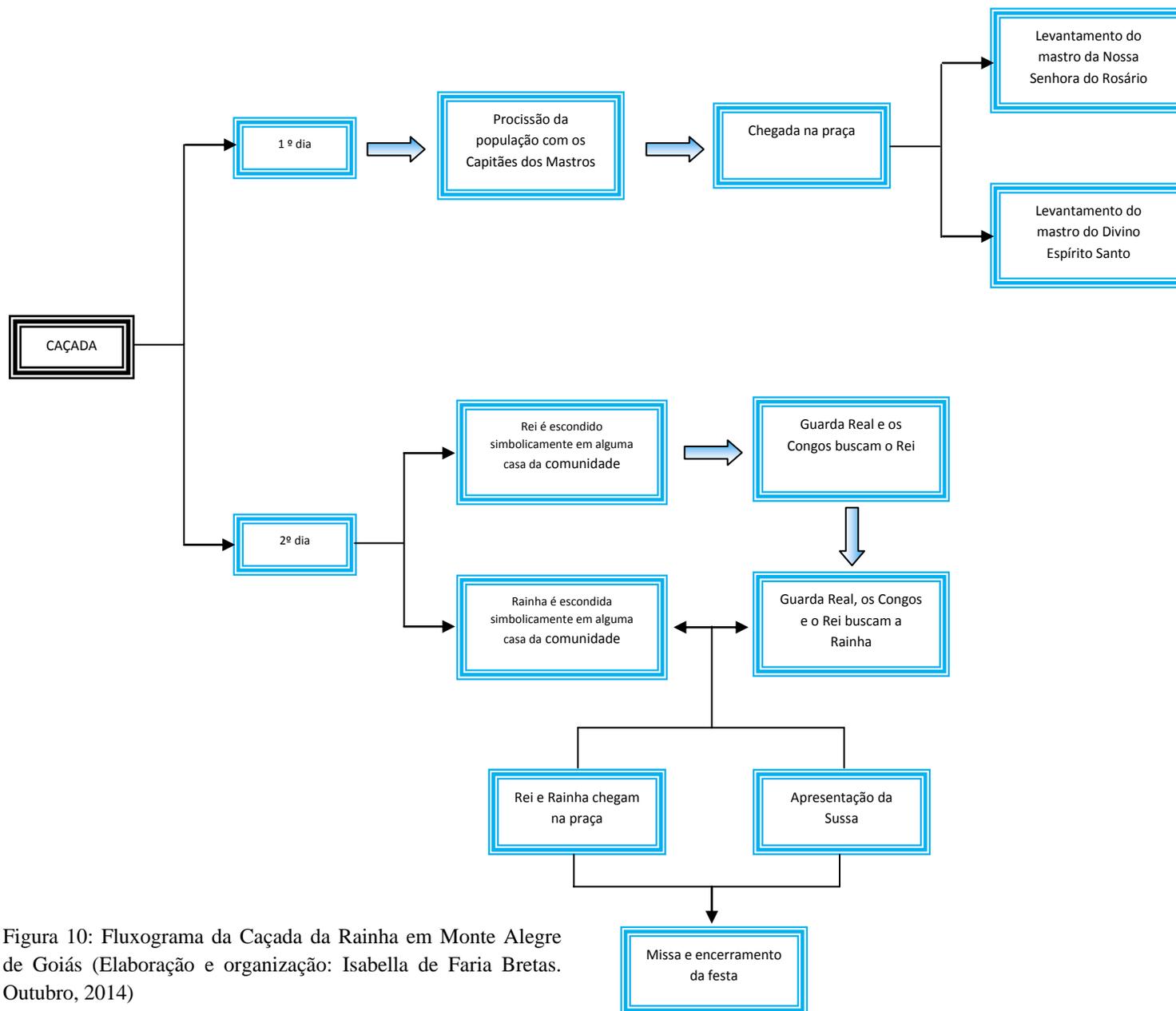


Figura 10: Fluxograma da Caçada da Rainha em Monte Alegre de Goiás (Elaboração e organização: Isabella de Faria Bretas, Outubro, 2014)



Figuras 11 e 12: Rei e Rainha da festa, em 2007 (Fonte: Arquivo da Prefeitura Municipal)



Figura 13: Rei e Rainha de 2014 (Autoria: Isabella de Faria Bretas. Julho, 2014)



Figura 14: Dragões da Independência como Guarda real, de 2008 (Fonte: Arquivo da Prefeitura Municipal)

Os sujeitos são, essencialmente, moradores de Monte Alegre de Goiás. Os grupos partícipes são formados por integrantes da comunidade Kalunga como os congos e as dançarinas da “Sussa”, além dos representantes do meio urbano como a guarda real e os reis. Aparentemente, os quilombolas só participam pelo convite e porque são parte essencial para o acontecimento. Mas, quando entrevistados, entendem que, esta, não é uma festa que os representa e alguns chegam a cobrar uma quantia em dinheiro para que possam se apresentar.

O “Reinado da Cachaça” é outra festa do município que ocorre simultaneamente à Caçada da Rainha. Em 2014 ocorreu sua vigésima oitava edição e segundo os moradores, o “Reinado” surgiu como uma brincadeira. Ao tentarem “imitar” o festejo da Igreja criaram um rei e uma rainha da “cachaça” e os escolhidos são aqueles que conseguem ingerir mais bebidas alcoólicas durante a noite de festa.

Apesar deste fato específico, a maioria da população se identifica com a festa religiosa e diz que, “enquanto moradores católicos de Monte Alegre, devemos participar da Caçada da Rainha que homenageia a Nossa Senhora do Rosário”.

2.4. A identidade espacial da Caçada da Rainha em Colinas do Sul

“Você sabe melhor do que ninguém, sábio Kublai, que jamais se deve confundir uma cidade com o discurso que a descreve. Contudo, existe uma relação entre eles.”

(CALVINO, 1990, p. 59)

Localizado na Mesorregião Norte Goiano, na Chapada dos Veadeiros, o município de Colinas do Sul é um dos principais espaços em que se manifesta a festa Caçada da Rainha. Moradores e participantes promovem práticas festivas, circulação simbólica e demais manifestações da cultura como a música, a memória, a história e as danças. Destaca-se a relação entre o município e esta festa, enquanto elementos indissociáveis da vida cotidiana. Os moradores realizam atividades ligadas a Caçada da Rainha durante todo o ano. Eles fazem doações de alimentos para a próxima edição da festa, leilões, sorteiam rifas para arrecadarem dinheiro e ainda existem as celebrações de missas homenageando os reis do momento. Esses fatos garantem a permanência da festa que se caracteriza por representar a identidade do município em questão.

Em Colinas do Sul não existem comunidades Kalunga mas alguns deles podem ser encontrados vivendo na zona urbana do município como é o caso da entrevistada C.F. (julho de 2013 em Colinas do Sul). Ela explicou ser Kalunga, seus pais são também, mas eles optaram por residir no centro urbano de Colinas, apesar deterem atividades rurais como criação de porcos e galinhas para o próprio sustento no quintal da casa onde residem. Assim como ela, outros Kalunga podem ser encontrados dispersos, quase todos habitando o centrourbano mas dedicando-se a atividades ligadas ao meio rural, como plantações e criações de animais. Duas batuqueiras, Z.M. e E.S. (ambas entrevistadas em julho de 2013 em Colinas do Sul), também se identificam enquanto Kalunga por possuírem pais e avós que habitaram as comunidades Kalunga. Se deslocar em alguns períodos para Cavalcante para visitarem seus familiares que ainda habitam a região do Engenho II é comum.

Com os rituais de maior destaque realizados na praça em que se localiza a Igreja matriz a Caçada da Rainha é identificada por turistas e alguns moradores como fenômeno de cunho religioso que tem, como líder principal dos rituais, o padre da paróquia. Este ano, em 2014, houve uma mudança no local, apenas os rituais religiosos foram realizados diante da Igreja matriz o que, a princípio, causou estranhamento tanto nos moradores quanto nos visitantes costumeiros, mas durante os acontecimentos festivos, este detalhe não teve grande significado. As danças das batuqueiras, os shows musicais, entre outros, aconteceram na praça da Prefeitura porque o padre entendeu que esses eventos “profanos” não possuem qualquer ligação com a Igreja.

Entende-se, portanto, que o sentido da festa faz o mero espaço se materializar em lugar, lugar festivo e “o sentido da festa como produção de memória e de identidade no tempo e nos espaços sociais” (GUARINELLO, 2001, p.971) continua a existir mesmo tendo sido “deslocado” de seu ponto inicial. Pressupõe-se que é a Caçada da Rainha que atribui importância ao espaço e, independente de onde ela acontece, é ali o centro caracterizador de identidades cujos laços de pertencimento afloram durante a manifestação. A festa é entendida, nesse contexto, como elemento principal ao se falar em identidade espacial, é a responsável pelo surgimento de representações e sentimentos que atribuem ao espaço um valor de lugar. É nesse espaço que as batuqueiras e os congos dançam, que o rei e a rainha se apresentam e que os demais moradores se sentem parte da comunidade ao participarem dos rituais tradicionais que caracterizam o município.

Os elementos naturais, como as matas e as serras, estão associados à festa e servem para apreender a identidade espacial da Caçada da Rainha em Colinas do Sul (Figuras 15 e 16). Por meio de um estudo comparativo, realizado no Estado de Goiás, concluiu-se que em cinco cidades de festejos da Caçada da Rainha o município em questão é o único que ainda utiliza a mata cerradeira localizada nos arredores para esconder o rei e a rainha durante a festa. Eles são levados a cavalo por outros partícipes e escondidos estrategicamente para que não sejam facilmente localizados pelos participantes que empreendem esforços para encontrá-los. Para os integrantes da festa esse momento é o mais importante porque representa o ponto crucial existente na história contada por eles, que é a fuga da princesa Isabel, motivo pelo qual toda essa festa, supostamente, surgiu no cenário brasileiro.

Ainda sobre o cerrado enquanto parte essencial da manifestação, vale ressaltar que só é possível encontrar os dois personagens, indo a cavalo, o que restringe a participação ativa dos turistas que chegam ao local com automóveis. Um fator característico da identidade espacial da Caçada da Rainha em Colinas do Sul são as especificidades do ambiente cerrado do município: dificilmente um não conhecedor poderia sequer ingressar na “brincadeira” mais importante da festa. Com efeito, os elementos naturais não estão dissociados das estratégias e mecanismos de apropriação do festejo por parte dos moradores e organizadores.



Figura 15: Rainha, em Colinas do Sul, sendo levada para ser escondida na mata cerradeira (Autoria: Isabella de Faria Bretas. Julho, 2013)



Figura 16: Paisagem em Colinas do Sul (Autoria: Isabella de Faria Bretas. Julho, 2013)

Outra perspectiva encontrada, para a análise do espaço festivo, deu-se por meio das leituras de Bauman(2005) que diz ser possível identificar a globalização como processo dinâmico que afetou as estruturas estatais, as condições de trabalho, as relações entre o Estado, a subjetividade coletiva, a produção cultural, o dia-a-dia do viver, as relações entre o eu e o outro. Nesse sentido entende-se que o espaço festivo em Colinas é impactado anualmente por uma diversidade de fatores externos o que resultou na sua mudança este ano. Como exemplo, pode-se citar a quantidade de carros de som e de jovens desinteressados dos rituais religiosos e que afetam os acontecimentos por desejarem ocupar o mesmo espaço destinado às atividades da Caçada da Rainha. Com os meios de divulgação de maior amplitude, o número de visitantes aumenta em cada festa da Caçada da Rainha o que gera conseqüências nas estruturas organizacionais e no sentido atribuído a ela por esses “novos visitantes”.

Se para os moradores a festa é considerada como parte de seu cotidiano, de sua identidade e o valor atribuído é de um acontecimento indissociável à história do município, o mesmo não ocorre com os visitantes, principalmente os jovens. Eles entendem a Caçada da Rainha como o momento de romper com todo o tipo de amarras sociais a que são submetidos diariamente na sua rotina laboral. Dessa maneira promovem comportamentos considerados inadequados e inapropriados por parte do líder religioso o que resultou na mudança do local dos principais rituais. Se antes todos eles eram realizados na praça da Igreja matriz, este ano apenas as atividades religiosas, como missas, levantamento de mastros e chegada das folias, puderam ser assistidas no

local. As mudanças ocasionadas fortaleceram o sentimento de pertença por parte dos moradores e partícipes da festa, além de criar novos grupos identitários que não estão tão ligados à história e tradição da Caçada da Rainha mas, não deixam de ser parte integrante da festa.

Com a intenção de fortalecer o debate proposto, recorre-se à proposta de identidade de lugar de Proshansky, Fabian & Kaminoff (1983, p.64) que afirmam:

a identidade de lugar dos distintos grupos de uma cultura deve revelar não só usos e experiências diferentes do espaço e lugar, mas variações correspondentes aos valores sociais, significados e idéias que estão subjacentes aos usos daqueles espaços.

Eles sustentam ainda que os aspectos ambientais e o entorno físico proporcionam o desenvolvimento e a manutenção da identidade social. A afirmação pode ser comprovada pelo fato dos carros com sons automotivos presentes na festa pertencerem aos visitantes e não aos moradores que ainda estão vinculados a um estilo de vida com características mais rurais (Figura 17). Dessa maneira, as diferentes identidades existentes na festa são representadas por elementos próprios de cada grupo e por sua vez, caracterizam uma identidade espacial que engloba todas essas relações entre os sujeitos e a Caçada da Rainha.



Figura 17: Carros de som automotivo na praça, em Colinas do Sul (Autoria: Isabella de Faria Bretas. Julho, 2013)

A dimensão espacial deste evento festivo envolve também significações conferidas aos diversos símbolos expressos em desenhos e demais inscrições que fazem parte dos dois grupos de Folia existentes e outros que estão presentes no espaço urbano. Os foliões, que passam por volta de dez dias nas fazendas, carregam simbologias e

costumes na caracterização da identidade espacial. Os trechos percorridos durante os diversos momentos da festa, como alvoradas e deslocamentos de uma residência a outra, além da estrutura coreográfica são exemplos de como o movimento, em decorrência dos rituais festivos, atribui valor e significado ao espaço. A festa, nesse sentido, é um evento eminentemente de deslocamento e a lógica de organização de cada grupo tem sentido espacial, uma vez que modificar os posicionamentos dos membros dentro da estrutura já estabelecida é atribuir-lhe um significado diferente daquele ao que estão adaptados.

Abaixo segue a Figura 18 que demonstra uma parte do espaço festivo dos foliões em Colinas do Sul:

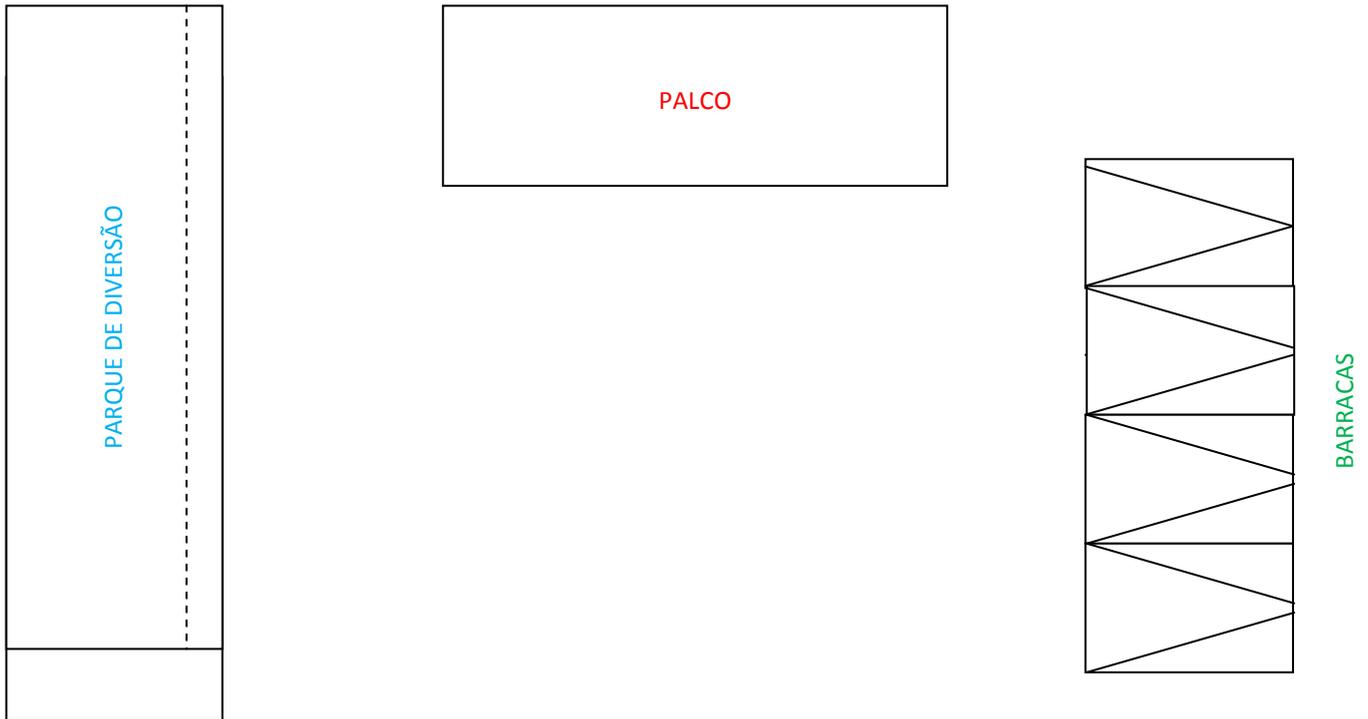


Figura 18: Foliões ao redor da mesa ouvindo o folião mais antigo discursar (Autoria: Isabella de Faria Bretas. Julho, 2014)

Como constatado, a Caçada da Rainha em Colinas do Sul abrange uma série de espaços, cada um com características próprias e ainda elevados a categoria de lugar por grupos distintos. No que se refere às Folias, os moradores e receptores dessa prática religiosa se apropriam do espaço rural, bem como de residências inseridas nele, como lugar pois ele origina sentimentos significativos como a devoção, a solidariedade entre essas pessoas e a ideia de raiz e vínculo com a terra. As espacialidades também são expressas por meio das músicas entoadas pelos foliões e demais participantes da festa no espaço urbano. Elas fazem referências e alusões à rainha que fugiu e ao rei que foi procurá-la. Entende-se, pois, que o ato de festejar teria por si só, uma dimensão espacial.

Para exemplificar os espaços em que as ações da festa acontecem, segue o croqui (Figura 19) e a Figura 20 que mostra o grupo de foliões na zona rural do município:

ZONA URBANA



ZONA RURAL

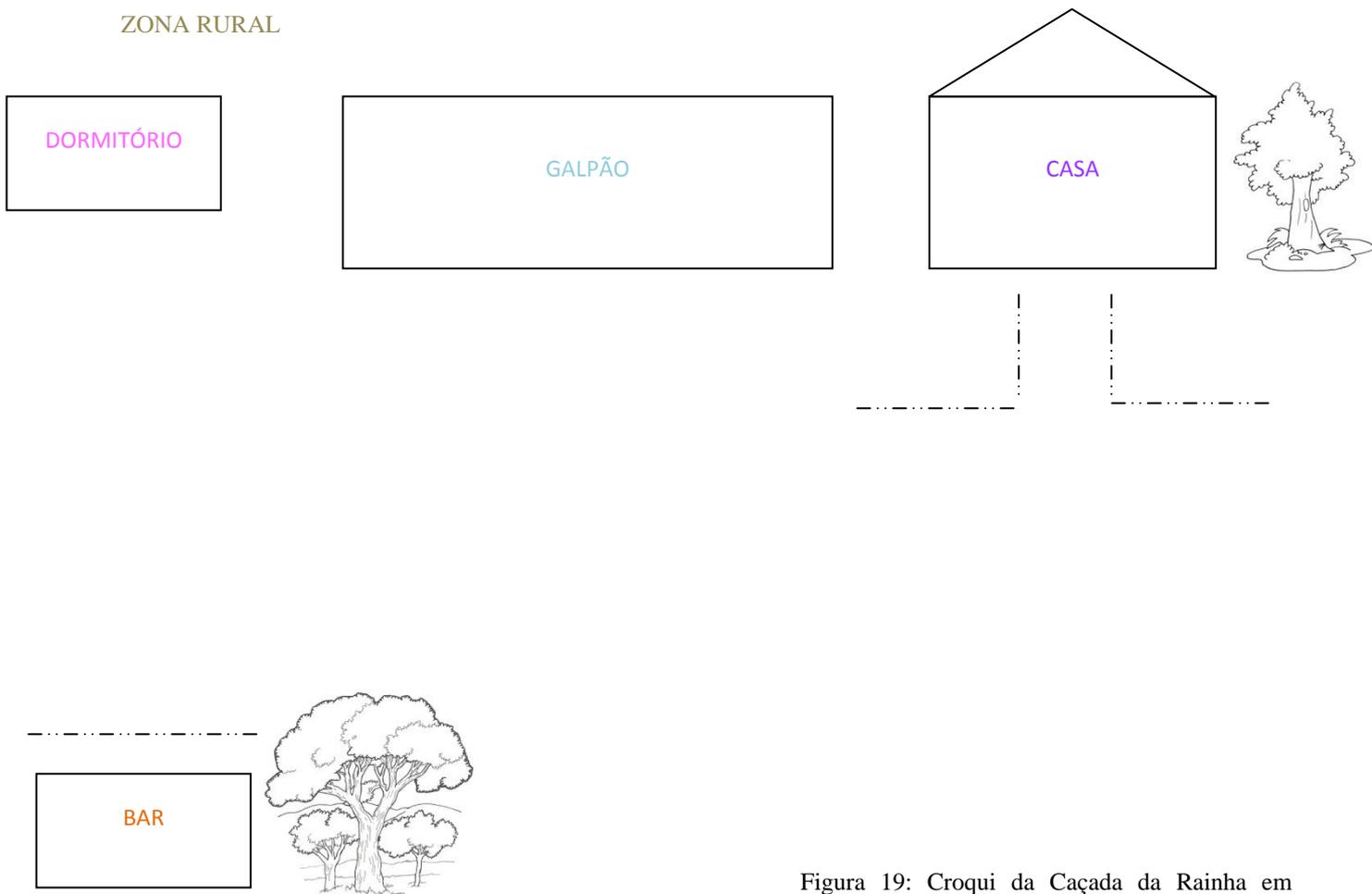


Figura 19: Croqui da Caçada da Rainha em Colinas do Sul (Autoria: Isabella de Faria Bretas. Setembro, 2014)



Figura 20: Grupo de Folia no Povoado de Lajes, Colinas do Sul (Autoria: Isabella de Faria Bretas. Julho, 2014)

Aqui, não se procura seguir a ideia de alguns autores no campo da Geografia Cultural, como Ferreira (2003), que tem discutido e analisado a relação Espaço-Festa como uma construção de poder por meio do discurso. Adota-se mais o espaço transformado em lugar como parte constituinte da festa, que se correlaciona com os partícipes e com os demais aspectos ocorridos na manifestação. A relação de dominação não é considerada elemento fundamental porque os diversos sujeitos presentes na Caçada da Rainha parecem ter conseguido estabelecer um convívio neutro e respeito mútuo, e não se destaca a intenção de domínio por parte de nenhum. Obviamente, o poder em si existe, possivelmente, em toda a relação do ser humano com seu ambiente e com o próximo, na pretensão de exercer um controle sobre a natureza e o outromas não é este o caminho que se procura seguir para interpretar a Caçada da Rainha e sua identidade espacial. Entende-se que essa festa tem o poder de tecer significações e sentidos aos lugares pois é detentora de lembranças individuais e coletivas que remetem à formação e constituição do espaço.

O espaço apontado por Pollak (1992, p. 02-03) possui estreita relação com a memória dos sujeitos:

Além dos acontecimentos e das personagens (...) existem lugares de memória, lugares particularmente ligados a uma lembrança, que pode ser uma lembrança pessoal, mas também pode não ter apoio no tempo cronológico. (...) Na memória mais pública, nos aspectos mais públicos da pessoa, pode haver lugares de apoio da memória, que são os lugares de comemoração. (...) Locais muito longínquos, fora do espaço-tempo da vida de uma pessoa, podem constituir lugar importante para a memória do grupo.

Nessa perspectiva, aceita-se o fato de que, para alguns sujeitos em Colinas do Sul, a lembrança transforma o espaço em lugar e não mais o acontecimento da Caçada da Rainha da atualidade. Quando entrevistados, alguns senhores já de idade avançada, disseram não mais participarem do festejo porque hoje se configura como um acontecimento muito “bagunçado” e “zoneado” para usar suas expressões. Apesar disso, possuem em suas reminiscências e lembranças, momentos significativos que não deixam que esta festa específica se transforme em algo sem importância e sem valor. Pelo contrário, assumem-se como ex-partícipes e não consideram a hipótese do município deixar de festejá-la já que é uma tradição ensinada por seus pais e que conta a história da época dos seus avós.

Outros elementos que caracterizam o espaço festivo da Caçada da Rainha podem ser visualizados na decoração na praça da Prefeitura, local onde ocorreu a festa este ano, e na zona rural. Eles atribuem ainda mais significados e sentidos para os partícipes e, nesse sentido, Augé (2007, p. 41) esclarece:

(...) o dispositivo espacial é ao mesmo tempo aquilo que exprime a identidade do grupo (as origens do grupo são com frequência diversas, mas é a identidade do lugar que o funda, o reúne e o une) e aquilo que o grupo deve defender contra as ameaças externas e internas para que a linguagem da identidade conserve um sentido”.

Fitas nas cores azul, vermelha e branca ornamentam quase toda a cidade e consistem em uma homenagem ao Divino Espírito Santo representado pela cor vermelha e, a Nossa Senhora do Rosário representada pelas cores azul e branca (Figura 21). Os organizadores interditam algumas ruas para que os carros não atrapalhem o movimento da festa e para que as barraquinhas de comidas e bebidas possam se instalar para atenderem ao público. Além disso, um palco é erguido para as apresentações artísticas como grupos de forró convidados para o evento e, no dia em que a “Caçada” realmente se efetiva moradores de Colinas do Sul cantam durante todo o dia, músicas próprias da festa.



Figura 21: Praça em Colinas do Sul ornamentada para a festa (Autoria: Isabella de Faria Bretas. Julho, 2014)

As batuqueiras se vestem com saias vermelhas e blusas brancas ou saias azuis em referência a Nossa Senhora do Rosário (Figura 22), e os congos com trajés vermelho (Figura 23) sempre tendo em vista a representação dos santos ligados à Igreja. Como o núcleo urbano é relativamente pequeno é possível ver a decoração de quase todo o espaço que é realizada pelos próprios moradores. As características atribuem uma identidade espacial à festa, além de possuírem sentidos próprios muitas vezes de cunho religioso. Vale ressaltar que a Caçada da Rainha, enquanto evento festivo, ocorre em um espaço central cujo acesso é fácil e o deslocamento para as outras partes da cidade é totalmente possível. O fato de ocorrer em uma praça, em que o ambiente é aberto contribui para a comunicação e interação entre os sujeitos que se identificam com o local por meio da percepção, da compreensão e da imaginação.



Figura 22: Batuqueiras de Colinas do Sul (Autoria: Isabella de Faria Bretas. Julho, 2014)



Figura 23: Grupo de Congada em Colinas do Sul (Autoria: Isabella de Faria Bretas. Julho, 2013)

As batuqueiras são mulheres, em sua maioria negras, que vestem uniformes e possuem uma dança própria parecida com a “Sussa” conhecida em outras regiões do Estado. Na história narrada pelos moradores, elas representam as antigas mulheres negras escravizadas que, ao serem libertadas pela Lei Áurea assinada pela Princesa Isabel, festejaram dançando uma espécie de “batuque” que dizem ser característico da população negra. As batuqueiras equilibram garrafas na cabeça e se movimentam animadamente antes e depois de encontrarem a rainha.

Outro grupo também caracterizado pela particularidade étnica são os congos, homens negros, que vestem uniformes e dançam a Congada, manifestação bastante conhecida no Estado de Goiás. Eles, assim como as batuqueiras, representam os ex-escravos que, ao serem libertados festejaram com instrumentos e movimentos considerados particulares dos descendentes africanos. São responsáveis por levarem a Rainha até a Igreja para que ela seja homenageada com missas, rezas e cânticos mas não podem adentrar o recinto, em uma alusão ao período em que, mesmo posterior à escravidão, negros e brancos não frequentavam o mesmo lugar.

Os mascarados são os partícipes que, como o próprio nome diz, se vestem com máscaras e também com capas ou vestidos de mulher. Eles ficam geralmente montados em cavalos, são responsáveis por esconderem a rainha na mata e depois ficam pela praça circulando e também numa espécie de desfile dos animais. Os palhaços mascarados (Figura 24) acrescentam à festa maior divertimento ao passarem,

durante o batuque, entre as pessoas fazendo gracinhas e oferecendo licor de vários sabores, feitos pela rainha e pelo rei.



Figura 24: Palhaços mascarados em Colinas do Sul (Autoria: Isabella de Faria Bretas. Julho, 2013)

Essa mescla de grupos, cores e funções assumem o espaço urbano enquanto os participantes vão à procura da rainha, conferindo uma identidade espacial ao festejo que é muito singular em seus ornamentos e organização. A maioria dos moradores de Colinas do Sul faz parte de algum desses grupos variados porque é algo ensinado e repassado pelos pais. É comum identificar uma família em que todos são foliões ou, uma em que a avó foi batuqueira e hoje a neta e a bisneta também são. Importante ressaltar que as funções que os partícipes representam tem valor simbólico e, portanto, é uma espécie de “afronta” algum filho de folião não querer seguir os passos do pai.

Essas relações invisíveis, que podem ser subentendidas ao conviver com o grupo em questão também caracterizam o espaço, ao impor modelos de comportamento próprios da família. Percebe-se que as funções que os sujeitos representam e a família a qual pertencem se dialogam. Há “saberes-fazer” inscritos na vida da festa como exemplifica Porto-Gonçalves (2006, p. 119) ao falar sobre as atividades laborais, “não há trabalho que não implique um saber-fazer, que não implique conhecimento, mesmo o trabalho manual. Um pescador pode não saber falar e escrever sobre a pesca, mas, com certeza, sabe pescar, caso contrário não seria pescador”. Ao trazer essas palavras para a manifestação festiva em questão, entende-se o motivo pelo

qual tantos jovens são foliões sendo que, nem eles mesmos, conseguem explicar o porquê de serem.

Mesmo diante das mudanças acima mencionadas, que se referem a um maior número de visitantes e suas práticas sociais, há também permanências que dinamizam os espaços e “as vidas que vivem e os mundos que criam para viver e compartilhar natural-e-culturalmente as suas vidas” (BRANDÃO, 2009, p. 16).

Por isso compreende-se que os espaços de ocorrência da Caçada da Rainha, não se limitam à praça e ao urbano, eles abrangem as Comunidades Rurais, lugares de vivência das famílias que compõem os grupos tradicionais da festa.

2.4.1 Colinas do Sul e sua identidade

“Colinas do povo ordeiro, de serras altas de encantos mil, és uma jóia pequena cujo brilho encanta o Brasil”(Trecho do hino da cidade)

A identidade do município de Colinas do Sul está estreitamente vinculada à festa da Caçada da Rainha mas outras comemorações também possuem significados para os moradores e caracterizam a identidade do município. Nesse sentido, este estudo apresentará as demais festividades em Colinas do Sul. Compreender suas dimensões é adentrar no seu espaço e perceber as festas como principais acontecimentos propiciadores de novas identidades.

Uma característica do município são as pequenas propriedades que garantem o sustento na terra aos moradores como camponeses e, também estão presentes ambiente urbano onde a maior parte da população reside. Outro fato é a localização da Igreja no centro, mostrando o seu valor simbólico, representativo do divino, de uma entidade superior e que, portanto, tem papel fundamental na organização da principal festa “religiosa” que acontece no município.

Colinas do Sul limita-se ao norte com o município de Cavalcante, ao sul com Niquelândia, a Oeste com os municípios de Campinaçu e Minaçu e, a leste com Alto Paraíso (Figura 25). Ele é resultado de um desmembramento, por meio da Lei de Criação 10.403 de 27 de janeiro de 1988, do município de Cavalcanti e, atualmente, ambos compõem a microrregião da Chapada dos Veadeiros, considerando a divisão

proposta pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. O nome Colinas é devido ao terreno muito acidentado que circunda o município e foi sugerido pelo antigo morador João Bernardes Rabelo e aprovado pela população local no ano da emancipação política, em 1987.

A maioria das propriedades rurais possui pastagem natural com pouco manejo mecânico e grande porção de vegetação original, razão pela qual o município possui grande extensão de área natural preservada e se inclui na área de Reserva da Biosfera do Cerrado, título concedido pela UNESCO⁴.

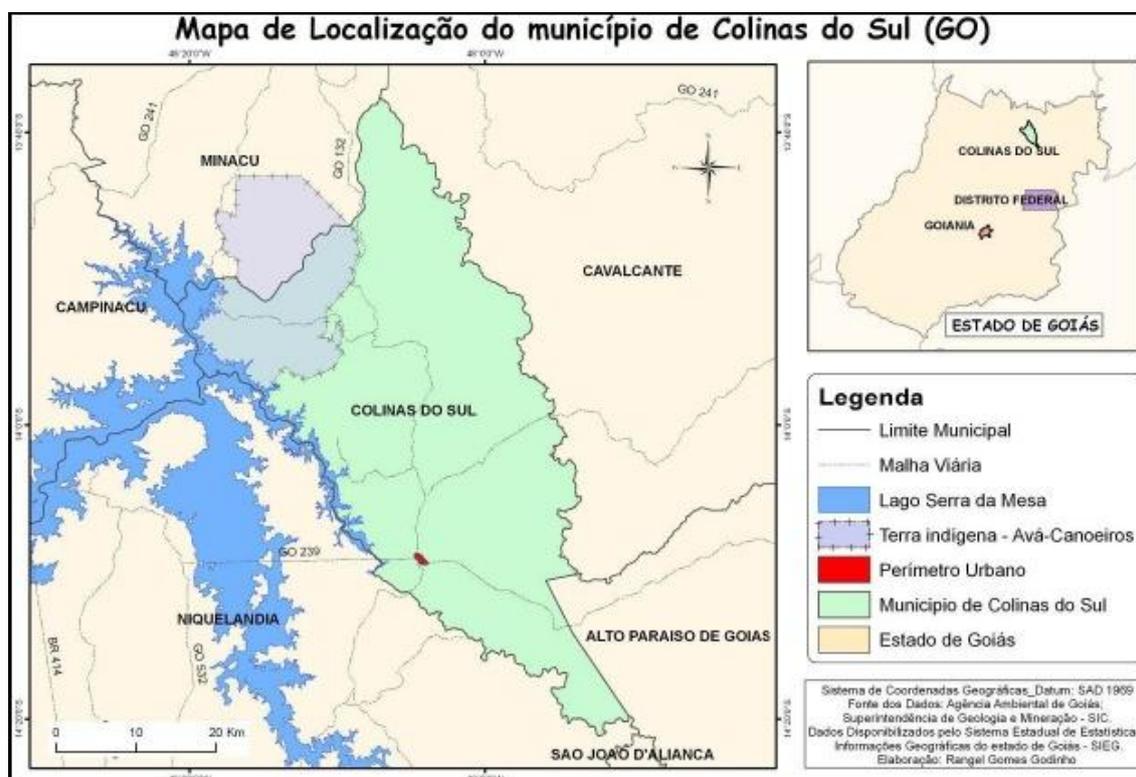


Figura 25: Mapa de localização do município Colinas do Sul (Autoria: Godinho, 2011)

O conceito de Patrimônio foi definido pelo Decreto-Lei nº 25, de 30 de novembro de 1937 e abrange bens móveis e imóveis existentes no País e cuja conservação seja de interesse público. Nesse sentido, alguns patrimônios além da própria reserva natural já citada, podem ser identificados neste município, como, por exemplo, o Balneário Cachoeirinha. Ele localiza-se à margem do Ribeirão dos Padres na área urbana, é identificado como Patrimônio Natural e é onde as futuras edificações do

⁴A criação se deu a ele e mais 24 municípios, no dia 07 de maio de 2001. Fonte: Secretaria do Meio Ambiente e dos Recursos Hídricos <<http://www.semarnh.goias.gov.br/site/conteudo/area-de-protecao-ambiental-do-pouso-alto-apa-do-pouso-alto>> (acessado em Fevereiro de 2015)

Balneário Municipal serão instaladas. Possui água límpida, é arborizado com área para camping, ponte de madeira e cano d'água para os banhistas.

A Praça do Coreto também pode ser citada como patrimônio, ela é conhecida como Praça Central (FIGURAS 26 e 27), na qual situam-se a Prefeitura e a Câmara de Colinas do Sul em uma mesma edificação, principais órgãos públicos do município. Essa construção é em formato de navio, o que promove o seu destaque. O paisagismo e as piscinas ornamentais da Praça Central também se destacam.



Figura 26: Prefeitura de Colinas do Sul (Fonte: <http://www.cidade-brasil.com.br/municipio-colinas-do-sul.html>, último acesso em janeiro de 2015)



Figura 27: Praça Central de Colinas do Sul (Autoria: Isabella de Faria Bretas. Julho, 2013)

A Praça da Biosfera é considerada como Patrimônio Material do município cujo objetivo é representar o potencial natural e cultural da região. Nela encontram-se um parque infantil e uma quadra de vôlei de areia e o seu acesso é público. A Praça da Matriz, como o próprio nome diz, é onde se localiza a Igreja Matriz de Colinas do Sul, a Paróquia Sagrado Coração de Jesus (Figura 28). Até o ano de 2013, todos os rituais e festividades da Caçada da Rainha ocorriam nesse local.



Figura 28: Praça Matriz ornamentada com o arco das Folhas (Autoria: Isabella de Faria Bretas. Julho, 2014)

Ao se falar em patrimônios que, como tais causam impacto, o Lago da UHE da Serra da Mesa deve ser incluído pois como diz Almeida (2005, p. 104): “para as populações do Norte Goiano, a construção do Lago constituiu o contato com outras realidades, a aproximação de um mundo até então desconhecido, ausente de suas referências espaciais e culturais”. A Usina Hidrelétrica é um projeto que remonta ao ano de 1978 e cuja construção iniciou-se em 1986. Foi a primeira hidrelétrica fruto de parceria do Estado com a iniciativa privada e inundou parte dos municípios de Niquelândia, Santa Rita do Novo Destino, Minaçu, Uruaçu, Campinorte, Campinaçu, Colinas do Sul e Barro Alto situados no Norte Goiano (ALMEIDA, 2005).

A usina implicou em uma mudança na paisagem local, os vales anteriormente ocupados por vegetação cerradeira hoje são “espelhos d’água”, as terras revalorizaram-se mas os moradores lamentam o desaparecimento das terras férteis submersas e a perda ecológica de animais como veados e peixes. Evidencia-se o

impacto causado nas populações nativas diante da construção do Lago, fato que deve ser mencionado ao se falar em identidade. Os moradores tradicionalistas se confrontam com a modernização e, ainda assim, nota-se que as atividades no município aqui analisado prevalecem vinculadas ao campo e ao rural, características observadas na identificação de suas festividades.

O município de Colinas do Sul é marcado, principalmente por suas festas que envolvem a organização e participação da comunidade em geral. A Festa do Rodeio Show é conhecida pela proporção que cresce a cada ano, atraindo visitantes das localidades vizinhas e, constituindo-se também em uma representação da identidade do município. Ela acontece no segundo semestre do ano, na primeira semana do mês de outubro.⁵

A primeira edição deste evento foi realizada por um comerciante, conhecido como Teo Arrojado que, até nos dias atuais, é coordenador e organizador do Rodeio Show. A festa já se consolidou como uma das principais atrações turísticas do município, está em sua 10ª edição, é realizada com o apoio da Prefeitura e Câmara Municipal e conta com a participação de artistas reconhecidos nacionalmente. Os entrevistados relataram e concordaram que, o melhor deste evento, é o “show que o peão dá em cima do boi”, caracterizando o gosto por elementos rurais dos moradores de Colinas do Sul.



Figura 29: Peões na arena antes da prova do Rodeio Show (Autoria: Wilson Isaías, 2007)

⁵ Possui caráter social, uma vez que a entrada está condicionada à entrega de um quilo de alimento não perecível que, posteriormente, é distribuído para a população carente do município.

Outro Patrimônio Imaterial do município de Colinas do Sul é a Folia de Santos Reis que ocorre na primeira semana do mês de janeiro com o arremate sendo no dia 5 de janeiro. Essa festividade em homenagem aos três reis magos acontece em todo o Estado de Goiás, sobretudo nas zonas rurais e cidades pequenas, são sempre de caráter religioso e, portanto, a Igreja Católica está envolvida celebrando missas e outros rituais. O evento consiste na andança de um grupo de cantadores e rezadores que, munidos de instrumentos de corda e percussão e também sanfona, reza, canta e dança em uma sequência de casas residenciais pré-selecionadas. Em algumas delas o anfitrião oferece comida para os membros do grupo e demais pessoas que estejam acompanhando a Folia, oferecem pousos também e, no dia seguinte o ritual é retomado, com a duração de cinco a seis dias aproximadamente.

O Festival de Música e Poesia ocorre no mês de maio e é organizado por alguns integrantes do Departamento de Cultura com o apoio da Prefeitura e da Câmara para incentivarem a criatividade e a cultura do município. É um evento que ocorre na Praça do Coreto/Praça Central e já conta com mais de 10 edições, consolidando-se como importante manifestação cultural da região. O Departamento de Urbanismo providencia um palco provisório no qual os candidatos se apresentam e o primeiro e o segundo colocados, tanto no quesito música quanto na poesia, recebem premiações. A Praça é toda decorada e alguns vendedores selecionados são autorizados a erguerem barraquinhas para a comercialização de comidas e bebidas durante a ocorrência do evento. Prefeitos e demais autoridades dos municípios vizinhos são convidados a participarem, fortalecendo o vínculo entre as cidades do norte/nordeste do Estado de Goiás.

O Festival de Música ocorre como um dos eventos mais importantes ligados à comemoração do Aniversário da Cidade. A seguir, o Quadro 4 com os detalhes sobre as manifestações culturais do município durante este período:

Dia	Evento	Local	Hora	Premiações
29/05	Feira das Estrelas	Praça Central	18 horas	
30/05	Partida de futebol Colinhinha X Vila Borba	Estádio Evangelho Silva Coelho	08:30 min	01 troféu
30/05	Partida de futebol São Jorge X Rio Preto	Estádio Evangelho Silva Coelho	15:40 min	01 troféu
30/05	Torneio de Vôlei	Praça da Biosfera	19 horas	03 troféus e 15 medalhas
31/05	Alvorada da escola	Praça Central	04 horas	
31/05	Maratona Local feminina e masculina	Praça Central	das 08 horas às 11 horas	07 troféus 35 medalhas
31/05	Maratona Regional masculina	Praça Central	das 08 hs às 11 hs	
31/05	Partida de futebol Colinas X Lajes	Estádio Evangelho Silva Coelho	15:30 min	01 troféu
31/05	Festival de Músicas e Poesias inéditas	Praça Central	20 horas	01 violão e 01 viola 01 mp3 01 a escolha
31/05	Baile	Praça Central	23:00 horas	
01/06	Momento cívico	Prefeitura Municipal	08:00 horas	
01/06	Santa Missa	Igreja Católica	08:30 horas	

Quadro 4: Programação do Aniversário da Cidade (Autoria: José Nilo, organização: Isabella de Faria Bretas. Outubro, 2014)

A Feira das Estrelas visa colocar em exposição elementos que representam a cultura do município como artesanatos e a culinária para um melhor conhecimento da população local e consequente valorização do Patrimônio Cultural.

Outros objetivos enumerados pelo Departamento de Cultura são: descobrir talentos culturais, artesanais e culinários, melhorar a fonte de renda da população local, levar o turista para o local do evento, incentivar a geração de emprego e renda informal e proporcionar lazer e entretenimento a baixo custo para a população. Em relação aos produtos artesanais, é necessário destacar especialmente as artesãs que produzem cestos, bolsas, chapéus entre outras peças feitas com capim dourado, antes encontrado em abundância na região.

O município de Colinas do Sul possui diversas manifestações culturais como as novenas de São Sebastião no Povoado das Lajes, as novenas de Nossa Senhora das Candeias no Povoado Jaó, o Carnaval, as Festas Juninas que englobam: Império de São João, Folia de Rua e Terço na Igreja Católica entre outras. A preocupação em divulgar a cultura e realizar eventos que contribuem para isso é uma constante dos funcionários ligados ao turismo de Colinas.

Entre todas as festas, a Folia, por exemplo, que precede a Caçada da Rainha é a de maior visibilidade após a própria em si. Nesse sentido, foi importante espacializá-la para se ter noção do quanto ela abrange as áreas do município, principalmente no que se refere à zona rural.

O próximo mapa contém os trajetos percorridos pelos foliões no período que antecede à Caçada da Rainha no mês de julho. São cerca de nove pousos e, portanto, a Folia dura, aproximadamente, dez dias e depois dois grupos se encontram na porta da Igreja para o arremate.

Para uma melhor compreensão do espaço que percorrem dentro do município foi realizada a junção das duas folias no mapa (Figura 30):

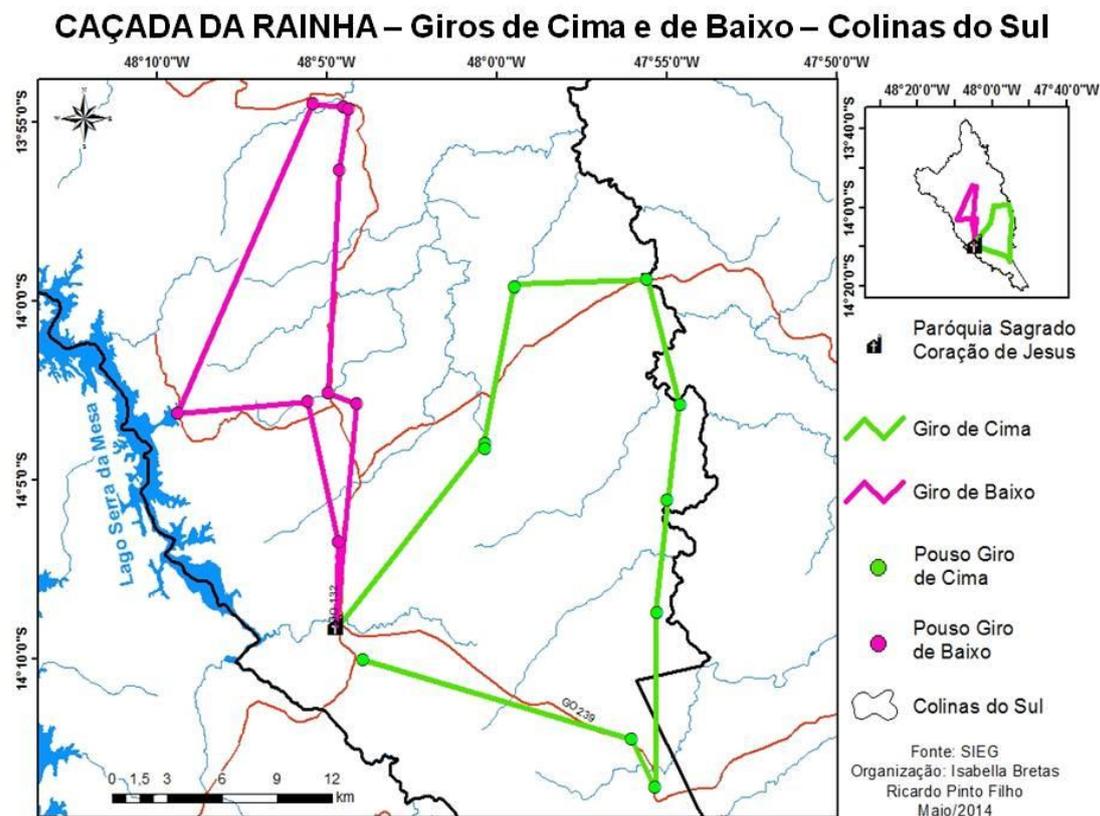


Figura 30: Mapa do percurso e dos pousos da Folias (Autoria: Ricardo Pinto Filho e Isabella de Faria Bretas. Setembro, 2014)

As Folias percorrem boa parte da área municipal convidando as pessoas a participarem da Caçada da Rainha. É possível visualizar o trajeto por meio do mapa acima.

Conclui-se que Colinas do Sul é um município ativo na manutenção das tradições e esta é uma das características que define a sua identidade.

CAPÍTULO 3. A CAÇADA DA RAINHA: A FESTA, OS SÍMBOLOS, OS RITOS, AS PAISAGENS

As manifestações da Caçada da Rainha, conforme já ilustradas, são ricas em símbolos representativos e gestos que promovem o surgimento de novos elementos paisagísticos que identificam a festa-lugar. O ritual das folias em Colinas do Sul, o levantamento dos mastros nos três municípios, a homenagem a algumas santidades católicas e o envolvimento da Igreja representam a fé, a devoção e conferem um caráter religioso à festa. Por meio da teatralidade em que representam personagens ligados à História do Brasil os partícipes se sentem pertencentes à festa, ao lugar em que ela ocorre e promovem, com isso, símbolos religiosos e que caracterizam as diversas identidades que convivem no mesmo espaço.

O presente capítulo tem como objetivo maior, esmiuçar os elementos que compõem o universo da festa Caçada da Rainha e atribuem sentido e significado a todos os rituais que acontecem e fazem parte da manifestação. Inicialmente, faz-se necessário considerar a narrativa contada pelos partícipes e que fundamenta a história do acontecimento da festa nos três municípios. Posteriormente, as especificidades de cada localidade são explanadas de maneira a compreender, por meio de um estudo comparativo, o motivo pelo qual oslugares e as paisagensem torno da festa são diferenciados.

Na segunda seção a abordagem sobre a categoria paisagem norteará a discussão, tendo em vista seu aspecto subjetivo, o qual se relaciona com o lugar discutido nos capítulos anteriores. Primeiramente, essa relação é estabelecida, bem como as linhas de pensamento, que se pretende seguir dentro da ciência geográfica, que darão continuidade ao aspecto cultural desenvolvido ao longo da dissertação. Ao se aprofundar na paisagem festiva, alguns elementos serão levados em consideração para uma leitura mais minuciosa como os símbolos religiosos e decorativos, os sons, os cheiros, os movimentos feitos nas danças, entre outros.

3.1. A festa da Caçada da Rainha

“A festa é um dos canais de exacerbação da espiritualidade humana”
(D’ABADIA, 2011, p. 164)

A festa referida, na imaginação popular, representa uma suposta história em que a princesa Isabel, após assinar a Lei Áurea, fugiu para a floresta com medo de sofrer represália por seu pai, Dom Pedro II. O imperador convocou a guarda real e juntos foram “caçá-la”, daí o nome “Caçada da Rainha”, sendo que o termo rainha refere-se à princesa responsável pela libertação dos escravos.

A partir de um estudo comparativo entre os três municípios do Estado de Goiás: Colinas do Sul, Cavalcante e Monte Alegre de Goiás observou-se que, em sua essência, a festa é a mesma, possui praticamente os mesmos rituais e simbologias, a mesma teatralidade mas, obviamente, possui espaços festivos, sujeitos e identidades distintos.

A Caçada da Rainha é composta, nos primeiros dias, por rituais que homenageiam o Divino Espírito Santo e a Nossa Senhora do Rosário⁶. Em Monte Alegre de Goiás a população se reúne na praça da Igreja Matriz e, de lá, parte em procissão até determinado ponto pré-estabelecido sendo geralmente, a residência de algum morador. O caminho é percorrido com velas acesas. Os dois mastros estão no local de destino da procissão e são carregados por inúmeros moradores de volta à praça principal. Existe a figura do “capitão do mastro” que é destaque neste momento e consiste em uma pessoa devota escolhida no ano anterior, responsável por “guardar” o símbolo por todo o ano. O mastro é armado e enfeitado com antecedência, permanecendo à frente da casa do capitão.

Da Matta, (1997, p. 49) diz que os rituais religiosos têm objetivos específicos, eles “partem de igrejas e/ou locais sagrados, pretendendo ordenar o mundo de acordo com os valores que são ali articulados como os mais básicos: o mundo de Deus – representado pela Igreja Católica e pelas formas de religiosidade que a ela se referem”. Nesse sentido, percebe-se que a Caçada da Rainha está voltada para a religiosidade que conduz os rituais como missas e homenagens às divindades católicas, e produz símbolos como as bandeiras dos mastros.

⁶ Divindades ligadas à Igreja Católica.

O festejo é repleto de danças, cantorias e fogos de artifício. O levantamento dos mastros, a comemoração, os capitães, as missas solenes, todos esses fatores são apenas algumas entre as diversas figuras e manifestações que se realizam e se destacam durante os festejo da Caçada da Rainha.

Abaixo a procissão com capitão do mastro (Figura 31), exemplificando, um dos rituais da Caçada da Rainha em Monte Alegre de Goiás:



Figura 31: Capitão do mastro de Nossa Senhora do Rosário em procissão, em Monte Alegre de Goiás (Autoria: Isabella de Faria Bretas. Julho, 2014)

Além do levantamento, os dois capitães, o do mastro do Divino Espírito Santo e o do mastro da Nossa Senhora do Rosário, são responsáveis por uma refeição ofertada à comunidade participante do ritual. Os pratos são distribuídos em recipientes de isopor ou colocados em grandes panelas no pátio da Igreja para que se sirva quem assim o desejar. Dessa maneira, ser um capitão do mastro é uma responsabilidade dispendiosa, apesar das doações dos demais membros da comunidade.

É nesse momento que o espaço festivo da Caçada da Rainha começa a se configurar, com os mastros ao lado da Igreja Católica, com fitas nas cores vermelha (representando o Divino Espírito Santo), azul e branca (representando a Nossa Senhora do Rosário). Nesse sentido, cada sujeito presente se apropria do espaço e atribui sentimentos e emoções a ele que passa a ser transformado em lugar, à medida em que símbolos e representações lhe são atribuídos.

Outros personagens, que são comuns aos três municípios, são os congos e dançarinas da “Sussa” também denominadas de batuqueiras em Colinas do Sul. Durante

alguns momentos do festejo eles cantam e dançam, participando de outros rituais posteriores ao levantamento do mastro.

As identidades tanto dos sujeitos quanto aquelas atribuídas ao lugar ganham representatividade no momento dos rituais, por meio de danças, do ato de ajoelhar-se diante das bandeiras dos mastros, demonstrando a fé e a religiosidade presente em alguns sujeitos festivos, entre outros. Nessa perspectiva, analisar-se-á a Caçada da Rainha e suas especificidades nos três municípios que constituem a área de estudo desta dissertação.

3.1.1.A festa em Colinas do Sul e em Cavalcante

Os rituais da festa acontecem na praça da Igreja Matriz dos municípios, com exceção da “caçada” em si, quando a rainha é “escondida”, procurada e encontrada. Ainda assim, após este momento, a personagem é levada ao local em questão para dar prosseguimento aos próximos rituais. Nesse sentido, considerou-se importante confeccionar mapas que mostrem exatamente a localização das igrejas e, conseqüentemente, das praças onde ocorrem as festas (Figuras 32 e 35), além de imagens de satélite para a visualização das praças (Figuras 33, 34 e 36).

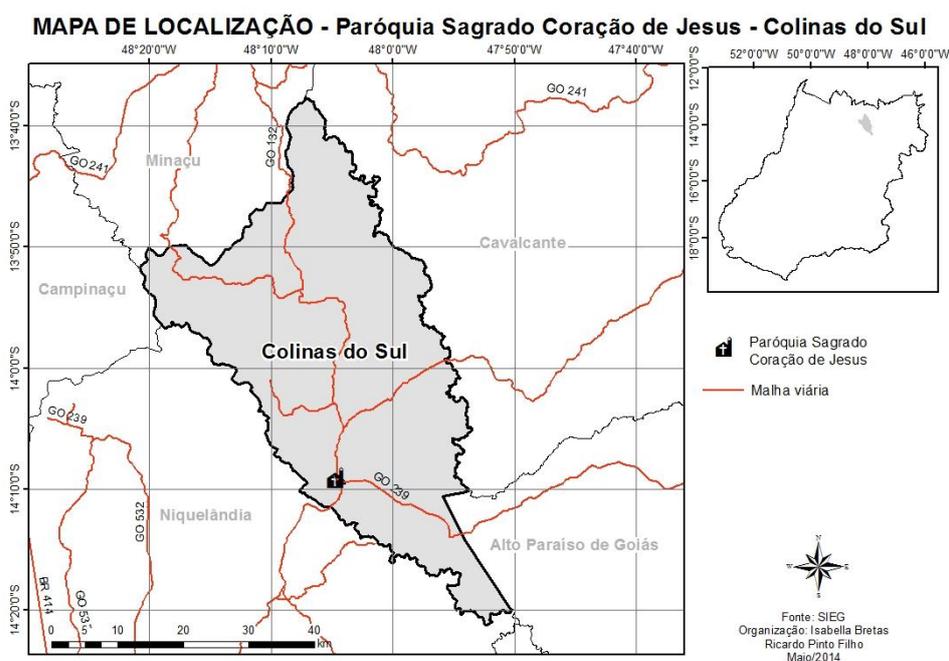


Figura 32: Mapa de localização da Igreja Sagrado Coração de Jesus, local de ocorrência dos rituais da Caçada da Rainha (Autoria: Isabella de Faria Bretas e Ricardo Pinto Filho. Maio, 2014)



Figura 33: Imagem de satélite da Praça da Paróquia Sagrado Coração de Jesus (Organização: Isabella de Faria Bretas. Janeiro, 2015)

As instituições católicas, nos três municípios, possuem papel relevante uma vez que a festa tem caráter religioso e seus rituais, como missas e procissões, são realizados pelo pároco da Igreja Matriz. Assim, a Caçada da Rainha não deve ser analisada de maneira desassociada da religião católica porque ela é a base e, em Cavalcante, a principal líder e organizadora da festa.

Em Colinas do Sul, como dito anteriormente, alguns rituais da festa no ano de 2014 ocorreram na Praça do Coreto (Figura 34) porque foram considerados profanos e, portanto, o pároco local considerou importante desvinculá-los da Igreja Católica.



Figura 34: Imagem de satélite da Praça do Coreto (Organização: Isabella de Faria Bretas. Janeiro, 2015)

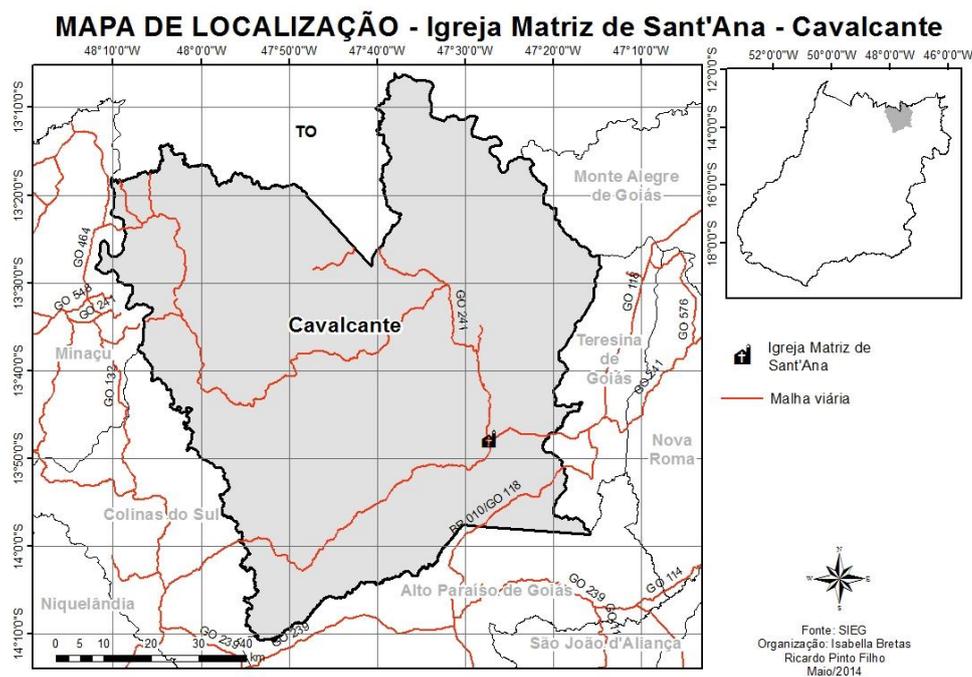


Figura 35: Mapa de localização da Igreja Matriz de Sant' Ana, em Cavalcante, local de ocorrência da festa Caçada da Rainha (Autoria: Isabella de Faria Bretas e Ricardo Pinto Filho. Maio, 2014)



Figura 36: Imagem de satélite da Praça da Paróquia Sant' Ana, em Cavalcante (Organização: Isabella de Faria Bretas. Janeiro, 2015)

De acordo com informações fornecidas por Arruda (1986) sobre o Histórico da Administração Fiscal ao site da Receita Federal, no período ainda da

escravidão no Brasil, ou seja, anterior ao ano de 1888, existia um povoado denominado de São Félix no norte do que, hoje, é o Estado de Goiás. Segundo aqueles entrevistados para esta dissertação durante a pesquisa de campo ele era riquíssimo em ouro e metais preciosos e este foi o motivo pelo qual os negros escravizados foram utilizados como mão de obra na região. Eles trabalhavam em uma espécie de garimpo e também em minas para que a riqueza existente fosse explorada.

Dados presentes no site IBGE, sobre o histórico do município de Cavalcante consultado em dezembro de 2014, comprovam a existência de um povoado na região com este nome. Teixeira Neto (2006) também faz alusões a ele, ao se referir à história de Goiás-Tocantins e suas expressões sempre remetem ao fato de estar desaparecido: “São Félix, arraial que desapareceu corroído pelo tempo” (p. 18); “São Félix (desaparecido)” (p. 23); “São Félix, cujos vestígios de sua existência são mesmo difíceis de ser encontrados” (p. 29). Ainda nesse povoado teria se originado a Caçada da Rainha mas com outro nome e outras especificidades diferentes das que possui na atualidade. O morador de Colinas do Sul, o senhor A.C.V. (entrevistado em julho de 2014 em Colinas do Sul) possui documentado, o relato de que Rubens Alves Oliveira foi o último rei da festa em São Félix, por volta de 1904. O falecido Joaquim Alves de Oliveira, filho de Rubens deixou a história sobre o povoado escrita em folhas de papel e ela foi preservada pelo senhor A.C.V.

O povoado foi extinto, fato já relatado, motivo pelo qual os que lá habitavam se deslocaram para outras localidades, originando o Povoado das Lajes e Cavalcante, este último, atualmente é um dos municípios estudados nesta dissertação. Desta maneira, a Caçada da Rainha passou a ser realizada nos dois novos locais, fato que ocorre até hoje e, talvez por este passado em comum possuem características muito semelhantes. O senhor A.J. (entrevistado em julho de 2014 em Cavalcante), foi um dos entrevistados que confirmou essa história de que a Caçada da Rainha em Cavalcante e Colinas do Sul possuem a mesma origem e, portanto, são muito parecidas em seus rituais. Aparentemente sempre foi uma festa com caráter religioso e homenageava a Nossa Senhora do Rosário, considerada padroeira dos escravos.

Com a assinatura da Lei Áurea a festa passou a representar a liberdade dos negros e adquiriu novas configurações como a existência de um rei e de uma rainha e a homenagem ao Divino Espírito Santo. Segundo partícipes da Caçada da Rainha dos dois municípios, a homenagem ao “Divino” como dizem, é devido à entidade religiosa ter “iluminado” as autoridades políticas daquele período, como a princesa Isabel para

libertarem os escravos. Dessa maneira, devem homenageá-lo e celebrar a libertação e a configuração de uma nova realidade social. Ao chegar um padre católico no Povoado das Lajes alegou que a festividade deveria estar vinculada à Igreja porque homenageava divindades católicas. O líder religioso resolveu não só adentrar o local onde residiam os negros libertos como também participar ativamente da festa.

Devido aos desentendimentos, porque nem todos os residentes do Povoado das Lajes concordavam com a “mistura” entre os povos e com a apropriação da festa pela Igreja, mais uma vez a população se dissipou formando o que hoje é o município de Colinas do Sul. Apesar de sua emancipação política ter ocorrido somente em 1985, na década de 50 já era considerado distrito segundo dados sobre sua formação Administrativa presentes no site: IBGE-cidades acessado em fevereiro de 2015. A história do surgimento foi narrada de igual maneira por todos os entrevistados residentes do município, ao todo 17 e, por esta razão, acredita-se na relação entre as datas e acontecimentos relatados.

De acordo com relatos, aqueles que contribuíam ativamente para a realização da festa foram para a nova localidade para festejarem. Dessa maneira, atualmente a Caçada da Rainha acontece em Colinas do Sul mas a folia sempre passa, anualmente, pelo Povoado das Lajes para convidar os moradores a participarem dos rituais urbanos. As intrigas foram colocadas de lado, hoje em dia não existem inimizades e/ou disputas em relação a festa. Todos da comunidade convivem, organizam e participam promovendo a união e a sociabilidade entre município e povoado. Os moradores de Lajes são guardas reais, batuqueiras ou expectadores e é desconhecido, por parte dos entrevistados, alguém que se oponha ou que não participe da festa.

Como dito anteriormente, a origem da manifestação em Cavalcante foi a mesma. A história se inicia no Povoado de São Félix e, ao ser extinto as pessoas se dispersaram em dois principais grupos que dão origem ao município de Colinas do Sul e habitam a já existente freguesia de Cavalcante. A Caçada da Rainha em Cavalcante, atualmente, não é muito significativa para os moradores desse município porque perdeu sua tradição e já deixou de ocorrer por vários anos. Antigamente, baseando-se em relatos orais, a narrativa da festa era a mesma contada em Colinas do Sul: a princesa Isabel assinou a Lei Áurea e, com medo da represália do pai, fugiu para a floresta onde foi encontrada posteriormente pela guarda real que saiu à sua procura sob ordens de Dom Pedro II.

Aparentemente, até poucos anos atrás, os partícipes em Cavalcante também escondiam a rainha na mata cerradeira localizada ao redor da zona urbanamas, devido ao crescimento e à descaracterização do local como ambiente ruralizado, tal fato deixou de acontecer. Dessa maneira, nos últimos anos a rainha era escondida simbolicamente em uma das residências do centro da cidade e a guarda real, no momento certo, vai buscá-la para que participe do festejo feito na praça da Igreja Matriz.

Dois foram os motivos principais pelos quais a Caçada da Rainha deixou de ocorrer no município, o primeiro refere-se ao valor gasto pelo rei e rainha que, de acordo com duas “ex-rainhas”, é alto e algumas pessoas não têm condições de realizar uma festa desse porte. Outro motivo refere-se aos comportamentos dos jovens durante a festa que, de acordo com relatos, não presenciavam os rituais religiosos mas apenas os momentos que continham músicas, bebidas e comidas, causando um desconforto no líderes religiosos do município. Em 2014, em uma das entrevistas com padre responsável pelo evento, ele disse não se responsabilizar mais pela festa Caçada da Rainha porque várias experiências já comprovaram a inviabilidade do evento por causa dos “jovens desordeiros” (padre J.S., entrevistado em julho de 2014 em Cavalcante). Em reunião com outros religiosos das cidades e regiões vizinhas, em 2013 eles mudaram a data para outubro, acreditando que, por não ser um mês de férias, não iria atrair tantos turistas e, conseqüentemente, diminuiria o caos causado pelos comportamentos dos jovens mas, os conflitos e descontentamento com o comportamento desrespeitoso continuaram ocorrendo.

Diante dos relatos e do observado, a ocorrência da Caçada da Rainha em Cavalcante já não representa mais a identidade do município ou de seus sujeitos, porque eles não se encontram mais ligados à manifestação. A ausência de uma festa que costumava ser rica em detalhes e tradicional, pelos vários anos em que ocorreu, também pode ser fator característico da identidade dessa comunidade, que não se apega mais a determinados rituais. Ao se considerar o caráter fluido da identidade, porque não é permanente e está sujeita a mudanças, o fato de a festa deixar de ocorrer pode significar a transformação de mentalidades ou desejos, o que interfere diretamente na construção de novas identidades.

A festa não é uma exposição de ideias ou um espetáculo destinado a mera apreciação de um público. Ao contrário, ela nasce no cotidiano de vida e de trabalho de homens que constroem elementos de vivência e sobrevivência. Por este fato é que os

cantos, danças, músicas, rituais e teatralidades dizem muito a respeito de uma comunidade, assim como a não existência desses elementos também. Em certo sentido, a Caçada da Rainha pode ser vista como um fator de resistência, a perpetuação de uma tradição presente no Estado de Goiás e, até mesmo, a permanência de rituais ligados aos negros que são parte essencial para a ocorrência da festa. D'Abadia (2010, p.20) contribui com a afirmação anterior ao escrever sobre algumas festividades que “resistem e permanecem diante dos diversos cenários da contemporaneidade, embora já venham marcadas pelo estigma comercial e o apelo logístico evidenciados, mesmo nos lugares mais distantes”. Em Cavalcante, dá-se o contrário, a resistência é substituída pela ruptura de símbolos, rituais, tradições e significados.

A não ocorrência da Caçada da Rainha caracteriza uma mudança no cenário cultural do município assim como uma divergência de interesses (igreja *versus* comunidade) que, antigamente se aglutinavam em nome da manifestação. É importante ressaltar que nenhuma identidade pode existir fora de um contexto, que é fundamental para entender os costumes e os não costumes de um povo, bem como o seu surgimento. Assim sendo, convém-se explicar brevemente a história de Cavalcante bem como dos Kalunga que habitam locais mais isolados desse território.

A história do município, assim como o Norte e Nordeste do Estado de Goiás, está relacionada à exploração de minas por parte de bandeirantes em busca de metais preciosos, tendo em vista riquezas existentes nessa região que, atualmente, é conhecida como Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros. Calunga ou Kalunga é o nome das “comunidades constituídas por remanescentes de quilombolas associados aos descendentes de escravos presentes no nordeste de Goiás” (ALMEIDA & PEREIRA, 2010, p.1). A Caçada da Rainha acontece, necessariamente, em regiões próximas ou que possuem essas comunidades. Mesmo em Colinas do Sul, onde não há registros dessas habitações a proximidade com outros municípios, como Cavalcante, Teresina e Monte Alegre de Goiás, justifica a ocorrência da festa.

Em Cavalcante, os Kalunga sempre eram convidados a participarem da Caçada da Rainha e eles se deslocavam de suas comunidades longínquas para interpretarem os antigos negros escravizados, tanto homens quanto mulheres e para dançarem a “Sussa” e a Congada. Em Colinas do Sul é também possível encontrar Kalunga de regiões vizinhas que participam da festa mas, os grupos referidos são compostos, em sua maioria, por pessoas nativas do município. De toda forma a prevalência de negros chama a atenção e vários são os moradores que discorrem sobre

suas origens com avós e bisavós pertencentes a comunidades negras. Portanto, apesar de não serem propriamente Kalunga, toda a oralidade gira em torno de ligações familiares entre os negros que residem no município e aqueles que habitaram a região tempos atrás. Este fato é um dos indícios que confirma a hipótese inicial de que a Caçada da Rainha é uma tradição e herança dessas comunidades.

O rompimento da festa em Cavalcante representa uma espécie de ruptura dos laços construídos com os Kalunga que habitam regiões próximas com os moradores da zona urbana do município. A ausência da Caçada da Rainha em um município no qual era tradicional constitui também a ausência dos símbolos que expressavam os valores identitários da comunidade durante esta festa. Em consequência, conclui-se que houve transformações nas formas de se organizarem e perceberem a festa referida como elemento social importante na manifestação de seus costumes, histórias e sentimentos.

3.1.2.A festa em Monte Alegre de Goiás

Assim como em Colinas do Sul e Cavalcante, os rituais da Caçada da Rainha em Monte Alegre de Goiás ocorrem na praça da Igreja Matriz e, por isso considerou-se a confecção do mapa de localização (Figura 37) e a imagem de satélite da praça (Figuras 38).

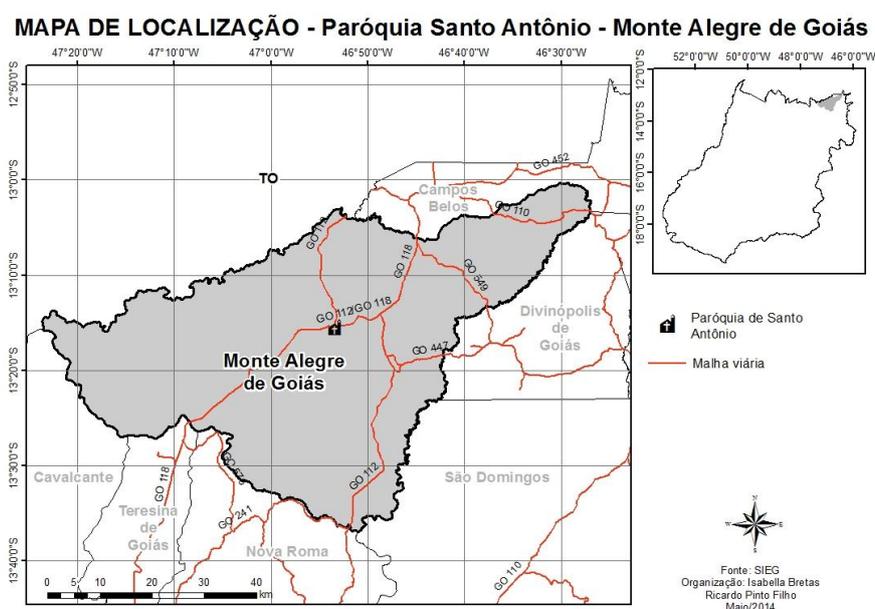


Figura 37: Mapa de localização da Igreja Matriz Santo Antônio local de ocorrência da festa Caçada da Rainha (Autoria: Isabella de Faria Bretas e Ricardo Pinto Filho. Maio, 2014)

Paróquia Santo Antônio - Monte Alegre de Goiás - GO

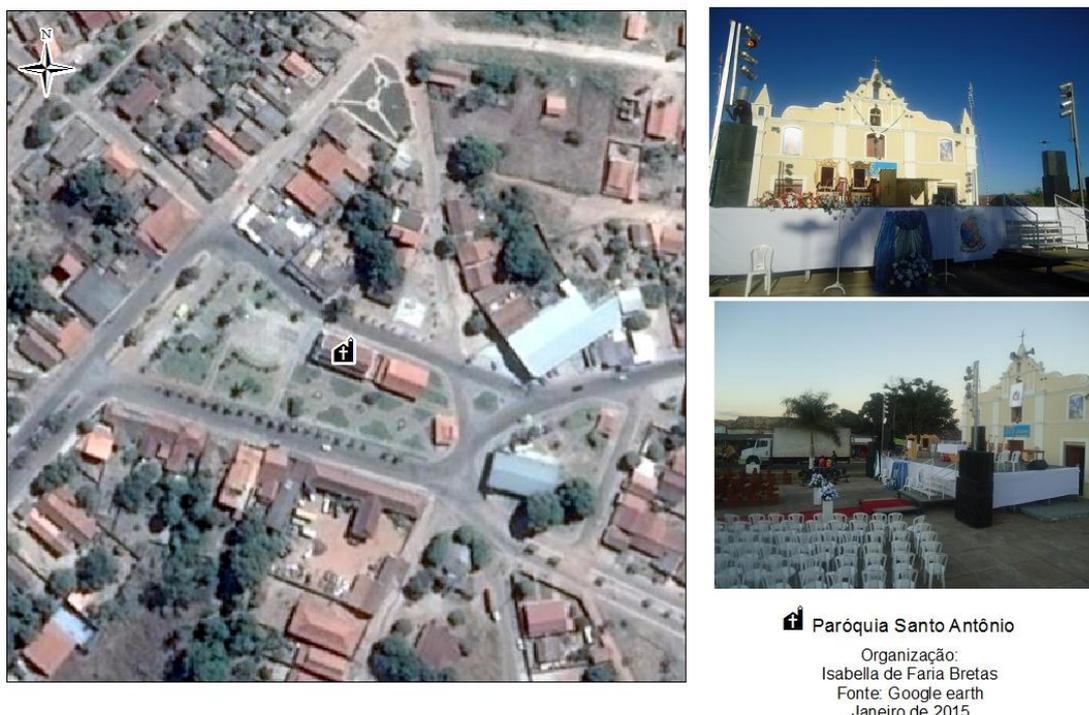


Figura 38: Imagem de satélite da Praça da Paróquia Santo Antônio (Organização: Isabella de Faria Bretas. Janeiro, 2015)

Como já relatado, os municípios do Norte/Nordeste do Estado de Goiás possuem sua origem vinculada à exploração aurífera bem como ao período de escravidão. Em Monte Alegre de Goiás não foi diferente.

De acordo com o histórico cedido pela Prefeitura Municipal e também presente no site do IBGE (2014), o trabalho nas minas para a procura de metais preciosos teve início em 1736 na região onde, atualmente, é o município. Desde então o desenvolvimento foi acontecendo devido aos interesse de milhares de garimpeiros que visavam o enriquecimento. Com a chegada de escravos e bandeirantes alguns hábitos culturais propagaram-se e, tradições religiosas e de fé foram disseminadas por causa do cristianismo vigente naquele período. De acordo com relatos dos entrevistados atuais, cruzando com informações de documentos fornecidos pela Prefeitura, pela Secretaria Municipal de Turismo (SAMATUR) e por moradores locais, a Caçada da Rainha foi introduzida pelos exploradores e com o tempo os escravos, libertos em 1888, começaram a participar também.

Monte Alegre de Goiás, que já foi chamado de Arraial do Morro do Chapéu e Arraial de Santo Antônio do Morro do Chapéu, teve sua fundação oficializada em 1769 e a manifestação mais conhecida como “Reinado de Nossa Senhora do

Rosário” acontece há mais de 270 anos, ou seja, antes mesmo da emancipação política do município. Desde então, anualmente são escolhidos um rei e uma rainha que promovem o seu “reinado” durante um ano até a data da festa, em julho, quando são escolhidos novos festeiros.

A origem da festa, presente nos documentos oficiais, remete ao início do século XVIII quando surgiu na França práticas hereges dirigidas por dois senhores feudais na comuna de Albi e cujo desejo era impor suas ideias por meio da violência e do uso de armas. Os albigeneses queimavam as igrejas, profanavam as imagens dos santos e perseguiram os católicos espalhando um sentimento de terror no sul da França.

O cônego Domingos de Gusmão foi indicado pelo Papa Inocêncio III para combater a heresia mas estava encontrando dificuldades até que, em um certo dia enquanto rezava, a Virgem Maria apareceu e ensinou-lhe um método de oração que daria resultados positivos. Essa devoção foi denominada como Rosário e consiste, ainda nos dias de hoje, em rezar quinze vezes um Pai-Nosso seguido de dez Ave-Marias em honra e glória à Virgem Maria, de acordo com entrevista com o pároco L.M. da Igreja Matriz de Monte Alegre de Goiás (entrevistado em julho de 2013 em Monte Alegre de Goiás). Em pouco tempo, a prática levou de volta à Igreja inúmeros pecadores e então surgiu a Ordem Dominicana, em 7 de outubro de 1751, com a intenção de propagar a devoção a Nossa Senhora do Rosário.

Ainda de acordo com o histórico cedido pela Prefeitura, no Brasil, a devoção ao Santo Rosário foi trazida pelos missionários e logo se espalhou principalmente entre os negros escravizados que eram proibidos de cultuar as suas divindades. Estes escolheram três patronos da Igreja Católica para prestarem devoção, a Nossa Senhora do Rosário, o São Benedito e a Santa Ifigênia, sendo estes dois últimos de origem africana. Já a escolha pela Nossa Senhora do Rosário se deu porque, segundo o histórico, a santa era padroeira dos negros de procedência banto, principalmente os de Angola e Congo.

A Caçada da Rainha em Monte Alegre destaca-se por ser uma festa luxuosa, avaliada no projeto apresentado a Goiás Turismo em torno de 45 mil reais. O luxo está nos trajes ornamentados tanto dos reis quanto dos demais personagens como os guardas reais que vestem uniformes requintados. No custo dos festeiros, rei e rainha, estão incluídos os trajes reais, dos cavaleiros, dos congos, dos guardas e das dançarinas da Sussa além de comida e bebida para os que presenciam a festa. Existem, também, os gastos com os cartazes ilustrativos para a divulgação, a ornamentação da praça e da

Igreja e os figurinos dos Sete Dons do Espírito Santo que são vestidos por moradores partícipes (Figuras 39 e 40)



Figura 39: Figurinos com os sete dons do Espírito Santo (Autoria: Isabella de Faria Bretas. Julho, 2013)



Figura 40: Figurinos com os sete dons do Espírito Santo (Autoria: Isabella de Faria Bretas. Julho, 2014)

Os Kalunga, em Monte Alegre de Goiás, são essenciais para a ocorrência da manifestação, eles dançam a “Sussa” enquanto a rainha é levada para a Igreja e a Congada, quando os congos vão buscar a rainha na casa na qual ela estava “escondida”. Enquanto as mulheres se apresentam, algumas com garrafas sobre a cabeça, outros partícipes tocam os chamados “tambores-de-rabo”, que consistem em instrumentos feitos de um tronco oco com uma das extremidades bloqueada por um pedaço de couro e uma corda de fibras que passa no interior do tronco. Dizem que é tipicamente africano e também é conhecido como “onça” por emitir um som muito semelhante ao desse animal.



Figura 41: Instrumento conhecido por “onça” (Autoria: José Nilo. Fevereiro, 2009)



Figura 42: Partícipes da festa tocando a “onça”, em Monte Alegre de Goiás (Autoria: Ricardo Pinto Filho. Julho, 2014)

As músicas entoadas por estes grupo de Kalungasão folclóricas e fazem alusão às origens da fundação de Monte Alegre baseada no fluxo de ouro. O rei e a rainha também são citados em alguns momentos com o uso da palavra “ouro” mudando para um sentido metafórico: “a rainha mais o rei é ouro só, é ouro só, é ouro só”.

No município a festa da Nossa Senhora do Rosário e a festa do Divino Espírito Santo são duas manifestações distintas mas que ocorrem simultaneamente e ambas fazem parte do que os moradores chamam de Caçada da Rainha. Desta maneira, a origem da festa do Divino é diferente daquela já citada anteriormente. De acordo com o histórico fornecido pela Prefeitura Municipal e pela Secretaria de Turismo, a festa que ocorre em Monte Alegre de Goiás foi criada por D. Izabel, Rainha de Portugal, que posteriormente ficou conhecida como “A Santa Católica” no início do século XIV, na cidade de Alenquer. O objetivo era angariar fundos para a construção de uma Igreja em homenagem ao Divino Espírito Santo.

Conta a história que as moedas de ouro carregadas por Santa Izabel, para serem oferecidas aos necessitados e para doação na construção da Igreja, transformaram-se em rosas vermelhas quando a rainha foi surpreendida pelo marido, D. Diniz, que não aprovava a generosidade da esposa. Ela era religiosa e devota do Divino Espírito Santo, dedicava-se à oração e à caridade e tinha por hábito reunir os pobres das localidades vizinhas para lavar-lhes os pés, vesti-los e alimentá-los.

A devoção e a tradição desta festa também foram, possivelmente, trazidas para o Brasil pelos colonizadores e os festejos acontecem paralelamente à festa de Nossa Senhora do Rosário. O rei e a rainha anteriores são substituídos pelas figuras de uma imperatriz e um imperador (Figuras 43 e 44) que possuem basicamente a mesma função dos outros dois, arcar com os custos da festa e desfilar seus personagens, em momentos específicos, pelas ruas da cidade.



Figura 43: Imperador e Imperatriz na Festa do Divino Espírito Santo, em 2004 (Fonte: Arquivo da Prefeitura de Monte Alegre de Goiás)



Figura 44: Imperatriz e Imperador em 2014 (Autoria: Isabella de Faria Bretas. Julho, 2014)

As duas festas em Monte Alegre de Goiás possuem como característica principal e que, constitui parte da identidade do lugar e dos sujeitos, o luxo, fato criticado por muitos entrevistados mas que não deixa de estar presente anualmente nas manifestações. O objetivo parece ser “superar” os festeiros do ano passado, em uma

espécie de disputa por quem faz uma festa mais bonita e conseqüentemente melhor. O resultado disto é a escassez de voluntários para serem os festeiros por causa do custo que é alto, em contrapartida, não cogita-se em nenhum momento a “não-realização” da festa. “Ela tem que acontecer, ela é parte de mim, ela é parte do município..” disse P.P. (entrevistado em julho de 2014 em Monte Alegre de Goiás) e antigo residente de Monte Alegre que volta, todos os anos, para presenciar a Caçada da Rainha e se hospeda na casa dos pais que ainda residem no local.

A história é lendária, em comparação com Colinas do Sul e Cavalcante. Também sua origem não é a mesma e acredita-se ser devido à proximidade do município com o Estado do Tocantins, onde também ocorre a Caçada da Rainha mas, cujo sentido é diverso das manifestações em Goiás. Algumas características também foram modificadas no decorrer do tempo como relata a rainha de 2014: “Antigamente tinha era café, biscoito, doce, feito por todo mundo. Não era tão caro. Não tinha, por exemplo, a carruagem bonita assim, era carroça mesmo, e era puxada por negros.. tinha uma mucama também, mas eu não quis isso na minha festa não. Pra quê, né? É muita humilhação eu acho pra pessoa ali, ficar servindo de mucama” (I.M. entrevistada em julho de 2014 em Monte Alegre de Goiás).

Abaixo as Figuras 45 e 46 mostram o rei do ano de 2014 com a carruagem mencionada na fala da rainha acima, e o rei e a rainha de 2006.



Figura 45: Rei na carruagem indo buscar a Rainha, em Monte Alegre de Goiás (Autoria: Isabella de Faria Bretas. Julho, 2014)



Figura 46: Rei, rainha e guarda real em Monte Alegre de Goiás em 2006 (Fonte: Arquivo da Prefeitura Municipal)

A festa possui suas contrariedades porque ao mesmo tempo em que é, insistentemente, rica, apesar de inúmeras opiniões contrárias ao luxo e que defendem a simplicidade das mais antigas, é caracterizada pela participação popular que pode ser vista nas doações e ajudas financeiras aos festeiros. Proprietários de fazendas e chácaras no município, doam animais para auxiliar no banquete promovido pelas figuras reais e outros oferecem quantias em dinheiro como uma espécie de “patrocínio” como foi chamado pelos reis entrevistados. Apesar de todo apoio, não impede que seja uma festa dispendiosa, o que provoca uma apreensão naqueles escolhidos ou sorteados para o próximo ano.

Concomitantemente ao Reinado da Nossa Senhora do Rosário e ao Império do Divino Espírito Santo ainda acontece o “Reinado da Cachaça” uma festa profana cuja origem provém das festas religiosas. Os festeiros são escolhidos entre aqueles que mais consumiram bebida alcoólica e o evento constitui-se em uma manifestação tradicional do município. Os relatos fazem referência a uma brincadeira de jovens que fizeram uma paródia dos reis da festa religiosa se dizendo reis da “cachaça”. Outros deram continuidade à comparação e, atualmente, o reinado atrai jovens turistas interessados em se divertirem à base de abadás e trio elétrico.

A dimensão da festa profana resultou em um acordo entre Igreja Católica, Poder Público e demais moradores partícipes do “Reinado da Cachaça”; o evento poderia acontecer caso não atrapalhasse os rituais religiosos da Caçada da Rainha que acontecem nas ruas da cidade e na praça da Igreja Matriz. As manifestações conseguem ocorrer simultaneamente sem interferir diretamente uma na outra mas a existência de uma festa profana provoca mudanças em toda a configuração espacial e estrutura do município. Elementos religiosos como os mastros levantados, que simbolizam a paz e a devoção, podem ser vistos ao lado de carros com sons ensurdecedores com jovens sem camisas e bebendo.

Nesse sentido, pode-se analisar os dois festejos como constituintes da identidade do município de Monte Alegre de Goiás. De um lado, membros da comunidade ligados à religião e aos ensinamentos cristãos, de outro, o oposto acontecendo simultaneamente, jovens que bebem, cantam e dançam durante toda a madrugada, constituindo uma “anarquia” no espaço urbano. As figuras 47 e 48 ilustram o evento profano.



Figura 47: Rei e Rainha no Reinado da Cachaça, em 2006 (Fonte: Arquivo da Prefeitura de Monte Alegre de Goiás)



Figura 48: Trio elétrico no Reinado da Cachaça, em 2009 (Fonte: Arquivo da Prefeitura de Monte Alegre de Goiás)

3.2. Os símbolos e a paisagem festiva

“Pois, conquanto estejamos habituados a situar a natureza e a percepção humana em dois campos distintos, na verdade elas são inseparáveis”.

(SCHAMA, 1996, p. 17)

A noção de espaço como aglomerador de comunidades e culturas distintas é significativa para compreender a construção do lugar como a dimensão do espaço com a qual os sujeitos estabelecem relações materiais de existência e construções simbólicas de identidades, de pertencimento e de memória.

Nesse sentido, a cultura e a paisagem estão intrinsecamente relacionadas, uma vez que os símbolos e identidades são elementos culturais de um povo ou sociedade e a paisagem, enquanto categoria geográfica da abordagem humanista. É uma “maneira de olhar” esses elementos representativos. Cosgrove (1998, p. 25), um dos estudiosos mais importantes na Geografia Inglesa, auxilia com suas ideias a respeito do tema abordado:

A paisagem sempre esteve intimamente ligada, na geografia humana, com a cultura, com a ideia de formas visíveis sobre a superfície da terra e com a sua composição. A paisagem, de fato, é uma “maneira de ver”, uma maneira de compor e harmonizar o mundo externo em uma “cena”, em uma unidade visual.

A paisagem, então, não é apenas a forma material de um ambiente natural ou transformado pela ação humana, ela é impregnada de valores atribuídos por parte do observador. Cada pessoa, pertencente ou não a uma paisagem a observa de um modo único, de acordo com seus próprios sentidos e significados, criando representações e formulações para elas. Toda ação humana está impregnada de significados, sendo simbólica.

Este conceito é o foco de importantes debates entre geógrafos. Cosgrove (1998), cujo pensamento é o norte desse tópico, critica vários deles. Segundo o autor, a ideia de paisagem vincula-se à ação prática, o que envolve apropriação e controle do espaço, incluindo símbolos e representações. Nesse sentido, levando tal abordagem para o lugar festivo, pode-se dizer que o cenário no qual é possível distinguir imagens,

cheiros, sons e sabores forma uma paisagem específica que, será observada, diferentemente, por cada sujeito que ali se encontra.

A Caçada da Rainha é produtora de diversas paisagens e, em todas elas, é possível notar uma harmonia entre a vida humana e os elementos inerentes da própria natureza. A festa, nessa perspectiva, não se caracteriza como espaço de disputa entre vários sujeitos sociais ou entre os grupos com o seus lugares festivos, em uma relação de controle e domínio. Ao contrário, sujeitos, natureza e espaço correlacionam, formando um ambiente no qual todos os elementos se interagem.

Holzer (1999B) acrescenta que a paisagem seria o resultado e cristalização do trabalho humano e das relações sociais, envolvendo um sentido cultural capaz de revelar traços do imaginário e das identidades impressas e constituintes destas. Dessa maneira, a capacidade imaginativa cumpre papel importante na criação e na interpretação da paisagem, produzindo mundos de significados distintos, de acordo com os códigos culturais de quem a está interpretando. De acordo com Lowenthal, “as paisagens são formadas pelas preferências paisagísticas. As pessoas vêem seu entorno através das lentes da preferência e do costume, e tendem a moldar o mundo a partir do que vêem” (1968, p. 156). Nesse sentido, mais uma vez comprova-se que a análise e a observação de uma paisagem é algo pessoal cujas referências estão nos signos culturais e na capacidade imaginativa.

A paisagem é, então, resultado dessa observação mediado pelas representações do imaginário, pleno de valores simbólicos. Ela apresenta-se assim de maneira dual, sendo ao mesmo tempo real e representação (CASTRO, 2002). Assim, para “conhecer as expressões impressas por uma cultura em suas paisagens e também compreendê-las, necessita-se de um conhecimento da ‘linguagem’ empregada: os símbolos e seus significados nessa cultura” (ALMEIDA; VARGAS; MENDES, 2011, p. 28).

A paisagem seria uma associação entre formas visíveis e as lentes por meio das quais se observa estas formas, o que remete a uma imensidão de possibilidades, promovendo desde a identificação até a fobia e negação a um lugar. Ao partir desse pressuposto, o significado da Caçada da Rainha torna-se ainda mais relevante por expressar formas, olhares e sentimentos de diferentes etnias, todas convivendo harmoniosamente em um mesmo espaço que, possivelmente se configura em lugar, por todos esses grupos. O sentimento e a emoção humana são a base para se pensar na paisagem cultural e no espaço da festa enquanto lugar, no qual existem laços e

afetividade. Cosgrove (1998A) deixa claro a diferenciação existente entre lugar e a paisagem que, ao contrário do primeiro, lembra o ser humano da sua posição na natureza. Aqui, não se pretende dizer o contrário mas admite-se que, do ponto de vista cultural, as duas categorias estão relacionadas, principalmente, quando se fala em espaço festivo e seus sujeitos sociais.

Ainda sobre os sentimentos envolvidos ao se analisar e descrever uma paisagem recorre-se à Geografia Emocional cuja visão:

acentua tonalidades, espaços e tempos. Investiga a escondida configuração de lugares e de paisagens, bem como experimenta a realidade valorizando a diversidade dos sentimentos e sentidos, modulados em relação a uma extraordinária polifonia deles. Compreende-se, assim, que estes animam a vida e dão formas e cores às emoções (ANDREOTTI, 2013, p. 99).

Assim, assume-se que o real é uma questão de ponto de vista não sendo possível interpretá-lo, bem como um espaço festivo e uma paisagem, por meio da racionalidade ou medidas matemáticas. Seus sentidos e significados estão relacionados aos sujeitos com todas as complexidades e contradições inerentes ao ser humano. Na observação e compreensão da paisagem da Caçada da Rainha buscou-se considerar os sentimentos dos sujeitos que a compõem. As cores, os movimentos e as formas fazem sentido se vinculados às emoções dos sujeitos partícipes.

Autores já consolidados como Cosgrove (1978), Tuan (1974,) e Lowenthal (1968), indagaram a respeito dos lugares vistos enquanto contextos de vida real, como uma experiência com todos os seus valores e significados. A paisagem auxilia ao fornecer subsídios para a análise de símbolos e representações que constituem o lugar. Nessa perspectiva, é aceitável a contribuição da Geografia Emocional ao dizer que “o centro das atenções tem sido focado nos vínculos emocionais, em medo para algumas áreas, amor e ódio para outras” (ANDREOTTI, 2013, p. 102). Ora, ao assumir que categorias geográficas podem ser analisadas por meio de contextos sociais, admite-se seu caráter subjetivo, no qual a interpretação será o elemento mais importante desta análise.

A festa pode ser considerada, portanto, um evento propício para análise de uma comunidade que se expressa e se “faz entender” por meio da configuração de sua paisagem. Por exemplo, os símbolos presentes durante a ocorrência da Caçada da Rainha nos três municípios, referem-se, principalmente, à religiosidade que é o fator dominante durante os momentos da festa. Observar os elementos que compõem o

festejo é identificar que eles pertencem a uma “paisagem festiva” que se constitui mediante a uma dimensão cultural. Claval (2004, p. 40), diz que os geógrafos:

[...] observam os marcos e sinais visíveis sobre o terreno: as igrejas nas pequenas cidades, as cruzeiros ao longo dos caminhos, os minaretes, os cemitérios de geometrias indecisas [...]. É viajando, familiarizando-se com as paisagens diferentes que os geógrafos se tornam sensíveis a esses marcos, cuja presença repetida é sinal de pertencimento, de reconhecimento, de confirmação de identidades.

Cada um desses elementos revela significados que os sujeitos atribuem aos lugares, e portanto, deve-se observar os marcos constituintes do espaço da festa, porque ele é rico em símbolos e gestos que promovem o surgimento de novos elementos paisagísticos.

Para Santos (1997), paisagem é tudo o que é possível ver, que a visão alcança, além do que se sente, se ouve, em suma, tudo o que é notável pela percepção de quem a está analisando. A percepção de cada um interfere diretamente na dimensão dessa paisagem, em como ela é compreendida, uma vez que cada sujeito é possuidor de códigos culturais próprios adquiridos na vida em sociedade ou por modelos educacionais. Como observou Capel (1973, p. 58), “a percepção que os homens fazem de seu meio pode ser mais importante que o meio em si”. Importante ressaltar que a percepção não limita-se ao sentido da visão e isso pressupõe considerar sua dimensão subjetiva. À Geografia cabe a busca da compreensão de cada paisagem, não só pela aparência visual, mas em desvendar os significados dos lugares e as relações neles e entre eles estabelecidas, como diz Berque:

De fato, o que está em causa não é somente a visão, mas todos os sentidos; não somente a percepção, mas todos os modos de relação do indivíduo com o mundo; enfim, não é somente o indivíduo, mas tudo aquilo pelo qual a sociedade o condiciona e o supera, isto é, ela situa os indivíduos no seio de uma cultura, dando com isso um sentido à sua relação com o mundo (sentido que, naturalmente, nunca é exatamente o mesmo para cada indivíduo) (BERQUE, 2004, p. 87).

Apenas perceber e registrar elementos paisagísticos não é suficiente no que se refere a uma visão mais crítica e a uma abordagem cultural da Geografia. É necessário apreender seus significados, o motivo pelos quais se encontram inseridos em determinados momentos na festa e para isso, deve-se “entrar no mundo do outro”, como aponta Cosgrove (1978, p. 103):

Revelar os significados na paisagem cultural exige a habilidade imaginativa de entrar no mundo dos outros de maneira auto-consciente e, então, representar essa paisagem num nível no qual seus significados possam ser expostos e refletidos (...) Fazer isso exige que entremos na consciência cultural dos outros.

Por meio da análise dos procedimentos metodológicos referidos, compreendeu-se a paisagem da Caçada da Rainha utilizando a percepção; e a sensibilidade foi também uma das principais contribuintes. Ao considerar o dito por Andreotti (2013), valorizou-se a diversidade dos sentimentos e sentidos dos sujeitos no decorrer da festa. Para tanto, foi necessário “entrar na consciência cultural dos outros” e, nesse sentido, Cogrove (1978) auxiliou ao referir-se à habilidade imaginativa presente em uma atividade como esta. Ao observar os marcos ditos por Claval (2004) que podem confirmar e/ou representar identidades, todos os sentidos foram utilizados, não somente o visual, como indica Berque (2004) para apreender as simbologias presente na Caçada da Rainha.

3.2.1. Os rituais, os gestos, os sons, os cheiros

Em momentos assim, num barco ou numa praia, pela janela de um trem ou de uma casa em um bairro qualquer, a paisagem está sempre atraindo nossa atenção. E o que vemos ou percebemos estimula nossa imaginação e desenvolve nossa capacidade de observação. Aquilo que os olhos vêem junte-se os estímulos sonoros provenientes de uma circunstância qualquer e já não somos alvo apenas do que vemos, mas também do que ouvimos.

(Nunes, 2002, p. 216)

A afetividade dos partícipes com a festa e com o espaço caracteriza a paisagem, portanto, observá-la significa comprovar os valores dos símbolos, dos cânticos, das danças, dos odores. Para Almeida (2003, p. 86), a paisagem é uma “complexidade multiforme de realidades, de valores, de gestos e de vividos coexistentes”. Nesse sentido não centrou-se, este estudo, na observação somente da paisagem visual da Caçada da Rainha.

O ritual das folias em Colinas do Sul possui símbolos peculiares como as bandeiras, uma contendo a imagem da Nossa Senhora do Rosário e a outra com o

Divino Espírito Santo desenhada (Figura 49). Além disso, os arcos colocados com frutos e biscoitos na entrada das casas por onde o grupo de foliões passa e na porta da Igreja na qual acontece o encerramento também fazem parte da ornamentação desse momento da festa. Esses símbolos representam os santos homenageados, o valor que conferem à terra (limões e laranjas pendurados nos arcos em referência à terra) e a fartura concedida pelos santos de devoção que abençoam as propriedades para que elas ofereçam o sustento da família. As folias são, portanto, rituais que, além de representarem a religiosidade expressam pensamentos e valores da comunidade.



Figura 49: Alferes das duas bandeiras: a branca é da Nossa Senhora Rosário e a vermelha é do Divino Espírito Santo (Autoria: Isabella de Faria Bretas. Julho, 2014)

Conforme Moreira (2013) a folia tem função de convívio social devido à religiosidade além de envolver a diversão e o encontro com amigos. Em Colinas do Sul, são dois grupos que se separam para conseguirem passar em todas as famílias que solicitam a visita “dos santos” que eles representam. Ao final da trajetória, se unem formando um só grupo na entrada da Igreja Católica, onde agradecem o sucesso da empreitada de, aproximadamente, 10 dias no campo e continuam homenageando os santos referidos. A comunidade se reconhece como católica, uma vez que a maioria de seus integrantes pertence a esta religião mas mesmo aqueles que não são, durante a festa da Caçada da Rainha, observam os rituais que terão como desfecho, uma missa solene celebrada pelo padre na Igreja Matriz.

A principal característica da folia é a fartura de alimentos observada nos pousos dos foliões que, enquanto aguardam o momento da janta, cantam, dançam e bebem celebrando mais um dia de homenagem aos santos. São eventos que contam com a contribuição de todos os moradores para os preparativos, seja cozinhando, ou organizando mesas e cadeiras, tendo em vista que o grupo de folia é composto por cerca de 20 pessoas.

Os rituais são executados no coletivo como uma ação social que contribui para a sociabilidade do grupo. Para Cox (1974, p. 75), é no ritual que “os homens encenam os sonhos e esperanças. O ritual humaniza o espaço, como o rito humaniza o tempo. O ritual é a fantasia social. É bem similar à celebração e, de certo modo, nem se distingue dela”. Como já explanado, os rituais da Caçada da Rainha tem caráter religioso, nos quais os fiéis homenageiam os santos, pagam votos e promessas que, geralmente referem-se aos desejos, esperanças e sonhos. O próprio fato de ser rei ou rainha pode ser resultado de uma promessa feita no ano anterior.

Como diz Durkheim em sua obra “As formas elementares da vida religiosa” (1996), o rito serve para manter a vitalidade das crenças, para impedir que se apaguem da memória. Nas palavras do autor, é por meio dos ritos que “o grupo reanima periodicamente o sentimento que tem de si mesmo e de sua unidade, ao mesmo tempo, os indivíduos são reafirmados na natureza de seres sociais” (1996, p. 448). Tendo em vista essa afirmação, os rituais na Caçada da Rainha, são marcas que expressam um povo e/ou um grupo específico e também a junção de todos eles em um só grupo que compõe a festa como um todo. Por exemplo, os foliões vistos isoladamente possuem características próprias mas ao adentrarem no universo da Caçada da Rainha transformam-se em personagens do grande teatro que é a festa.

Os rituais, assim como as crenças, nos três municípios constituem a tradição e também a religiosidade dos moradores. O sistema de idéias e valores expressos nesses rituais, ritos, símbolos e gestos têm um tempo histórico que os legitimam enquanto tradição e que são transmitidos por meio da oralidade dos mais velhos aos mais jovens. Eles refletem a crença e a religiosidade (Figura 50) e, aqui, não se fala somente da folia em Colinas do Sul mas também dos guardas reais, dançarinas da “Sussa” e congos. Todos são grupos cuja característica é o conhecimento familiar transmitido e seguido por alguns jovens, dando continuidade à organização tradicional da Caçada da Rainha. Eles estão inseridos na paisagem festiva, caracterizando-a. A paisagem reflete os gostos, as aspirações, os sentimentos desses sujeitos festivos e,

nesse sentido, constitui-se como essencial para compreender os significados daqueles momentos ritualísticos para os partícipes.



Figura 50: Devota ajoelhada diante das bandeiras das divindades católicas (Autoria: Isabella de Faria Bretas. Julho, 2014)

É possível perceber a festa como fenômeno social inserido no espaço por meio dos seus rituais e práticas mas os elementos invisíveis importam para estabelecer relações desencadeadas nesse evento. D'Abadia (2010) diz que a festa promove uma aproximação psicológica dos seus participantes, gerando um acumular de emoções; experiências espirituais, culturais, conflituais, tempos e ligações identitárias. É importante ressaltar que os congos e dançarinas da “Sussa” não assim se definem por participarem da Caçada da Rainha como tal. O significado de estarem inseridos nesses grupos remete-se a história não só familiar mas de um povo cujas origens são comuns e possuem caráter de resistência. Em Cavalcante e Monte Alegre de Goiás eles são essenciais, sem os quais a festa não acontece e são todos Kalunga, que expressam sua identidade no modo de vestir, dançar e agir e constituem elementos da paisagem festiva durante a ocorrência da Caçada da Rainha. A seguir, na Figura 51, um grupo de congos se apresenta. As características naturais e culturais associadas à paisagem são (re)afirmações dos elementos identitários.



Figura 51: Congos e dançarinas da “Sussa” em Monte Alegre de Goiás, em 2003 (Fonte: Arquivo da Prefeitura Municipal de Monte Alegre de Goiás)

O ritual também é o momento dos foliões e festeiros, se transformarem em outra figura social diferente daquela apresentada no cotidiano, na rotina. Eles adquirem importância e destaque ao interpretarem personagens cuja presença é imprescindível na festa e são reconhecidos pelos demais da comunidade por isso. Mesmo em períodos não festivos, ao adentrar à comunidade muitos disseram: “você tem que falar com o guarda Rodrigo”, “procura a rainha e o rei do ano passado”, “a Gilda, dançarina da ‘Sussa’ vai te mostrar as bandeiras”. Diante disso, foi possível comprovar o caráter quase permanente que esses personagens adquirem em meio à comunidade e isto é motivo de orgulho por parte daqueles que assim são vistos.

Os ritos acontecem na coletividade e podem não estar associados à religiosidade mas isto, no festejo estudado, consiste na interpretação de cada sujeito e partícipe. Por exemplo, a rainha para uns representa a princesa Isabel cujo simbolismo nada tem que se ligue ao religioso mas para outros ela representa a Nossa Senhora do Rosário. Não é coincidência que os entrevistados em Monte Alegre de Goiás diziam pedir à santa para serem sorteados como reis e rainhas e, dessa forma, poderem homenageá-la. Também não é por acaso que a festa, nesse município, é caracterizada pelo luxo dos ornamentos, roupas e uniformes, todo esse ambiente é para homenagear a Nossa Senhora, portanto, deve-se oferecer tudo aquilo que se tem condição, principalmente no que se refere ao gasto financeiro.

Os símbolos, anteriormente mencionados, são utilizados para a composição dos ritos, como o ato de beijar a bandeira, a passagem pelo arco, as danças antes e depois do jantar e as orações. Estes são exemplos dos ritos que fazem parte da Folia e constituem uma paisagem específica. A bandeira é o símbolo mais emblemático dessas festas por conterem a imagem dos santos de devoção e significarem o cumprimento de promessas e bênçãos à família que a recebe. Para Moreira (2013) a bandeira é a guia, que durante toda a viagem esteve à frente do grupo e a respeito de quem há crenças de imensos poderes de proteções. A bandeira, na Caçada da Rainha, está presente em diversos momentos dos três municípios, nas folias em Colinas do Sul, nas procissões até a Igreja, nos levantamentos dos mastros e na dança dos congos. Simbolicamente ela representa a presença do sagrado que deve abençoar todos os momentos da manifestação e, beijá-la, como muitos o fazem significa assumir a crença e devoção aos santos. Na Figura 52 um devoto fazendo suas orações diante das bandeiras e símbolos religiosos em Colinas do Sul.



Figura 52: Devoto na Folia em Colinas do Sul (Autoria: Isabella de Faria Bretas. Julho, 2014)

Como dito umdos rito que compõe a representação simbólica do ritual da festa é a passagem pelo arco na entrada das casas e na entrada da Igreja, esta última no momento em que ocorre o encontro dos dois grupos para o arremate (Figuras 53 e 54). Este, portanto, não é mais um elemento que serve de ornamento como muitos visitantes supõem, ele expressa toda a crença comunitária. Os cânticos entoados nesse momento também dizem muito a respeito do grupo, de como consideram a terra um elemento também sagrado.



Figura 53: Foliões prestes a passarem pelo arco (Autoria: Isabella de Faria Bretas. Julho, 2014)



Figura 54: Foliões passando pelo arco (Autoria: Isabella de Faria Bretas. Julho, 2014)

O som constitui parte da paisagem festiva porque a todo o momento eles entoam novas canções, com músicos e vocalistas que se revezam entre si, além de dançarem batendo os pés e as mãos constantemente. É imprescindível que eles batam o pé forte no chão e as palmas sejam altas, dando a impressão de serem enérgicos.

O mesmo não acontece em Monte Alegre de Goiás onde há uma mistura de cânticos católicos dos fiéis da Igreja, com as músicas entoadas pelas dançarinas da “Sussa” e dos congos, caracterizando uma espécie de desordem sonora. De acordo com Moreira (2013, p. 17), “o som é onda, os corpos vibram, e essas vibrações transmitem-se sob formas de propagações ondulatórias, capazes de serem captadas pelos nossos ouvidos, e interpretadas pelo cérebro, o que lhes dá configurações e sentidos”. Nessa perspectiva, os sons presentes no espaço configuram um significado a este e, por meio deles, é possível interpretar as relações que caracterizam a comunidade.

Com a aproximação dos dançarinos, tanto da “Sussa” quanto do congo à Igreja, em Monte Alegre de Goiás, há uma sobreposição dos cânticos católicos que se utilizam de microfones e caixas de som aos outros entoados pelos Kalunga. Eles continuam cantando e dançando enquanto integrantes da comunidade e visitantes fazem um círculo em volta para assistirem ao desempenho singular desses sujeitos. Muitos reclamam que quase não é possível ouvir as cantorias dos dançarinos por causa do som emitido pela Igreja, fato que caracteriza uma suposta relação de poder na qual o elemento que deve prevalecer é o ritual católico em detrimento dos outros que, mesmo que aconteçam não podem ser tão notórios. Desse modo, as ondas sonoras presentes no espaço agem e caracterizam os homens e os seus lugares.

Vale ressaltar que, todo o ritual de danças e cânticos dos Kalunga é marcado por risadas, palmas e movimento, dando a ideia de uma brincadeira entre eles e marcando a diversão. No lugar da festa, esses movimentos são parte da paisagem cultural, com novos ritmos, novos gestos e novas cores. Essa etapa é necessária porque é o momento em que os Kalunga representam os negros escravizados e suas manifestações diante da rotina sofrida. Eles são tão necessários quanto o rei e a rainha nessa festa porque uma figura não existe sem a outra, os sentidos e significados desses personagens se complementam.

Esses costumes que caracterizam os cânticos e a maneira de dançar, são passados aos jovens por meio da oralidade, assim como acontece na Folia, promovendo o caráter familiar do grupo. Moradores de Cavalcante e Monte Alegre de Goiás que não são Kalunga não participam como congos ou dançarinas da “Sussa”. Assim como os

Kalunga não concorrem para serem reis e rainhas. A festa delimita bem o lugar de cada grupo e as pessoas que podem estar inseridas ou não para representarem personagens específicos. Na Figura 55 é possível ver as dançarinas da “Sussa” e o círculo de pessoas ao redor assistindo a apresentação.



Figura 55: Dançarinas da Súcia em Monte Alegre de Goiás em 2002 (Fonte: Arquivo da Prefeitura de Monte Alegre de Goiás)

Tempos atrás, os entrevistados não souberam precisar o período, mas concordaram com a exatidão dos fatos, em Monte Alegre de Goiás, existia o chamado “toque de senzala”, uma espécie de som que anunciava a chegada dos dançarinos negros. Além disso, existia também a figura da escrava também conhecida por mucama, responsável por puxar a carroça dos reis até a Igreja cantando o que, atualmente, não acontece mais. A análise das sonoridades presentes no espaço e na paisagem festivos deve, portanto, considerar as transformações que ocorreram e ocorrem nos diferentes lugares da festa.

Outra mudança significativa nos três municípios é a presença de carros de som automotivo. Em Monte Alegre existe também um trio elétrico, elemento que não existia antigamente quando a região era predominantemente rural. Atualmente, a coexistência entre carros e cavalos é comum na Caçada da Rainha que faz uso de elementos do campo, como os guardas reais que montam os animais mas, atrai também elementos “de fora”, que representam os gostos dos jovens. Tal fato resultou em uma

transformação significativa na paisagem da festa que é rica em símbolos, detalhes, cores, ornamentos e que, agora, possui elementos do real, da nova geração. É o passado representado convivendo com a última tecnologia dos sons dos carros. Os momentos em que cada grupo pode se manifestar são pré-determinados para que possam conviver o mais harmoniosamente possível. Dessa forma, em um instante é possível escutar os dançarinos, os cânticos católicos e os trotes dos cavalos, logo depois, deve-se adaptar às músicas altíssimas que tocam dentro dos carros que passeiam pelo município. Estes últimos são sons externos à festa, porque não são diretamente ligados a ela e a nenhum ritual da Caçada da Rainha. Apesar disso, os partícipes convivem e se adaptam aos barulhos sonoros.

Ainda sobre os símbolos que caracterizam a Caçada da Rainha em Colinas do Sul e Cavalcante, as capas vestidas pelos reis e rainhas (Figura 56), geralmente, são as mesmas do ano anterior ou, se o festeiro desejar a mudança deve dar continuidade às cores que são próprias e possuem significados e inserir os símbolos e os dizeres que caracterizam a vestimenta. As capas são uma espécie de uniforme assim como as coroas que são repassadas anualmente para os próximos festeiros que devem guardá-las e cuidar para que possam continuar sendo utilizadas. Nos dois municípios em questão, esses símbolos representam a devoção e a fé dos partícipes além de caracterizar a Caçada da Rainha como uma festa religiosa. Atualmente, em Cavalcante, as capas são guardadas pela Igreja e há dois anos não são utilizadas porque a festa não ocorreu.



Figura 56: Rei e rainha com suas capas nas cores características, em Colinas do Sul (Autoria: Alan Cardeks. Julho, 2013).

Os personagens referidos vestem-se de maneira simples, com chapéus e botas e montam a cavalo no momento de serem escondidos na mata pelos cavaleiros. Os demais partícipes, também são uniformizados com roupas da mesma cor. De toda forma, os guardas montam a cavalo, possuem capas e chapéus e alguns ainda utilizam espadas para dar mais veracidade aos personagens que estão interpretando. Todas essas peculiaridades conferem à paisagem festiva a impressão de um verdadeiro teatro ao ar livre, com muitas cores, movimentos, danças e momentos específicos para cada grupo atuar. Na Figura 57 pode-se ver os reis e demais cavaleiros.



Figura 57: Rei, rainha e demais cavaleiros (Autoria: Isabella de Faria Bretas. Julho, 2014).

Em Monte Alegre de Goiás, apesar dos personagens serem os mesmos as diferenças são perceptíveis ao se analisar a configuração do espaço enquanto lugar, da paisagem e das identidades originadas por meio da festa. A praça da Igreja é ornamentada com requinte caracterizando o espaço e a paisagem como luxuosos, os grupos se apresentam de maneira ordenada com locais distintos para cada um. As apresentações deles compõem as paisagens e as identidades presentes na festa.

Para melhor sintetizar as ideias compartilhadas, segue em anexo um quadro comparativo (Quadro 5) entre os três municípios retratados:

	COLINAS DO SUL	CAVALCANTE	MONTE ALEGRE DE GOIÁS
CORES DA FESTA	AZUL, BRANCO E VERMELHO	AZUL E BRANCO	AZUL E BRANCO
LOCAL DA RAINHA	MATA (AO REDOR DA ZONA URBANA)	MATA (AO REDOR DA ZONA URBANA) OU CASA RESIDENCIAL	CASA RESIDENCIAL
SUSSA	BATUQUEIRAS	SIM	SIM
CONGADA	SIM	SIM	SIM
IGREJA	RESPONSÁVEL PELOS RITUAIS RELIGIOSOS	ORGANIZADORA DA FESTA	ORGANIZADORA DA FESTA
IDENTIDADE KALUNGA	NÃO EXISTEM COMUNIDADES KALUNGA.	SIM	SIM
ESPAÇO	PRAÇA DO CORETO (PRAÇA DA PREFEITURA)	PRAÇA DA IGREJA MATRIZ	PRAÇA DA IGREJA MATRIZ
PAISAGEM FESTIVA	ORNAMENTOS EM TODA A ZONA URBANA	ORNAMENTOS NA PRAÇA DA IGREJA MATRIZ	ORNAMENTOS NA PRAÇA DA IGREJA MATRIZ E EM DETERMINADAS CASAS RESIDENCIAIS

Quadro 5: Especificidades da Caçada da Rainha em Colinas do Sul, Cavalcante e Monte Alegre de Goiás (Elaboração e organização: Isabella de Faria Bretas. Janeiro, 2015)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As festas populares e, especificamente a Caçada da Rainha representam parte da herança colonizadora vivenciada no Brasil cujos vestígios nos rituais constituem particularidades do processo civilizatório. A escolha dos três locais para a realização de uma pesquisa comparativa, na busca por semelhanças e divergências, decorre dos fatos históricos diretamente associados ao processo de ocupação da região Centro-Oeste. Esses municípios, Colinas do Sul, Cavalcante e Monte Alegre de Goiás, antes de serem assim considerados, possuem uma origem em comum ligada aos bandeirantes, à exploração de minas e ao trabalho escravo que originaram os quilombos e os atuais Kalunga que habitam parte do Estado de Goiás.

As metodologias apontadas no início desta dissertação se mostraram essenciais para as interpretações posteriores porque permitiram uma análise baseada em aspectos levantados pelos próprios sujeitos. Dessa forma, aceita-se que esta pesquisa foi possibilitada por meio da parceria com esses que são co-autores das análises aqui expostas, e as palavras são insuficientes para expressar o auxílio fornecido por eles.

Nas considerações iniciais foram traçadas algumas indagações e os conceitos basilares pelos quais pretendia-se responder: a Caçada da Rainha é responsável por originar quais identidades ao lugar e aos participantes? Especialmente como se dão as manifestações das diferentes identidades?

Uma conclusão apontada é que a festa atua na produção de identidades das comunidades, dos sujeitos festivos e dos lugares, como foi evidenciado no capítulo 1 e, sobretudo, no capítulo 2. Assim foi possível compreender a festa como fornecedora de uma determinada visão de mundo sobre o espaço habitado da mesma maneira que o espaço confere à Caçada da Rainha um sentido de ser. Essa inter-relação é essencial para a formação de identidades das comunidades de Colinas do Sul, Cavalcante e Monte Alegre de Goiás.

Para pensar e falar em identidade em relação ao objeto de estudo foi necessário perscrutar uma variável rede de teorias, entre as quais até aquelas que não permitem o uso do termo para designar características com receio de rótulos e etiquetas. Necessário todo esse caminho percorrido para compreender que a ideia ao se estudar identidades dos sujeitos e dos lugares é realizar uma espécie de “leitura da sociedade” a partir da festa, e de interrogações: Como a festa é responsável por fornecer identidades

aos espaços festivos? A Caçada da Rainha foi criada por qual motivo? E em qual contexto? O que ela significou e significa para os grupos partícipes? E desses se pode falar tanto dos moradores do espaço urbano quanto dos Kalunga, alojados no espaço rural. Como a festa une esses grupos diversos por meio de um sentido comum? As respostas a estas indagações, no decorrer da pesquisa, foram indicando caminhos e conhecimentos que foram subsidiados pela Geografia por meio da análise de suas categorias.

As identidades possuem, como o decorrer dos estudos mostrou, relação com o processo de ocupação dos municípios e com as comunidades Kalunga que são fundamentais para a ocorrência da festa. Além disso, as identidades que fazem parte da Caçada da Rainha lhe configura uma característica singular no que se refere às festas religiosas no Estado de Goiás.

Lugar e identidade foram os conceitos norteadores desta pesquisa, utilizados para compreender um espaço e uma manifestação que são vividos de forma subjetiva e simbólica. Para lidar com essas características que atravessam a Caçada da Rainha foi necessário compreender as percepções e perspectivas dos sujeitos festivos e isso só é possível ao vivenciar a festa e o cotidiano deles.

Nesse sentido, a paisagem festiva contribuiu para a compreensão da identidade dos sujeitos e do espaço festivo transformado em lugar devido às emoções e sentimentos atribuídos a ele durante a manifestação. Além do aspecto mais abrangente de uma identidade proporcionada pela festa pôde-se apreender o valor do espaço para a população e como este contribui para a formação de identidades específicas. Para quem não vivencia o espaço festivo cotidianamente torna-se complexo compreender os elementos característicos do festejo que lhe atribuem valor, como os variados símbolos religiosos e rituais ligados à história dos municípios ou dos povos que nele habitam. Até mesmo o “não-acontecimento” da Caçada da Rainha como é o caso de Cavalcante implica em características da identidade da comunidade e dos sujeitos.

Apesar da tentativa de se falar em identidade referindo-se a um grupo, entende-se que há categorias de sujeitos muito diferenciadas que tornam os sentidos da festa, do espaço e da identidade multifacetados dentro da perspectiva da Geografia Cultural. Aliás, na visão dos de-coloniais não é possível falar em identidade para designar características de um sujeito porque elas são constantemente mutáveis, estando em um processo de construção contínuo. Ainda assim, nessa discussão, acreditou-se elencar formas de comportamentos e características comuns promovidas pela ocasião da

feira para compreender as relações sociais, as estruturas e a organização de uma sociedade inserida em um espaço festivo cujo valor eleva sua categoria para lugar.

Buscou-se esclarecer como a Caçada da Rainha é importante para a cultura local dos três municípios, Colinas do Sul, Cavalcante e Monte Alegre de Goiás, e como contribui significativamente para a construção de um lugar, de relações entre grupos variados e de identidades distintas. Tornou-se evidente que nela se consolida a convivência dos residentes do espaço urbano que se apropriam e modificam este espaço com os elementos naturais do cerrado, resultando em uma convivência harmoniosa.

A festa, portanto, enquanto dimensão cultural, participa plenamente do processo de construção simbólica de lugares e define formas organizativas e símbolos representativos da crença e dos costumes da comunidade. É o seu caráter simbólico juntamente com a existência de sentimentos de pertença e familiaridade, de segurança e de afeição, além da religiosidade presente nos rituais de devoção, que caracterizam a transmutação do espaço festivo em lugar dotado de valores e emoções.

Algumas considerações relevantes podem ser apontadas na pesquisa de maneira geral como, por exemplo, a necessidade de situar a manifestação Caçada da Rainha em seu contexto histórico, espacial e temporal, uma vez que está intimamente ligada ao processo de formação e ocupação da região do Norte/Nordeste Goiano. Estas festas não ocorrem, como muitas outras de caráter religioso em vários outros locais, pelo contrário, acredita-se que seu surgimento e ocorrência estejam diretamente vinculados à presença das comunidades Kalunga. Nesse sentido, entende-se que as relações entre os Kalunga e os residentes do espaço urbano estão mais próximas em decorrência da festa. Essa convivência entre moradores do espaço urbano e moradores do espaço rural, lega uma identidade própria às três festas da Caçada da Rainha.

Os rituais inseridos na festa têm sua essência vinculada ao lugar onde ocorrem por ser este palco da convivência harmoniosa entre diversos sujeitos. Eles têm também capacidade de produzir símbolos nos quais o uso social se prolonga além de seu acontecimento, como é o caso das bandeiras e mastros que homenageiam entidades religiosas, proporcionando sentidos de enraizamento e de pertencimento nos moradores que são continuamente devotos independente do período festivo.

“O espaço geográfico, apropriado simbolicamente, constitui parte fundamental dos processos de identificação social” (LIMA, 1998, p. 165), por meio deste pensamento resumido na frase da autora entende-se o espaço festivo como essencial para a compreensão das identidades dos sujeitos dos municípios estudados.

Foi esse espaço, incluindo aquele habitado pelos Kalunga, juntamente com sua carga histórica de formação e as heranças culturais, que forneceu os contextos necessários para a existência da Caçada da Rainha e a sua manutenção ao longo dos anos.

Hall (2006) uma vez mais auxilia dizendo que a identidade está situada em um espaço e em um tempo simbólicos, historicamente produzidos e, por meio da festa é possível a compreensão dessas produções.

A paisagem foi outro conceito norteador, principalmente do capítulo 3, ao identificar símbolos, sons e cheiros e analisar representações identitárias do grupo e dos sujeitos. Na abordagem realizada, a paisagem contém aquilo que é inerente à Geografia Cultural: a afetividade na relação homem-meio, com suas percepções humanas, em uma convivência harmoniosa. A paisagem é, portanto, particular de cada um, ela existe no interior de cada observador, visto que o homem habita um espaço vivido “com todas as parcialidades da imaginação” (BACHELARD, 1989, p. 19). As ideias de Cosgrove (1978), Andreotti (2013), Claval (2004) e Berque (2004) foram o grande referencial ao se analisar as paisagens nessa perspectiva e é por ela que se propôs compreender a festa e as relações existentes dos sujeitos entre eles e com seus lugares, ao vivenciar como se constituem os símbolos, sons e cheiros que caracterizam a Caçada da Rainha.

Conclui-se que o objetivo da pesquisa, de investigar a atuação da Caçada da Rainha na produção de lugares e na construção de identidades espaciais e dos sujeitos, foi percorrido e obteve êxito. Reafirma-se a importância da transdisciplinaridade para a pesquisa geográfica e entende-se que os resultados encontrados fundamentam-se em interpretações que, como tais, podem ser empreendidas com diferentes perspectivas de análise.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBERT, S.; WHETTEN, D.A. Organization Identity. In L.L. Cummings and M.M. Staw (eds.), **Research in Organizational Behavior**. Greenwich, CT: JAI Press, vol. 7, p. 263 – 295, 1985.

ALMEIDA, Alfredo W. B. de. Quilombos: sematologia face a novas identidades. In: CMDDDH/CCN. **Frechal, terra de preto, quilombo reconhecido como reserva extrativista**. São Luís: SMDDH, Centro de Cultura Negra do Maranhão – Projeto Vida de Negro, 1996, p. 11-19.

ALMEIDA, Maria Geralda de. Geografia Cultural e Geógrafos Culturalistas: uma leitura francesa. **GEOSUL**. v. 14, p. 35-47, 1993.

_____. Turismo e os novos territórios no litoral cearense. In: RODRIGUES, Adyr B. **Turismo e geografia: reflexões teóricas e enfoques regionais**. São Paulo: Hucitec, 1996.

_____. Cultura - invenção e construção do objeto turístico. **Espaço Aberto 3: Turismo e formação profissional**. Fortaleza: AGB/FUNCAP. 1998. p. 17-33.

_____. Cultura ecológica e biodiversidade. **Revista Mercator**, v. 2, n. 3, 2003. p. 71 – 82.

_____. Fronteiras, Territórios e Territorialidades. **Revista Anpege**, nº 2, 2005A. p. 103-114

_____. A captura do Cerrado e a precarização de territórios: um olhar sobre sujeitos excluídos. In: **Tantos Cerrados: múltiplas abordagens sobre a biogeodiversidade e singularidade sociocultural**. Goiânia: Ed. Vieira, 2005B. p. 321 – 47.

_____. Aportes teóricos e os percursos epistemológicos da Geografia Cultural. In: **Revista Geonordeste**. São Cristóvão: Edição Especial, ano 19, nº 1, 2008A, p. 33-54.

_____. Diversidades paisagísticas e identidades territoriais e culturais do Brasil sertanejo. In: _____; CHAVEIRO Eguimar Felício; BRAGA, Helaine Costa (orgs.). **Geografia e Cultura: os lugares da vida e a vida dos lugares**. Goiânia: Vieira, 2008B. p. 47 - 74.

_____. Dilemas territoriais e identitários em sítios patrimonializados: os Kalunga de Goiás. In: PELÁ, Márcia; CASTILHO, Denis. (orgs.) **Cerrados: perspectivas e olhares**. Goiânia: Ed. Vieira, 2010.

_____; PEREIRA, Deborah Duprat de B. **As Populações Remanescentes de Quilombos – Direitos do Passado ou Garantia para o Futuro?** Seminário Internacional As minorias e o Direito. 2010.

_____ ; VARGAS, M. A. M.; MENDES, G. F. Territórios, Paisagens e Representações: um diálogo em construção. In **Mercator**. Fortaleza, vol. 10, nº 22, p. 23 – 35, mai / ago, 2011.

_____. Sentidos das festas no território patrimonial e turístico. In: COSTA, E. B.; BRUSADIN, L. B.; PIRES, M. C. **Valor patrimonial e turismo: limiar entre história, território e poder**. São Paulo: Outras Expressões, 2012, p. 157-171.

_____. Reorientações produtivas na divisão familiar do trabalho: papel das mulheres do sertão de São Francisco (Sergipe) na produção do queijo de coalho. In: NEVEZ, DelmaPessanha; MEDEIROS, LeonildeServolo (orgs.). **Mulheres camponesas: trabalho produtivo e engajamentos políticos**. Niterói: Alternativa, 2013, p.129-146.

AMARAL, Rita de Cássia. **Festa à Brasileira: Sentidos do festejar no país que não é sério. Publicação eletrônica** (e.book). Disponível em www.aguaforte.com/antropologia/festaabrasileira/festa.html. Acessado em 10/01/2015.

ANDRADE, Aparecido Ribeiro. Reflexões sobre o pensamento geográfico e a busca de uma metodologia de trabalho na percepção da Geografia Ambiental. **Revista Eletrônica Geografar**, Curitiba, v. 4, n. 2, p. 29 – 46, jul. / dez. 2009.

ANDREOTTI, Giuliana. Geografia emocional e cultural, em comparação com a racionalista. In: HEIDRICH, Álvaro Luiz; COSTA, BenhurPinós da; PIRES, Cláudia Luisa Zeferino (orgs.). **Maneiras de ler Geografia e Cultura**. Porto Alegre: Imprensa Livre, 2013. p. 98-105.

ARROYO, Mônica. A trama de um pensamento complexo: espaço banal, lugar e cotidiano. In: CARLOS, Ana Fani Alessandri. (org.). **Ensaio de Geografia contemporânea: Milton Santos obra revisitada**. São Paulo: Hucitec, 1996. p. 55-62.

ARRUDA, José Jobson de Andrade. A circulação, as finanças e as flutuações econômicas. In: MARQUES, Joel Serrão Oliveira (org.). **História da Expansão Portuguesa**. Lisboa: Estampa. v. 3, 1986, p. 155-214.

ARRUTI, José Maurício. Políticas públicas para quilombos: terra, saúde e educação. In: PAULA, M.; HERINGER, R. (orgs.). **Caminhos convergentes: Estado e Sociedade na superação das desigualdades raciais no Brasil**. Rio de Janeiro: Fundação Heinrich Boll, ActionAid, 2009. p. 75-110.

AUGÉ, M. **Não-lugares: Introdução a uma antropologia da supermodernidade**. São Paulo: Papirus, 2007.

AZEVEDO, Jucicléa Medeiros de. **Culinário do Seridó: um elemento da identidade territorial**. 2011. Dissertação (Mestrado em Geografia). Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Universidade Federal de Rio Grande do Norte. Natal.

BAIOCCHI, M. de N. **Kalunga: povo da terra**. Goiânia: UFG, 2006.

BAKHTIN, Mikhail. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: O contexto de François Rabelais**. São Paulo: Hucitec, 1987.

BACHELARD, G. **A Poética do Espaço**. In: **Os Pensadores**, São Paulo: Abril Cultural, 1978. p. 181-354.

BAUMAN, Zygmunt. **A Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

_____. **Comunidade a busca por segurança no mundo atual**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2003.

_____. **Identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

BERQUE, Augustin. Paisagem-Marca, Paisagem-Matriz: Elementos da Problemática para uma Geografia Cultural. In: ROSENDAHL, Zeny., CORRÊA, Roberto L. (orgs.) **Paisagem, Tempo e Cultura**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2004. p. 84-91.

BERTRAN, Paulo. **História da terra e do homem no Planalto Central: eco-história do Distrito Federal: do indígena ao colonizador**. Brasília: Verano, 2000.

BRANDAO. Carlos Rodrigues. Crença e Identidade - campo religioso e mudança cultural. **Trabalhos em Antropologia**, Campinas, 1988.

_____. **Pesquisar – Participar**. In: _____ (org.). **Pesquisa Participante**. São Paulo: Brasiliense, 1990.

_____. Do sertão à cidade: os territórios da vida e do imaginário do camponês tradicional in: _____; MESQUITA (orgs.). **Territórios do Cotidiano: Uma introdução a novos olhares e experiências**. Porto Alegre, 1995.

_____. **A Cultura na Rua**. São Paulo: Papyrus, 2001.

_____. Tempos e espaços nos mundos rurais do Brasil. **Revista Ruris - Revista do Centro de Estudos Rurais da UNICAMP**. v. 1, n. 1.2007. p. 37-64.

_____. Entrevista realizada em 2007. Disponível em http://www.tvbrasil.org.br/saltoparaofuturo/entrevista.asp?cod_Entrevista=34. Acessado em 13/09/2014.

_____. **“No Rancho Fundo”**: espaços e tempos no mundo rural. Uberlândia: EDUFU, 2009.

BUTTNER, Anne. Musing on helicon: root metaphors and geography. **Geografiska Annaler**, 64 B (1), 1982. p. 89-96.

_____. Aprendendo o dinamismo do mundo vivido. In: CHRISTOFOLETTI, Antônio Carlos (org.). **Perspectivas da Geografia**. São Paulo, Difel, 1985.

_____. Esperanzas y riesgos del humanismo em Geografia. In: BALLESTEROS, Aurora García (ed.). **Geografia y Humanismo**. Barcelona, España: Oikos – Tau, 1992.

CALVINO, Italo. **As cidades invisíveis**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CAPEL, Horacio. Percepción del medio y comportamiento geográfico. **Revista de Geografía, Universidad de Barcelona**, vol. 8, nº 1, 1973, p. 58-150.

CARLOS, Ana Fani A.; CRUZ, Rita de Cassia Ariza da. (orgs.). **Turismo: espaço, paisagem e cultura**. São Paulo: Hucitec, 1996.

_____. **O lugar no/do mundo**. São Paulo: Labur Edições, 2007.

_____. O lugar: mundialização e fragmentação. In: SANTOS, Milton. (org.). **Fim de século e globalização**. São Paulo: Hucitec, 1994. p. 303-309.

CARPIGIANI, Berenice. Psicologia: **Das raízes aos movimentos contemporâneos**. São Paulo: Cengage Learning, 2010.

CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

CASTRO, Iná Elias de. Paisagem e turismo. De estética, nostalgia e política. In: YÁZIGI, Eduardo (org.). **Paisagem e Turismo**. São Paulo: Contexto, 2002. p.121-140.

CHARTIER, Roger. **O mundo como representação**. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002, p. 61 -80.

CLAVAL, Paul. **La Géographie Culturelle**. Paris: Ed. Nathan, 1995.

_____. As abordagens da Geografia Cultural. In: CASTRO, I. E.; GOMES, P. C. da C.; CORRÊA, R. L. (orgs.). **Explorações geográficas: percursos no fim do século**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

_____. **La géographie du XXI siècle**. Paris: L'Harmattan, 2003.

_____. A Paisagem dos Geógrafos. In: CORREA, R.L; ROSENDAHL, Z. (orgs.). **Paisagens, textos e identidade**. Rio de Janeiro: Editora da UERJ, 2004, p.13-74.

_____. Uma, ou Algumas, Abordagem(ns) Cultura (is) na Geografia Humana? In: SERPA, A. (Org.) **Espaços culturais: vivências, imaginações e representações**. Salvador: EDUFBA, 2008.

CHRISTOFOLLETI, Antônio. **Perspectiva da Geografia**. São Paulo: Difel, 1985.

CIAMPA, A.C. **Identidade. Psicologia social: O homem em movimento**. São Paulo: Brasiliense, 1984.

CORRÊA, Roberto Lobato. A organização Regional do Espaço Brasileiro. In: _____ .**Trajetórias Geográficas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005. p. 197-210.

COSGROVE, Denis. Place, landscape and the Dialectics of Cultural Geography. **The CanadienGeographer**. v. 23 n.1 1978. p.66-72.

_____. A Geografia está em Toda Parte: Cultura e Simbolismo nas Paisagens Humanas. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Orgs.) **Paisagem, Tempo e Cultura**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998A.

_____. Em direção a uma geografia cultural radical: problemas da teoria. **Espaço e cultura**. n. 5, 1998B.

COSTA, Rogério Haesbaert da. **Latifúndio e Identidade Regional**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.

COX, Harvey. **A festa dos foliões: um ensaio teológico sobre festividade e fantasia**. Petrópolis: Vozes, 1974.

DA MATTA, Roberto. **Carnavais, malandros e heróis - Para uma sociologia do dilema brasileiro**. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

D'ABADIA, Maria Idelma Vieira. **Diversidade e Identidade Religiosa: Uma Leitura Espacial dos Padroeiros e seus Festejos no Estado de Goiás**. 2010. Tese (Doutorado em Geografia) – Instituto de Estudos Sócioambientais. Universidade Federal de Goiás. Goiânia.

DELEUZE, Gilles. **Diferença e Repetição**. Rio de Janeiro: Graal, 2006.

DI MÉO, G. La géographie en fêtes. **Revista Plurais Virtual**, v. 2, n. 1, 2012, p. 24 – 55.

DURKHEIM, Émile. **Formas Elementares da Vida Religiosa: O sistema totêmico na Austrália**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

ESCOBAR, Arturo. **Territorios de diferencia: Lugar, movimientos, vida, redes**. Chapel Hill: Envió Editores, 2010.

FERREIRA, Luiz Felipe. Iluminando o Lugar: três abordagens (Relph, Buttimer e Harvey). **Boletim Goiano de Geografia**. v. 22. n. 01. jan / julho de 2002. p. 43 – 72.

_____. O lugar festivo: a festa como essência espaço-temporal do lugar. **Espaço e Cultura**, v. 15. , jan./jun. 2003. p. 7-21.

FOETSCH, Alcimara Aparecida. Subsídios Teóricos epistemológicos para um operacional estudo do lugar. **Revista Espaço Acadêmico**, n. 55. 2005.

GUATTARI, Félix. **Caosmose: um novo paradigma estético**. São Paulo: Ed. 34, 1992.

GHEDIN, Evandro; FRANCO, Maria Amélio Santoro, **Questões de método na construção da pesquisa em educação**. São Paulo: Cortez, 2008.

GOFFMAN, Erving. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. São Paulo: Livros Técnicos e Científicos, 1988.

GOHN, Maria da Gloria. **Educação não formal e cultura política: impactos sobre o Associativismo do terceiro setor**. São Paulo: Cortez, 2005

GOIS, Cezar Wagner. **Atividade e Consciência**. Fortaleza: Instituto Paulo Freire, 2005.

GOMES, Paulo César da Costa. **Geografia e modernidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.

GOMES, Horieste. Reflexões Sobre a Dialética. In: **Boletim Goiano de Geografia números 1 e 2**. Goiânia: Departamento de Geografia da UFGO, 1983A.

_____. Espaço/ Tempo em Geografia. **Boletim Goiano de Geografia**, vol.03, nº 1-2. 1983B.

GONÇALVES, Teresinha Maria. **Cidade e poética: um estudo de psicologia ambiental sobre o ambiente urbano**. Ijuí: Unijuí, 2007.

GUARINELLO, Norberto Luiz. Festa, Trabalho e Cotidiano. In. JANCSÓ, Istivan e KANTOR, Iris (orgs.). Festa: Cultura e sociabilidade na América portuguesa. São Paulo: Hucitec. FAPESP, 2001. p. 969-975

GIDDENS, Anthony. **Modernidade e Identidade Pessoal**. Oeiras: Celta. 1997.

_____. **Modernidade e Identidade**. Rio de Janeiro: Zahar Ed., 2002.

_____. **Sociologia**. Porto Alegre: Artmed, 2005. p. 24-28.

GUSMÃO, Neusa M. M. de. Desafios da diversidade na escola. **Revista Mediações**. v. 5, n. 2. jul.-dez. 2001 p. 9-28,.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.

_____. **Da diáspora – identidades e mediações culturais**. Rio de Janeiro, 2003.

HARVEY, D. **Condição Pós-Moderna**. São Paulo: Loyola, 1992. p. 349.

HOLZER, Werther. Uma discussão fenomenológica sobre os conceitos de paisagem e lugar, território e meio ambiente. In: **Território**. n. 03. 1997. p. 77 – 85.

_____. O lugar na geografia humanista. In: **Revista Território**. nº 7, jul/dez. 1999A.

_____. Paisagem, Imaginário, Identidade: alternativas para o estudo geográfico. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (orgs.). **Manifestações da Cultura no Espaço**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1999B. p. 149-168.

IBGE. Censo Demográfico 2014. Disponível em <http://www.cidades.ibge.gov.br>. Acessado em 10/10/2014.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. São Paulo: Editora da UNICAMP, 2003.

LIMA, N. T. Missões civilizatórias da República e interpretação do Brasil. **História, Ciências, Saúde-Manguinhos**, v. 5, 1998. p. 163-193.

LIMA, Luana Nunes Martins de. **Território e identidade na Romaria Kalunga de Nossa Senhora Aparecida**. 2014 Dissertação (Mestrado em Geografia) Instituto de Estudos Sócio-Ambientais – Universidade Federal de Goiás, Goiânia.

LIMA, Deyseane Maria Araújo; BOMFIM, Zulmira Áurea Cruz. Vinculação afetiva pessoa-ambiente: Diálogos na psicologia comunitária e psicologia ambiental. **Psico**. v. 40, n. 4, 2009, p. 491 – 497.

LOBO, T.C. **A singularidade de um lugar festivo: o reinado de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos e o juizado de São Benedito em Pirenópolis**. 2006. Dissertação (Mestrado em Geografia) Instituto de Estudos Sócioambientais - Universidade Federal de Goiás, Goiânia.

LOWENTHAL, David. The American Scene. **Geographical Review**. v. 58. 1968, p. 61-88.

LUCHIARI, Maria Tereza Duarte Paes. A (re)significação da paisagem no período contemporâneo. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (orgs.). **Paisagem, imaginário e espaço**. Rio de Janeiro: EDUERJ. p. 9-28. 2001.

LUKERMANN, F. **Geography as a formal intellectual discipline and the way in which it contributes to human knowledge**. *Canadian Geographer*, 1964, p. 167-172.

MACHADO, Hilka Vier. Hilka Vier. A Identidade e o Contexto Organizacional: Perspectivas de Análise. **Revista de Administração Contemporânea**, Edição Especial, 2003, p. 51 – 73.

_____. **Identidade organizacional: um estudo de caso no contexto da cultura brasileira**. *RAE- eletrônica*, v. 4, n 1, 2005,

MAGNOLI, D. **Geografia: A construção do mundo (Geografia Geral e do Brasil)**. São Paulo: Moderna, 2005.

MAIA, Carlos Eduardo Santos. Ensaio interpretativo da dimensão espacial das festas populares. In: ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto L. (Orgs.). **Manifestação da cultura no espaço**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999. p. 191-218.

_____. **Enlaces Geográficos de um mundo festivo – Pirenópolis: a tradição cavalheiresca e sua rede organizacional**. 2002. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2002.

MALDONADO, M. T. **As sementes do amor: educar crianças de 0 a 3 anos para a paz**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2003.

MARIANO, Neuza de Fátima. Tem Festa Caipira. A Metrópole de São Paulo. In: XII ENCUENTRO DE GEÓGRAFOS DE AMÉRICA LATINA – EGAL, 2009, Montevideo. **Anais.** Uruguay, 2009. Disponível em: http://egal2009.easyplanners.info/area08/8239_Mariano_Neusa_de_Fatima.pdf Acesso em: 14 de Outubro de 2014.

MASSEY, Doreen. Um sentido global de lugar. In: ARANTES, Antônio (org.). **O espaço da diferença.** Campinas: Papirus, 1994, p. 176 – 85.

MELLO, J. B. F. Geografia Humanística: a perspectiva da experiência vivida e uma crítica radical ao positivismo. **Revista Brasileira de Geografia.** v 1, n.1 1990, p. 91-115.

MORAES, Antonio Carlos Robert. **Geografia Pequena História Crítica.** São Paulo: Annablume, 2003.

MOREIRA, J. F. R. **Paisagens Culturais das Festas e do Cotidiano Kalunga no Engenho II, Cavalcante, Goiás.** 2013. Dissertação (Mestrado em Geografia) Instituto de Estudos Sócioambientais - Universidade Federal de Goiás, Goiânia.

MOSER, Gabriel. Psicologia ambiental. **Estudos de Psicologia,** v.3(1), 1998. p.121-130.

MOURA, Maria da G. da V. **Ritmo e ancestralidade na força dos tambores negros – O currículo invisível da festa.** 1997. Tese (Doutorado em educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo.

NETO, Antonio Teixeira. **Os caminhos de ontem e de hoje em direção a Goiás-Tocantins.** XI Simpósio Nacional da Associação Brasileira de História das religiões. Goiânia: maio, 2009.

_____. **O Território Goiano-Tocantinense no contexto do território do cerrado.** Disponível em www.observatoriogeogoiias.com.br. Acessado em 12/01/2015.

NUNES, Celso. A paisagem como teatro. In: YÁZIGI, Eduardo (org.). **Paisagem e Turismo.** São Paulo: Contexto, 2002. p.215-223.

OLABUENAGA, J.I. R.; ISPIZUA, M.A. **La descodificacion de la vida cotidiana:metodos de investigacion cualitativa.** Bilbao, Universidad de Deusto, 1989.

OLIVEIRA, Lívia. **Estudo Metodológico e Cognitivo do Mapa.** São Paulo: USP/IG, 1979.

OLIVEIRA, Marcelo LelesRomarco. Reflexões sobre o processo de mediação e a transformação de identidades em assentamentos rurais. **Revista Espaço Acadêmico.** Agosto, 2011, p. 161 - 169.

OZOUF, Mona. A festa: sob a Revolução Francesa. In: LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre. **História: novos objetos.** Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1974, p. 216-232.

PALACÍN, Luís. **O século do ouro em Goiás: 1722 – 1822, estrutura e conjuntura numa capitania de Minas**. Goiânia: Editora UCG, 1994.

PAULA, M.V. **Kalunga: o mito do isolamento diante da mobilidade espacial**. 2003. Dissertação (mestrado em Geografia). Instituto de Estudos socioambientais. Universidade Federal de Goiás, Goiânia

PESSOA, Jair de Moraes. Aprender e ensinar nas festas populares. Um salto para o futuro, **Boletim 02**. 2007. p. 03-14.

PORTO-GONÇALVES, C. W. **A globalização da natureza e a natureza da globalização**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

POLLAK, M. Memória e Identidade Social. **Estudos Históricos**. v. 5, n. 10, 1992. p. 200-212,

PORTO-GONÇALVES, C. W. **Globalização da natureza e a natureza da globalização**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

PROSHANSKY, H. M., FABIAN, A. K., KAMINOFF, R. Placeidentity:Physical world socializationofthe self. **Journalof Environmental Psychology**, v.3, 1983, p.57-83.

QUEIROZ, MariaIzaura Pereira de. Relatos orais: do “indizívelaodizível”. In: VON SIMSON, Olga de Moraes (org.) **Experimentos comhistória de vida: Itália-Brasil**. São Paulo: Vértice, 1988.

RATTS, Alecsandro J. P. Conceição dos Caetano: memória coletiva e território negro. **Palmares em Revista**. n. 1, 1996. p. 97-115,

_____. (Re)conhecer quilombos no território brasileiro In: FONSECA, Maria Nazareth Soares (Org.) **Brasil Afro-Brasileiro**. Belo Horizonte, Autêntica, 2000.

REAL, Rosolindo N. de S. Vila. **Cultura e Currículo: Um estudo da escola Kalunga**. 1996. Dissertação (Mestrado em Educação) Faculdade de Educação. Universidade Federal de Goiás, Goiânia.

RELPH, Edward. **Place and Placelessness**.London: Pion, 1976. p 156.

_____. **As Bases Fenomenológicas da Geografia**. Geografia, 1979. p. 1-25.

RODRIGUES, AdyrBalastreri. **Turismo e espaço: rumo a um conhecimento transdisciplinar**. São Paulo: Hucitec, 1999A.

_____. **Turismo e Geografia:Reflexões teóricas e enfoques regionais**. São Paulo, Hucitec, 1999B.

RODRIGUES, Clênio Guimarães. **Sussas e Curraleiras Kalunga:na folia do Divino Pai Eterno da Cidade de Cavalcante – GO e na Festa de Santo Antônio do Engenho II**. 2011.

Dissertação (Mestrado em Artes Visuais). Faculdade de Artes Visuais. Universidade Federal de Goiás. Goiânia

ROSSETTO, Onélia Carmem. Cultura e sustentabilidade ambiental: desvelando caminhos teóricos. **Revista Mato-grossense de Geografia**. ano 11, n. 09. 2006. p. 9 -28.

SANSOT, Pierre. **Poética de La Ville**. Paris: Armand Colin, 1996.

SANT'ANNA, D. B. de. É possível realizar uma história do corpo: In: SOARES, C (org.). **Corpo e história**. Campinas: Autores Associados, 2001. p. 3-23.

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do Espaço habitado. Fundamentos Teórico e metodológico da geografia**. São Paulo: Hucitec, 1988.

_____. **Espaço e método**. São Paulo: Nobel, 1997.

_____. **A natureza do espaço – técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo: Hucitec, 1996.

SANTOS, R. J. **Gaúchos e Mineiros do Cerrado: metamorfoses das diferentes temporalidades e lógicas sociais**. Uberlândia: EDUFU, 2008, p. 249.

SAWAIA, B. B. **O calor do lugar: Segregação urbana e identidade**. São Paulo em Perspectiva, 1995, v. 9, n. 2. p. 20-24.

SCHAMA, Simon. **Paisagem e Memória**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e Aprendizagem e ensino das Africanidades brasileiras. In MUNANGA, Kabengele (org.) **Superando o racismo na escola**. Ministério da Educação Continuada, alfabetização e diversidade, 2005. p. 23; 155; 172.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e diferença: perspectiva dos estudos culturais**. Tomaz Tadeu da Silva (org.). Stuart Hall, Kathryn Woodward. 7. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

SILVA, Martiniano José da. **Sombra dos Quilombos. Introdução ao estudo do negro em Goiás**. Goiânia: CulturaGoiana, 1974.

SMOLKA, A. L. B. **O (im)próprio e o (im)pertinente na apropriação das práticas sociais**. Cad. Cedes, vol.20, no.50. 2000, p. 26 – 40.

SOARES, Aldo Azevedo. **Cidadania Kalunga**. 1993. Dissertação (Mestrado em Direito) Faculdade de Direito, Universidade Federal de Goiás, Goiânia.

STREY, Marlene Neves. **Psicologia Social Contemporânea**. Petrópolis: Vozes, 1998.

TERRA, Lygia. **Geografia geral e geografia do Brasil: o espaço natural socioeconômico**. São Paulo: Moderna, 2005.

THOMPSON, Paul. **A voz do Passado História Oral**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

TORRES, Rozalia Brandao. A Geografia e a Psicologia: aproximações através do uso da associação livre para o estudo das representações sociais. In **Boletim Gaúcho de Geografia**. vol. 34, 2009, p. 57-76.

TUAN, Yi-Fu. Environment and world. **Professional Geographer**, 1965. p.6-7.

_____. **Place: an experiential perspective**. Geographical Review. v.65, n. 2, 1975. p. 151-165.

_____. Space and place: humanistic perspective. In: Gale, S.; Olsson, G (eds.). **Philosophy in Geography**. Dordrecht, ReidelPubl. Co., 1979, p. 387 – 427,

_____. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. São Paulo; Rio de Janeiro: Difel, 1980.

_____. **Espaço e Lugar**. Difel. São Paulo: 1983.

UNESCO. **A Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura**. Disponível em <http://unesdoc.unesco.org/images/0012/001271/127160por.pdf>. Acessado em 08/08/2014.

VIGOTSKI, L. S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: _____; SILVA, T. T.; HALL, S. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. São Paulo: Vozes, 2009.

APÊNDICE

Grupos entrevistados: Foliões, grupos de “Sussa” e batuqueiras, grupos de Congada, fiéis da Igreja Católica, membros da guarda real; mascarados, reis e rainhas, padres, comerciantes.

Observações e questões gerais sobre as folias: Trajeto e casas de pousos (por que este caminho e não outro, se existe algum motivo especial); o que servem (se existe diferença de um pouso para outro e algum alimento considerado sagrado); o que os foliões conversam e cantam durante o trajeto; a divisão de tarefas entre eles e porquê cada um ocupa determinada posição; os objetos e símbolos essenciais que acompanham a Folia; a relação dos foliões com os moradores dos pousos; o que aquela Folia, o trajeto e o lugar por onde passam representam para o folião.

Temas específicos: Como surgiu a Folia; por que ela se divide em duas (giro de cima e giro de baixo); quais os santos e divindades homenageados; quais as mudanças significativas que ocorreram desde quando o senhor(a) participa (principalmente para os foliões mais velhos); qual a sua função dentro da folia e como aprendeu, se foi com os pais e/ou avós; por qual motivo participa dessa folia, se é por devoção; se existem jovens participante e como eles tem se apresentado; qual a importância da Folia para o entrevistado; qual a importância daquele lugar (fazendas específicas) para a ocorrência da folia e se existem negros participando, por qual motivo. Se a chegada das Foliias poderia se dar em outro lugar ou se é essencial que seja em frente à Igreja; quais os objetos fundamentais durante o giro das folias e o que eles significam e representam para o grupo.

Observações e questões gerais sobre o padre e a Igreja Católica: o que acha das Foliias que antecedem a Caçada da Rainha; a Igreja apóia este tipo de manifestação e de que forma; se não fossem as folias, considera que a Caçada da Rainha tem algum teor religioso e qual; por qual motivo os devotos da Igreja levantam os mastros na praça; qual o vínculo da Caçada da Rainha com a Paróquia; por que a Igreja (no caso de Colinas do Sul) sugeriu a mudança de lugar da festa; se e por que a Igreja apóia as atrações turísticas da festa, como os shows de famosos; as manifestações teriam o mesmo significado ocorrendo em outra praça sem ser a da Igreja Matriz onde sempre ocorreu; quais as mudanças percebidas ao longo dos anos pela Igreja e se são consideradas positivas ou negativas; o que acha da presença dos negros (em alguns locais, o que acha da presença dos Kalunga) em determinados momentos da festa, como no batuque, “Sussa” e congada; por que os moradores e a Igreja resistem à mudança da data da festa (em 2014 mesmo sendo ano de Copa do Mundo, os moradores de Colinas do Sul e Monte Alegre de Goiás não consideraram a mudança); qual o papel da Igreja católica na Caçada da Rainha.

Observações e questões gerais sobre os moradores e visitantes: o que acham de todo o movimento durante a realização da festa; qual o significado deles da Caçada da Rainha; se participam dos rituais religiosos ou não e por que; desde quando frequentam e como ficaram sabendo da existência dessa festa; qual a relação da festa com os negros que habitam a região; o que sentiriam caso a Caçada da Rainha deixasse de acontecer.

Observações e questões gerais sobre os reis e rainhas: quem oferece os jantares e por qual motivo; qual a importância do alimento na Caçada da Rainha; se a comunidade contribui de alguma maneira com esses momentos; se a Igreja ou o Poder Político (Prefeitura, Câmara, deputados, vereadores, etc) contribuem com doações; o que aquele jantar ou almoço simboliza para quem está usufruindo e para quem está ofertando. O que acha da Caçada da Rainha atualmente e se ela é importante para a comunidade; por qual motivo quis ser imperador/rei/rainha/imperatriz da festa e o que isso representa; o que significa o império e o reinado; como as vestimentas são decididas, se é uma escolha própria; se existe algum tipo de auxílio financeiro, seja por parte da Igreja ou de órgãos públicos ou da comunidade; como é feita a escolha de quem será rei e rainha, imperador e imperatriz do próximo ano.

Observações e questões gerais sobre as batuqueiras, dançarinas da “Sussa e membros da Congada: se acreditam e reconhecem a importância de suas raízes africanas; o que acredita que os diferencia na dança do batuque e do congo (em relação aos brancos); se as vestimentas ou demais ornamentos representam de alguma maneira singular o grupo ao qual o entrevistado pertence; como é a relação das pessoas pertencentes ao mesmo grupo; como é a relação do grupo ou de uma pessoa ligada a ele com alguém “de fora”, uma “não-batuqueira”, um “não-congo”; se acredita que a Caçada da Rainha é um patrimônio cultural que reafirma a identidade das comunidades participantes, inclusive os Kalunga.

Observações e questões gerais sobre os comerciantes e donos de barraquinhas: desde quando frequenta a festa nesse município; se é sempre como comerciante e se já diversificou a venda dos produtos; qual o procedimento para a instalação da barraquinha na praça durante a festa; por qual motivo participa como vendedor; qual a importância da Caçada da Rainha, além de ser um momento para aumentar a renda; se acredita que os municípios possuem visibilidade regional por causa dessa festa específica ou se tem outros fatores que se destacam mais e quais; se acha pertencente ao grupo de participantes da Caçada da Rainha ou é um espectador.

Observações e questões gerais os guardas reais e mascarados: qual a importância desse personagem para a Caçada da Rainha; se as vestimentas possuem algum significado específico; se os membros do grupo são sempre os mesmos ou se diferem de acordo com os anos; por que escolheu participar como guarda real e/ou mascarado.